



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

WALBER GONÇALVES DE ABREU



**PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS: UM ESTUDO SOBRE  
DERIVAÇÃO E INCORPORAÇÃO NOMINAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE  
SINAIS**

BELÉM-PA  
2019

WALBER GONÇALVES DE ABREU

**PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS: UM ESTUDO SOBRE  
DERIVAÇÃO E INCORPORAÇÃO NOMINAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE  
SINAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras  
- Estudos Linguísticos - da Universidade Federal do Pará  
(UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de  
mestre em Letras.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação  
das línguas naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira  
Ferreira.

BELÉM-PA  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

A162p Abreu, Walber Gonçalves de  
Processos de formação de sinais : um estudo sobre derivação e  
incorporação nominal na língua brasileira de sinais - Libras /  
Walber Gonçalves de Abreu. — 2019.  
167 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras,  
Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará,  
Belém, 2019.

1. Linguística Descritiva. 2. Morfologia. 3. Derivação. 4.  
Incorporação Nominal. 5. Libras. I. Título.

CDD 419.81

---

WALBER GONÇALVES DE ABREU

**PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS: UM ESTUDO SOBRE  
DERIVAÇÃO E INCORPORAÇÃO NOMINAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE  
SINAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras  
- Estudos Linguísticos - da Universidade Federal do Pará  
(UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de  
mestre em Letras.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação  
das línguas naturais.

Aprovado em: 29/03/2019

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.ª Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (Orientadora – PPGL/UFPA)

---

Prof.ª Dr. Jair Barbosa da Silva (Examinador Externo - UFAL)

---

Prof.ª Dra. Ana Villacy Moreira Galúcio (Examinador Externo – MPEG/PPGL-UFPA)

*Dedico à comunidade surda paraense.*



## RESUMO

Os estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) começaram a se desenvolver a partir das pesquisas pioneiras de Ferreira-Brito (1995), mas, ainda hoje, apesar do desenvolvimento social e de uma popularização da Libras, percebemos uma escassez de pesquisas descritivas dessa língua. Nesse sentido, a presente dissertação tem o objetivo de descrever aspectos morfológicos de formação de sinais a partir dos processos de derivação e de incorporação nominal (IN) na Libras. Nas línguas sinalizadas, a derivação tem sido atestada por diversos pesquisadores. Nessas línguas, ocorre a alteração da raiz pela adição de, pelo menos, um parâmetro ao sinal primitivo (QUADROS; KARNOPP, 2004; JOHNSTON, 2006; FELIPE, 2006; XAVIER; NEVES, 2016; PFAU, 2016). Esse parâmetro pode ser entendido como um morfema gramatical (livre ou preso) que é adicionado de forma simultânea ou sequencial à raiz. A IN é entendida como a associação do verbo e de seu argumento dentro da estrutura sintática (MITHUN, 1984; ROSEN, 1989; MEIR, 1999; FERREIRA, 2013). O resultado de ambos os processos é a criação de um novo sinal. Nesse viés, para a realização da pesquisa, elencamos três formas de coleta de dados. Para o processo de derivação, coletamos os sinais do material da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias da videoprova em Libras do ENEM 2017, o que perfaz um total de 45 vídeos. Esses sinais foram descritos e distribuídos em tabelas descritivas por tipo de derivação. Quanto ao processo de IN, coletamos sinais do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA et al., 2017) e de vídeos de sinalização de pessoa surdas, esses coletados de forma elicitada. Por fim, todos os sinais foram analisados qualitativamente. Os resultados demonstram dois casos de derivação na Libras: (i) derivação infixal, marcada pelo parâmetro movimento (MOV) (derivação direcional do MOV, derivação da dinâmica do MOV e reduplicação do MOV) e pela produtividade do morfema-base TEXTO e (ii) derivação sufixal, estabelecida por meio dos marcadores de negação – PRONAÇÃO-DO-ANTEBRAÇO, além de dois marcadores afixais possivelmente em processo de gramaticalização, marcador - ZERO e marcador agentivo. Na IN descrevemos dois grupos de verbos que incorporam seus argumentos, são eles: verbos manuais e verbos simples. Concluímos que ambos os grupos de verbos apresentam as IN composta e classificatória. Constatamos nos verbos manuais, casos de dupla incorporação, no qual tanto objeto quanto adjunto foram incorporados pelo verbo. Finalmente, concluímos que: (i) os processos de derivação e de IN são produtivos na Libras; (ii) os infixos são mais recorrentes na formação de novos itens lexicais da Libras e (iii) os verbos da Libras apresentam uma tendência em incorporar argumentos que ocupam a função de adjunto da sentença, ou seja, instrumentos de uso habitual.

**Palavras-Chave:** Linguística Descritiva; Morfologia; Derivação; Incorporação Nominal; Libras.

## **ABSTRACT**

Brazilian Sign Language (Libras) linguistic studies started from Ferreira-Brito research in 1995. Although there are a social development and a popularization of Libras, in the sense of being more known now a days, this language is not very well described yet. This dissertation intends to describe morphological aspects on the sign formation considering derivational and nominal incorporation (NI) processes. Derivation has been studied by different researchers in different sign languages. The root sign is changed by the addition of at least one parameter to the original sign (QUADROS e KARNOPP, 2004; JOHNSTON, 2006; FELIPE, 2006; XAVIER e NEVES, 2016; PFAU, 2016). That parameter can be understood as a grammatical morpheme (bound or free) which is added simultaneously or sequentially to the root. The NI is seen as the association of the verb and its argument inside the syntactic structure (MITHUN, 1984; ROSEN, 1989; MEIR, 1999; FERREIRA, 2013). Both processes create a new sign. The collected data are from the ENEM 2017 video test in Libras (45 videos). Those signs were described and distributed in descriptive table referring each kind of derivation. To study the nominal incorporation, the data came from Libras dictionary (CAPOVILLA ET AL., 2017) and from videos made according to a field research conducted by the author of this dissertation. All signs were analyzed qualitatively. Results demonstrate two kinds of derivation in Libras: (i) infixal derivation marked by the movement parameter (MOV) (directional derivation of MOV, dynamic derivation of the MOV and reduplication of MOV) and by the productivity of the base morpheme TEXT and (ii) suffixal derivation, made by negative markers -PRONATION OF FOREARM, plus two affixe markers possibly under grammaticalization, -ZERO marker and agentive marker. In NI two groups of verbs were described. Both undergo argument incorporation: manual and simple verbs. Those verbs present compound NI and classifier NI. Manual verbs tend to show cases of double incorporation – object and adjunct can be enrolled by the verb. In conclusion it is possible to say: (i) derivation and NI are productive in Libras; (ii) infixes are more recurrent to form new lexical items in Libras; (iii) Libras verbs tend to incorporate arguments which function as an adjunct in the sentence as instruments.

**Key-Words:** Descriptive Linguistics; Morphology; Derivation; Noun Incorporation; Libras.

## AGRADECIMENTOS

Devo essa dissertação de mestrado primeiramente a Deus, por sua infinita graça em me conceder forças para trilhar esse percurso. Agradeço a Ele pela possibilidade de caminhar ao lado de pessoas especiais que fizeram essa jornada ser mais leve e prazerosa.

Minha mãe, Ana Paula Alves Gonçalves, que com seu amor incondicional fez de tudo para que eu pudesse seguir meus estudos e alçar voos mais altos. Agradeço por todos os dias ter se esforçado em colocar um prato de comida na mesa para que eu me alimentasse e me mantivesse de pé. Eu amo você!

Meu pai, Valdeci Leal de Abreu e meu irmão, Valdinei Gonçalves de Abreu, pelo carinho e pela dedicação em fazer de tudo para que nada faltasse em casa e muitas vezes terem investido em mim, para que continuasse caminhando até aqui.

À minha família do coração, Hermenia Sampaio, Reginaldo Alexandre, Gabriela Sampaio, Priscila Sampaio, Gabriel, Jhulya e Jamille, por fazerem meus dias serem melhores e mais alegres, tornando esse processo mais leve.

Meus amigos, Ana Luiza Dias Fernandes e Hian Denys Silva de Oliveira, pelas conversas e pelos conselhos. Vocês sempre acreditaram no meu potencial e estiveram presentes comigo em cada conquista, fazendo com que ela se tornasse nossa.

Gostaria de agradecer imensamente a todos meus mestres e amigos da vida acadêmica que orientaram e apoiaram meus passos. Em especial, aos professores Eder Barbosa Cruz e Waldemar dos Santos Cardoso Junior, por serem exemplos de docentes. Sempre me levavam a refletir sobre a ciência e, principalmente, sobre a vida.

As minhas amigas da graduação em Letras Libras, Etiene Lima, Melissa Rêgo, Bruna Caroline, Mônica Barreto, Marcilene Alencar e Zilca Cristo, por serem exemplos de ser humano e pela dedicação e esforço para que vencêssemos juntos todos os desafios que nos foram apresentados.

Aos meus alunos do curso de Letras Libras/Português como L2 para surdos da Universidade Federal do Pará (UFPA), pelas oportunidades de compartilhamento de saberes que fizeram com que todos crescêssemos e, mais importante, aproveitássemos horas agradáveis.



Sou eternamente grato à toda comunidade surda de Belém do Pará. Em especial, aos professores Gisele Mello, José Sinésio e Pâmela Matos, vocês são exemplos de superação. Agradeço também aos informantes surdos de Belém pela disponibilidade e paciência em participar da pesquisa.

Devo destacar o papel fundamental das pessoas que me inseriram ao mundo da Libras, minhas eternas tias Rosinha e Silvinha. Vocês são anjos que Deus colocou na terra para ajudar os que mais necessitam.

Meu eterno agradecimento ao meu principal laboratório de aprendizagem da Libras, o Ministério de Libras Leão de Judá, da Igreja Adventista do Jardim Sevilha. Ministério ao qual fui membro e professor. Nos tornamos uma família.

Por fim, minha eterna gratidão a minha orientadora Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira. Obrigado por aceitar o desafio e embarcar no mundo da Libras junto comigo. Sempre saía cheio e inspirado depois dos nossos encontros de orientação. Você me inspirava a ser melhor e a querer sempre mais.

## LISTA DE QUADROS

Quadro (01) – Escrita das orientações da mão no SW	32
Quadro (02) – Tipos de contatos no sistema SW	36
Quadro (03) – Dinâmicas do movimento no sistema SW	36
Quadro (04) – Registros de expressões faciais no sistema SW	37
Quadro (05) – Comutação dos sinais derivados de CASA em Libras	41
Quadro (06) – Tipos de movimentos na LS	50
Quadro (07) – Propriedades compartilhadas entre as Línguas Orais e as Línguas de Sinais	58
Quadro (08) – Morfema lexical e morfema gramatical nos sinais da Libras	66
Quadro (09) – Descrição da nominalização do verbo SENTAR	82
Quadro (10) – Tipos classificadores em ISL	94
Quadro (11) – Sentenças com formas genéricas e formas livres do verbo COMER em Libras	98
Quadro (12) – Tipos de incorporação nominal nos verbos da Libras	102
Quadro (13) – Semelhanças e diferenças entre os processos de composição e de incorporação nominal	106
Quadro (14) – Organização da coleta dos sinais de derivação	111
Quadro (15) – Quadro descritivo de derivação	112
Quadro (16) – Imagens utilizadas na pesquisa sobre IN com os informantes surdos	115
Quadro (17) – Derivações do sinal referente à CASA	119
Quadro (18) – Derivação do sinal referente à IGUALDADE	120
Quadro (19) – Derivação do sinal referente a VALOR	121
Quadro (20) – Derivação do sinal referente à ÁRVORE	122
Quadro (21) – Derivação dos sinais referentes a AUTÊNTICO e VERDADE	123
Quadro (22) – Derivação do sinal referente a FOLHEAR	124
Quadro (23) – Derivação dos sinais referentes a PESQUISAR e PERGUNTAR	125
Quadro (24) – Derivação do sinal referente a ACONTECER	126
Quadro (25) – Derivação do sinal referente a SENTAR	128
Quadro (26) – Sinais derivados do morfema-base TEXTO	129
Quadro (27) – Sinais que apresentam o sufixo de negação com o MOV de pronação do antebraço	130
Quadro (28) – Argumentos testados com os verbos COMER e BEBER	147

## LISTA DE FIGURAS

Figura (01) – Registro dos passos de dança no sistema <i>Dancewriting</i>	28
Figura (02) – Escrita do sinal de AMOR em SW	29
Figura (03) – Sinal referente ao termo SURDO na Libras	30
Figura (04) – Perspectiva expressiva da escrita de sinais	30
Figura (05) – As três configurações de mão básicas em SW	31
Figura (06) – Configurações de mão em SW	32
Figura (07) – Marcação de locação em SW	34
Figura (08) – Marcação de locações situadas no peito em SW	34
Figura (09) – Marcação de locação no rosto em SW	34
Figura (10) – Direcionalidade do parâmetro movimento em SW	35
Figura (11) – Plataforma online do <i>SignPuddle</i>	39
Figura (12) – Quadro descritivo do sinal de CASA em Libras	39
Figura (13) – Cadeia de comunicação nas LS	42
Figura (14) – Dimensão articulatória das LS	43
Figura (15) – Descrição dos parâmetros do sinal RESTAURANTE em Libras	44
Figura (16) – Correlação de tipos de movimentos e membros do corpo	45
Figura (17) – Traços do articulador mãos	45
Figura (18) – Traços do articulador cabeça	46
Figura (19) – Sinais de DESCULPA e de OBRIGADO em Libras	47
Figura (20) – Invetário Ferreira-Brito de Configurações de mãos da Libras	48
Figura (21) – Invetário Faria-Nascimento de Configurações de mãos da Libras	49
Figura (22) – Verbos classificadores da VGT	50
Figura (23) – Sinais de FALAR e LEMBRAR em NGT	50
Figura (24) – Sinal de DE NADA em Libras	51
Figura (25) – Nominalização do verbo OUVIR em Libras	52
Figura (26) – Sinal de PASTA em Libras	52
Figura (27) – Sinais de SÁBADO e de APRENDER em Libras	53
Figura (28) – Incorporação de morfemas ao sinal de CORTAR COM TESOURA em Libras	53
Figura (29) – Sinais de SUPONHA QUE e FÁCIL em NGT	54
Figura (30) – Orientações da palma da mão em Libras	55
Figura (31) – Sinais de IRMÃO e IRMÃ em NGT	56
Figura (32) – Sinal de BOLA PEQUENA em BSL	56
Figura (33) – Diferenças no processo derivacional da Língua Portuguesa e da Libras	58
Figura (34) – Pantomimia e Sinal na LSF	60
Figura (35) – Sinais de conteúdo e de função na Libras	61
Figura (36) – Sentença em Libras: ‘Eu compro os livros’	62
Figura (37) – Sistema arboreo com marcador de plural	62
Figura (38) – Funcionalidades sintáticas do sinal CARRO em Libras	63

Figura (39) – Funcionalidade sintática da apontação ostensiva em Libras	64
Figura (40) – Referenciação por meio do PDcasa em Libras	64
Figura (41) – Afixação de morfemas à base PALAVRA em Libras	68
Figura (42) – Marcação de grau por meio da EF em Libras	69
Figura (43) – Marcação de plural por meio da repetição em Libras	69
Figura (44) – Duplicação por meio da inserção da mão passiva em Libras	70
Figura (45) – Construção com prefixo em ISL	71
Figura (46) – Construção com raiz idiossincrática em ISL	72
Figura (47) – Sufixo <i>-ZERO</i> em ASL	73
Figura (48) – Sufixo <i>-NOT EXIST</i> em ISL	74
Figura (49) – Infixo de negação em Libras	75
Figura (50) – Morfologia simultânea em JSL	77
Figura (51) – Morfologia Simultânea em Libras	77
Figura (52) – Sinal PROFESSOR em ASL	79
Figura (53) – Reduplicação de verbos em Libras	81
Figura (54) – Casos de derivação em Libras	82
Figura (55) – Formação de verbo intransitivo complexo por conta da IN	87
Figura (56) – IN na língua Mokilese	87
Figura (57) – Movimento do adjunto para a estrutura argumental do verbo	88
Figura (58) – IN na língua Tupinambá	88
Figura (59) – IN na língua Huahtla Nahuatl	89
Figura (60) – IN na língua Caddo	89
Figura (61) – Verbo TER em Libras	91
Figura (62) – Verbo ENTREGAR em Libras	91
Figura (63) – Verbo PINTAR em Libras	92
Figura (64) – Classificadores que incorporam verbos	93
Figura (65) – Forma genérica e forma incorporada do verbo COMER em Libras	97
Figura (66) – Forma genérica e forma incorporada do verbo BEBER em Libras	97
Figura (67) – Sinal TESOURA ou CORTAR COM TESOURA em Libras	98
Figura (68) – Incorporação do instrumento PINCEL pelo verbo PINTAR	100
Figura (69) – Incorporação do instrumento LÁPIS pelo verbo PINTAR	100
Figura (70) – Incorporações do verbo CORTAR em Libras	101
Figura (71) – Incorporações do verbo BEBER em Libras	102
Figura (72) – Operação sintática de <i>Conflation</i> realizada pelo verbo CORTAR COM TESOURA em Libras	103
Figura (73) – Formação do sinal PAIS e ABADE em NGT	105
Figura (74) – Versão em português e em Libras da prova do ENEM 2017 para Surdos	110
Figura (76) – Dicionário da Línguas de Sinais do Brasil	113
Figura (77) – Verbos BEBER e COMER em Libras	114
Figura (78) – Sinalização dos informantes do vídeo em SW	116

Figura (79) – Sinais PERGUNTAR e PESQUISAR em Libras	127
Figura (80) – Morfema-base TEXTO em Libras	129
Figura (81) – Pronação do antebraço	131
Figura (82) – Sinais de GOSTAR e de NÃO GOSTAR em Libras	132
Figura (83) – Marcadores de negação em ASL e em Libras	132
Figura (84) – Sentença ‘não perder’ em Libras	133
Figura (85) – Sentença ‘nada de limpeza’ em Libras	133
Figura (86) – Sentença ‘sem compromisso’ em Libras	134
Figura (87) – Sentença ‘ninguém tem a obrigação’ em Libras	134
Figura (88) – Sentença ‘vida real não existe mais’ em Libras	135
Figura (89) – Sentença ‘Feminismo não estimula o ódio’ em Libras	135
Figura (90) – Classificador de PESSOA em Libras	136
Figura (91) – Sinais de VENDEDOR e de CLIENTE em Libras	136
Figura (92) – Sinal de ESCRITOR em Libras	137
Figura (93) – Sinais de PESSOA DA ÁFRICA e AFRICANOS em Libras	137
Figura (94a) – Sinal de CORTAR COM TESOURA DE PODAR em Libras	139
Figura (94b) – Sinal de CORTAR COM TESOURA DE PODAR em Libras	139
Figura (95) – Sinal de CORTAR O CABELO COM TESOURA e CORTAR A UNHA COM TESOURA em Libras	140
Figura (96) – Sinal CORTAR A UNHA COM CORTADOR DE UNHA em Libras	140
Figura (97) – Sinais de ESCOVAR OS DENTES COM ESCOVA DE DENTE e ESCOVAR O CABELO COM ESCOVA DE CABELO em Libras	141
Figura (98a) – Sinal de ESCOVAR O SAPATO COM ESCOVA	142
Figura (98b) – Sentença ‘o homem escova o sapato’ em Libras	142
Figura (99) – Sinais de FECHAR COM CHAVE e FECHAR COM TAMPA em Libras	143
Figura (100) – Sentenças ‘Eu fecho o baú com a chave’ e ‘A mulher tampa a panela’ em Libras	143
Figura (101) – Sinal FECHAR A PORTA em Libras	144
Figura (102) – Sinal de ABRIR OBJETO COM TAMPA em Libras	144
Figura (103) – Sinal ABRIR ENLATADO COM ABRIDOR em Libras	145
Figura (104) – Sinais de ABRIR A PORTA e ABRIR A JANELA em Libras	145
Figura (105) – Sinal de COMER em Libras	147
Figura (106) – Sinalização do verbo COMER MAÇÃ por I1	148
Figura (107) – Sinalização do verbo COMER MAÇÃ por I3	148
Figura (108) – Sinalização do verbo COMER MAÇÃ por I2	149
Figura (109) – Sinalização do verbo COMER COM TALHER por I1 e por I2	150
Figura (110) – Sinalização do verbo COMER COM TALHER por I3	150
Figura (111) – Sinalização da forma não incorporada do verbo COMER por I1	151
Figura (112) – Sinalização do verbo COMER BANANA por I1	151
Figura (113) – Sinalização do verbo COMER BANANA por I2 e por I3	152
Figura (114) – Sinal de BEBER em Libras	152
Figura (115) – Sinalização do verbo BEBER COM COPO pelos informantes	153

Figura (116) – Sinal de CAFÉ ou BEBER CAFÉ em Libras	154
Figura (117) – Sinalização do sinal de CAFÉ por I1	154
Figura (118) – Sinalização de uma variante do sinal de CAFÉ por I1	154
Figura (119) – Sinalização do verbo BEBER COM XÍCARA pelos informantes I2 e I3	155
Figura (120) – Sinal de CHÁ realizado pelos informantes	155
Figura (121) – Sinalização do verbo BEBER COM XÍCARA pelos informantes	156
Figura (122) – Movimento sintático do adjunto CHAVE para a posição verbal	158

## LISTA DE ABREVIATURAS

ASL	Língua Americana de Sinais
CM	Configuração de Mão
EF	Expressão Facial
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ENM	Expressão não manual
IN	Incorporação Nominal
ISL	Língua de Sinais de Israel
JSL	Língua de Sinais do Japão
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LO	Línguas Orais
LOC	Locação
LS	Línguas de Sinais
MOV	Movimento
MSE	Morfologia Sequencial
MSI	Morfologia Simultânea
NGT	Língua de Sinais da Holanda
OP	Orientação da Palma da Mão
PD	Pronome Demonstrativo
SW	<i>SignWriting</i>

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2: O POVO SURDO .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1 História .....</b>	<b>21</b>
2.1.1 Marcas no tempo .....	21
2.1.2 Abordagens educacionais .....	22
<b>2.2 Cultura .....</b>	<b>23</b>
<b>2.3 Língua .....</b>	<b>24</b>
2.3.1 Língua e sociedade .....	24
2.3.2 Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais .....	25
<b>2.4 Escrita de sinais: <i>SignWriting</i> .....</b>	<b>27</b>
2.4.1 Breve histórico do <i>SignWriting</i> .....	27
2.4.2 Estrutura do <i>SignWriting</i> .....	29
2.4.3 <i>SignPuddle</i> : uma ferramenta digital de escrita de sinais .....	38
2.4.4 O <i>SignWriting</i> e os estudos descritivos de Libras .....	39
<b>CAPÍTULO 3: FONÉTICA E FONOLOGIA DA LIBRAS .....</b>	<b>42</b>
<b>3.1 Fonética das línguas de sinais .....</b>	<b>42</b>
<b>3.2 Fonoologia das línguas de sinais .....</b>	<b>46</b>
3.2.1 Configuração de Mão (CM) .....	47
3.2.2 Movimento (MOV) .....	50
3.2.3 Locação ou Ponto de Articulação (LOC) .....	52
3.2.4 Orientação da Palma da Mão (ORI) .....	54
3.2.5 Expressões Não Manuais (ENM) .....	55
<b>CAPÍTULO 4. MORFOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS .....</b>	<b>57</b>
<b>4.1 Modalidade de produção das Línguas de Sinais .....</b>	<b>57</b>
<b>4.2 A definição de sinal .....</b>	<b>59</b>
4.2.1 Critério morfológico .....	61



4.2.2 Critério sintático .....	62
<b>4.3 Morfologia e morfemas .....</b>	<b>65</b>
4.3.1 Morfemas livre e morfemas presos .....	67
4.3.2 Morfemas construtores de novos sinais .....	68
<b>4.4 Afixos nas Línguas de Sinais .....</b>	<b>70</b>
4.4.1 Prefixos .....	71
4.4.2 Sufixos .....	73
4.4.3 Infixos .....	75
<b>4.5 Modalidades dos processos morfológicos das línguas de sinais .....</b>	<b>76</b>
4.5.1 Morfologia Simultânea (MSI) .....	76
4.5.2 Morfologia Sequencial (MSE) .....	78
<b>CAPÍTULO 5: PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS .....</b>	<b>80</b>
<b>5.1 Derivação .....</b>	<b>80</b>
5.1.1 Derivação por reduplicação do movimento .....	81
5.1.2 Derivação infixal .....	82
5.1.3 Derivação da negação .....	83
<b>5.2 Incorporação Nominal .....</b>	<b>84</b>
5.2.1 O problema da incorporação nominal .....	84
5.2.2 Incorporação nominal em línguas orais .....	85
5.2.3 Incorporação nominal em línguas de sinais .....	90
5.2.3.1 Verbos nas línguas de sinais .....	90
5.2.3.2 Incorporação nominal nos verbos manuais .....	92
5.2.4 Incorporação nominal na Libras .....	96
5.2.4.1 Classificação da incorporação nominal em verbos da Libras .....	99
5.2.5 Hipótese sintática de incorporação nominal na Libras .....	102
<b>5.3 Composição .....</b>	<b>104</b>
5.3.1 Composição nas línguas de sinais .....	104

5.3.2 Semelhanças e diferenças entre a composição e a incorporação nominal .....	105
<b>CAPÍTULO 6: METODOLOGIA .....</b>	<b>108</b>
<b>6.1 O corpus .....</b>	<b>108</b>
6.1.1 Corpus do processo de derivação .....	108
6.1.1.1 Enem em Libras .....	108
6.1.1.2 Seleção e organização do corpus .....	111
6.1.2 Corpus do processo de incorporação nominal .....	112
6.1.2.1 Seleção dos informantes .....	114
6.1.2.2 Instruções de participação na pesquisa .....	115
6.1.2.3 Apresentação do corpus de IN na pesquisa .....	116
<b>CAPÍTULO 7: ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>117</b>
<b>7.1 Derivação .....</b>	<b>117</b>
7.1.1 Derivação infixal: o parâmetro MOV .....	117
7.1.1.1 Derivação direcional do MOV .....	118
7.1.1.2 Derivação da Dinâmica do MOV .....	122
7.1.1.3 Derivação por reduplicação do MOV .....	127
7.1.2 Derivação infixal: produtividade do morfema base TEXTO .....	128
7.1.3 Derivação sufixal: marca de negação .....	130
7.1.3.1 Sufixo de negação: pronação do antebraço .....	130
7.1.3.2 Marcador de negação –NADA .....	132
7.1.4 Marcador agentivo .....	135
<b>7.2 Incorporação Nominal .....</b>	<b>138</b>
7.2.1 Verbos manuais .....	138
7.2.2 Verbos simples .....	146
7.2.3 Perspectiva sintática da incorporação nominal do adjunto .....	157
<b>CAPÍTULO 8: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>160</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>163</b>
<b>APÊNDICE: Transcrição dos vídeos dos informantes da pesquisa .....</b>	<b>168</b>

# CAPÍTULO 1:

## INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), enquanto língua natural, cumpre seu papel linguístico com as características fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas, o que só foi possível de ser comprovado a partir das pesquisas pioneiras sobre as Línguas de Sinais, mais especificamente sobre a Língua Americana de Sinais (ASL), elaboradas por Stokoe, em 1960.

No que se refere aos estudos morfológicos no Brasil, Quadros e Karnopp (2004) apontam alguns problemas para se investigar a Libras: (i) a partir de qual língua se deve embasar o estudo linguístico da Libras, pelas línguas orais (LO) ou pelas línguas de sinais (LS) de outros países? Se pelas LO poderemos desconsiderar as especificidades da Libras e se pelas LS nos deparamos com uma bibliografia reduzida na área; (ii) há uma abrangência de aspectos morfológicos a serem investigados e uma carência de evidências reais e teóricas; (iii) há uma discussão quanto à nomenclatura dos aspectos próprios das línguas de sinais e aqueles que são universais linguísticos; Por fim, (iv) raros são os estudos linguísticos realizados nesta área.

Diante dessas questões apresentadas pelas autoras, pretendemos com este trabalho contribuir com os estudos descritivos da Libras. Apresentamos evidências de uso da língua com suas respectivas análises, tendo em vista os aspectos morfológicos dos processos de derivação e de incorporação nominal (IN).

Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é descrever aspectos morfológicos de formação de sinais a partir dos processos de derivação e de IN na Libras, com base em três *corpora*: sinais da videoprova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA et al., 2017) e vídeos de pessoas surdas.

Diante disso, levantamos os questionamentos:

- a) Os processos de derivação e de IN são produtivos na Libras?
- b) Quais tipos de processos derivativos podem ser identificados na Libras?

c) Como funciona o processo de IN na Libras?

Para isso, organizamos este trabalho em 7 seções. Na seção 2 apresentamos o percurso histórico do surdo e de sua educação desde a Idade Antiga até o presente momento. Além disso, expomos a cultura surda e seus artefatos culturais e falamos da Libras, de seus aspectos sociais e dos estudos linguísticos relacionados a esta língua. Finalizamos tratando do *SignWriting* (SW) e seus aspectos históricos, seus conceitos básicos e seu uso na presente pesquisa.

Na seção 3, discutimos os aspectos físico-articulatórios que estão envolvidos na produção dos sinais e dos parâmetros fonológicos da Libras, tais como: configuração de mão (CM), movimento (MOV), locação (LOC), orientação da palma da mão (OP) e expressões não manuais (ENM).

Na seção 4 abordamos o campo da morfologia das LS, demonstrando os conceitos básicos relacionados a essa área de estudo. Apresentamos os aspectos comuns e peculiares entre as LO e as LS, visto que são línguas em modalidades diferentes. Além disso, tratamos sobre a definição de sinal e sobre os morfemas das LS. Finalizamos discutindo as modalidades dos processos morfológicos dos sinais, que dizem respeito as formas simultânea e sequencial de produção dos sinais.

Na seção 5 damos um panorama sobre as pesquisas relacionadas aos processos de formação de sinais de derivação e de IN. Discutimos a produtividade desses processos nas LS, principalmente evidenciada pelo parâmetro MOV, para a criação de sinais a partir de uma mesma base lexical (derivação) e a partir de uma base verbal e uma nominal que se unem para formar um sinal verbal complexo (incorporação nominal).

Na seção 6 apresentamos a metodologia selecionada, com base nos objetivos traçados na presente pesquisa. Expomos como foi constituído o *corpus* de pesquisa e como os dados foram organizados.

Na seção 7 expomos a análise dos dados. Os processos de formação de sinais pesquisados, derivação e IN, são revisitados a partir da análise das unidades mínimas dos sinais que constituem o corpus da presente dissertação.

Para finalizar, na seção 8 apresentamos nossas considerações finais sobre as discussões levantadas na pesquisa e, em seguida, as referências.

## **CAPÍTULO 2:**

### **O POVO SURDO**

Nesta seção tratamos sobre questões concernentes ao povo surdo. Falamos sobre a história, a cultura e a língua desses sujeitos. O fato de língua e cultura estarem intimamente relacionados, justifica a necessidade de apresentarmos pontos relevantes sobre o povo surdo, para então entendermos sobre sua língua.

Dessa maneira, no primeiro tópico, abordamos fatos que marcaram a trajetória dos surdos ao longo da história e damos uma atenção especial para as abordagens educacionais que permearam a educação do surdo durante esse processo. No tópico seguinte, tratamos sobre aspectos culturais da comunidade surda. Apresentamos ainda a Língua de Sinais (LS), tendo em vista as questões sociais relacionadas a essas línguas e o processo histórico de desenvolvimento dos estudos linguísticos das LS até a atualidade. Finalizamos tratando do *SignWriting* (SW) e seus aspectos históricos, seus conceitos básicos e seu uso na presente pesquisa.

#### **2.1 História**

##### **2.1.1 Marcas no tempo**

A história dos surdos é marcada pelas ações do outro (ouvinte<sup>1</sup>) em relação a esses sujeitos. Foram os ouvintes que decidiram por muito tempo quem eram os surdos e qual deveria ser o destino deles. Com o nosso olhar atual, podemos constatar que essas ações se mostraram discriminatórias e desvalorizavam o sujeito surdo e a sua cultura.

Segundo Strobel (2009), na Idade Antiga, os surdos eram vistos como pessoas castigadas ou seres enfeitiçados e, portanto, eram eliminados fisicamente ou tomados como escravos para servirem em trabalhos que demandassem apenas esforço físico. Somente nas regiões do Egito e da Pérsia, os surdos eram vistos de maneira diferente, pois se acreditava que eles eram seres privilegiados, enviados dos deuses e que podiam se comunicar em segredo com essas divindades. Entretanto, esses sujeitos não tinham uma vida ativa na sociedade e nem o direito de serem educados.

---

<sup>1</sup> Nomenclatura usada para designar as pessoas que não são surdas.

Na Idade Média, os surdos eram vistos com estranheza e como objetos de curiosidade pela sociedade. Mesmo com a forte expansão da Igreja nesse período, esse grupo ficou à margem de alguns dos ritos católicos. Por exemplo, por não poderem confessar seus pecados, não era lhes dado o direito de receberem a comunhão. Socialmente, os surdos tinham negados muitos dos direitos de cidadão (STROBEL, 2009).

A Idade Moderna é marcada pelo surgimento de alguns nomes importantes da área médica e da área religiosa que se interessaram pela surdez e começaram a desenvolver métodos e técnicas para educar esses indivíduos. Segundo Rocha (2008), os métodos desenvolvidos eram centrados em uma das três grandes abordagens metodológicas: oral, mímica e mista. O pastor alemão Samuel Heinicke foi um dos defensores do método oral e o abade francês Michel L'Épée, defensor do método misto.

O abade de L'Épée é um dos nomes mais importantes na história da educação dos surdos, pois ele criou a primeira escola para surdos na França, que atendia indistintamente ricos e pobres. Seu método valorizava a LS utilizada pelos surdos. O religioso criou alguns sinais com o objetivo de ensinar a língua escrita, esses sinais criados ficaram conhecidos como 'sinais metódicos'. A escola criada por L'Épée obteve tanto sucesso que até hoje se mantém, mas agora com o nome de Instituto de Jovens Surdos de Paris (ROCHA, 2008; STROBEL, 2009).

No Brasil, segundo Rocha (2008), em 1855, o professor surdo francês E. Huet, filiado ao Instituto de Jovens Surdos de Paris, apresentou um relatório ao então Imperador D. Pedro II que revelava a intenção de criar uma escola para surdos. O Imperador foi favorável ao relatório e Huet iniciou seus trabalhos no espaço do colégio M. de Vassimon. Nesse período, o espaço educativo criado pelo parisiense ficou conhecido como Instituto Imperial de Surdos-Mudos, após algum tempo, com a luta de Huet, foi concedido um espaço maior para a realização das atividades e esse espaço se mantém até hoje no estado do Rio de Janeiro, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

### 2.1.2 Abordagens educacionais

Diante das várias metodologias para ensinar os surdos, que basicamente se pautavam em oral, mímica e mista (ROCHA, 2008), foi organizada uma conferência

internacional de educadores de surdos, ocorrida de 6 a 11 de setembro de 1880, na Itália, para discutir por qual abordagem deveria ser pautada a educação de surdos a partir daquele momento.

Nesse evento, conhecido como Congresso de Milão, os surdos não tiveram direito a voto, dessa feita, os ouvintes decidiram pela abordagem oral. Então, se inicia um período conhecido como oralismo. Nessa abordagem, Quadros (2004) afirma que a LS era totalmente combatida e os surdos eram obrigados a participar de aulas que os treinava para desenvolver a oralidade da língua oficial do país.

Com o fracasso do oralismo, a LS passou a ser utilizada na educação das pessoas surdas, mas seu uso tinha o objetivo de facilitar a oralização do surdo. Esse período, conhecido como comunicação total, pregava o uso de qualquer método ou ferramenta que pudessem favorecer o desenvolvimento da fala na pessoa surda (QUADROS, 2004).

Diante do não desenvolvimento pleno e natural do surdo a partir das abordagens anteriores e da conscientização política desse grupo, cria-se uma abordagem, ainda em desenvolvimento, que legitima esse sujeito, sua cultura e sua língua. Segundo Quadros (2004), o Bilinguismo assegura ao surdo o direito de ter duas línguas em seu contexto educacional: a LS e a língua oficial do país na modalidade escrita.

Nesse momento atual, a oralização não é mais uma obrigação para o surdo, mas é uma escolha pessoal ou da família. No Brasil, a Lei n. 10.436, de 2002, assegura o acesso do surdo a sua língua natural e, por meio dessa língua, ele poderá aprender a Língua Portuguesa na modalidade escrita.

Portanto, a história do povo surdo traz muitas marcas que desconsideram esse indivíduo enquanto um ser capaz e com uma língua em outra modalidade. Entretanto, hoje já vislumbramos diversas mudanças, mas ainda com muitas lutas a serem vencidas, principalmente, para a efetivação plena da abordagem bilíngue, pois o que acompanhamos em muitos contextos é um pseudobilinguismo.

## **2.2 Cultura**

Para entender o conceito de cultura surda é necessário pautar nosso olhar para o surdo não com base na falta, mas sim na diferença. Os surdos durante um longo período histórico foram vistos como ‘ouvintes sem audição’ ou como seres que possuíam algo a menos.

Entretanto, os surdos argumentam que não os falta nada e que são apenas diferentes. Essa visão da diferença diz respeito ao fato de o surdo usar outra língua e

perceber o mundo de uma forma visual. Esses fatores fazem com que esses sujeitos compartilhem alguns costumes e produzam artefatos culturais próprios (SALLES et al., 2004).

Strobel (2006) faz uma diferença entre povo surdo e comunidade surda. Segundo a autora, povo surdo é um

conjunto de sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, usam a língua de sinais, têm costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço compartilhado (STROBEL, 2006, p.6).

Comunidade surda, assim, inclui todos os demais sujeitos que estão envolvidos na causa surda, tais como familiares, professores, intérpretes etc.

Somado a isso, Wrigley (1996) atenta para o fato de que os surdos não possuem um país próprio, eles estão sempre imersos em outro país. Nesse sentido, Skliar (1998) e Salles et al. (2004) argumentam que os surdos se desenvolvem como seres multiculturais, pois a comunidade surda compartilha com a comunidade ouvinte o mesmo espaço físico e geográfico, a alimentação e o vestuário e os demais hábitos e costumes. Entretanto, desenvolvem alguns costumes, mecanismos e tecnologias peculiares que caracterizam a sua forma de ser e de estar no mundo.

Portanto, quando pautamos nossa visão para as pessoas surdas enquanto pessoas que usam uma língua diferente da nossa, e que compartilham, além da cultura ouvinte, uma cultura surda, podemos enxergá-los como sujeitos plenos, isso fortalece o reconhecimento das LS como línguas plenas e com riquíssimos aspectos linguísticos.

## **2.3 Língua**

### **2.3.1 Língua e sociedade**

A visão deficitária que foi atribuída ao surdo durante um longo período da história influenciou para que sua forma de comunicação não fosse reconhecida como língua (QUADROS; LEITE, 2014), mas a mudança de concepção e o interesse de pesquisadores nesse sujeito favoreceram novos estudos relacionados ao surdo e à sua língua.

No Brasil, a Libras só começou a ganhar um maior espaço na sociedade a partir do século XXI, com a sua legalização por meio da Lei n.10.436/2002, seguida da regulamentação pelo Decreto n. 5.626/2005. Essas legislações favoreceram a difusão da Libras nos mais diversos ambientes. Contudo, é importante ressaltar, conforme afirma



Barreto e Barreto (2015, p. 55), que muitas das questões asseguradas pela Lei e pelo Decreto: “não se tornou realidade no dia a dia da comunidade de surdos. Processos judiciais ainda circulam em todo o país para efetivar o que já é lei”.

No meio educacional, a criação dos cursos de Licenciatura em Letras Libras, Letras Libras/Língua Portuguesa como segunda língua para surdos e Bacharelado em Tradução e Interpretação de Libras – Língua Portuguesa, tem favorecido a formação de profissionais capacitados na Libras para atuarem com o público surdo nos espaços escolares. Além disso, a obrigatoriedade da disciplina Libras em todos os cursos de formação de professores tem promovido a conscientização de discentes sobre a surdez e a Libras.

Nesse sentido, o reconhecimento da Libras, favorece para que o ensino da pessoa surda ocorra por meio de uma língua visuogestual, podendo, dessa maneira, contar com professores surdos ou professores ouvintes usuários de Libras e com a presença de tradutores intérpretes em sala de aula.

Socialmente, a Libras tem ganhado espaço em diversos meios. No meio televisivo, podemos constatar a questão da surdez e sua língua como pauta de programas com ampla visibilidade e como destaque em campanhas publicitárias. Além disso, os tradutores e intérpretes de Libras têm integrado as campanhas eleitorais televisivas da maioria dos candidatos e têm atuado nos debates políticos.

Portanto, o reconhecimento e difusão da Libras tem ajudado o processo de inclusão da pessoa surda nos mais variados ambientes sociais. Além do mais, todas essas questões favorecem para que o estudo descritivo sobre a Libras avance e, por conseguinte, essa língua consiga ser melhor compreendida estruturalmente por seus falantes.

### 2.3.2 Estudos linguísticos das línguas de sinais

O pioneiro a investigar questões linguísticas relacionadas à LS foi William Stokoe em 1960. Marinho (2014) afirma que o autor fez uma análise dos sinais da ASL com o intuito de identificar as unidades diferenciadoras de significados e descobriu que a ASL possuía unidades mínimas distintivas que ele nomeou de *cheremes*, o que corresponderia aos fonemas das LO. O pesquisador classificou essas unidades em configuração de mão, movimento e localização; essas se combinavam simultaneamente na formação do sinal (os parâmetros fonológicos serão mais bem discutidos no capítulo 3, na seção 3.2).

Após as pesquisas de Stokoe, se sucedeu uma série de outras investigações linguísticas sobre a LS. Marinho (2014) apresenta um percurso dessas pesquisas ao longo da história e suas respectivas contribuições.

O primeiro foi o pesquisador Robin Battison (1978; 2000) que contribuiu para a inserção do parâmetro Orientação da Palma da Mão aos demais parâmetros já descritos por Stokoe. Em seguida, Ted Supalla e Elissa Newport (1978) investigaram o parâmetro Movimento e identificaram a produtividade desse parâmetro na derivação de nominalização de verbos na ASL. Klima e Bellugi (1979) trouxeram discussões quanto à linearidade das LS ao investigarem sinais compostos.

Seguindo essa perspectiva, Skott K. Liddell e Robert E. Johnson (1989) propuseram um modelo denominado *Hold-Movement-Hold*. Nessa proposta, os sinais eram analisados desde o momento do seu disparo (em que a mão começa a se movimentar) até o momento final da realização do sinal. Com uma crítica ao modelo anterior, Sandler (1989) propôs o modelo *Sandler's Hand Tier phonological model*, seguindo a perspectiva da Geometria de Traços. Com base em seu modelo segmental, Sandler (1993) propôs a noção de sílaba na ASL, que consiste numa sequência de três segmentos *Location-Movement-Location*. Entretanto, esse assunto ainda é muito debatido nas LS, não apresentando um consenso entre os linguistas.

No Brasil, segundo Marinho (2014), as primeiras pesquisas a tratarem sobre aspectos linguísticos da Libras foram de Gladis Knak Rehfeldt (1981) e Lucinda Ferreira-Brito (1995 [2010]).

Ferreira-Brito (1995) primeiro analisou a LS utilizada por índios surdos e ouvintes da tribo Urubu-Kaapor, localizada na região amazônica. Em seguida, desenvolveu uma pesquisa sobre a LS dos centros urbanos do Brasil e assim escreveu seu trabalho mais importante e utilizado até os dias atuais: *Por uma Gramática de Língua de Sinais* (1995).

Marinho (2014) afirma que após o trabalho de Ferreira-Brito, outras pesquisas se desenvolveram com enfoque na sintaxe e na morfologia, como as de Quadros (1995) e as de Felipe (1997). Ressaltamos também a relevância para o campo da descrição da Libras o livro *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*, de Quadros e Karnopp (2004). Neste trabalho, como base nos estudos da ASL, as autoras descrevem questões concernentes à fonologia, à morfologia e à sintaxe da Libras.

Outra contribuição relevante para a descrição da Libras foi a dissertação de Xavier (2006). O linguista faz uma descrição no nível fonético-fonológico da Libras com base no modelo *Hold-Movement*, de Liddell e Johnson (2000 [1989]) (MARINHO, 2014).

Do ano de 2006 até o presente, com o advento dos cursos de Libras em nível de graduação pelas universidades brasileiras, muitos trabalhos de mestrado e de doutorado relacionados à descrição da Libras têm sido desenvolvidos.

## **2.4 Escrita de sinais: *signwriting***

Neste tópico abordamos sobre o *Signwriting* (SW), sistema que se mostrou uma excelente ferramenta de escrita de sinais e um excelente recurso metodológico. Com base nesta pesquisa, para os estudos descritivos das LS, tratamos de seus aspectos históricos, conceitos básicos e seu uso na presente pesquisa.

### **2.4.1 Breve histórico do *SignWriting***

O *SignWriting* (SW) é um sistema gráfico e esquemático de escrita para escrever LS, que a partir de mínimas convenções gráficas possibilita aos sinais serem registrados com bastante naturalidade (STUMPF, 2016). A criação desse sistema ocorreu por meio de Valerie Sutton. A pesquisadora resolveu registrar os movimentos da dança para facilitar a memorização por parte dos dançarinos. Essa proposta acabou por criar uma notação chamada de *Dancewriting* (Figura 01). Pesquisadores dinamarqueses que estudavam a LS e estavam em busca de uma escrita para as línguas sinalizadas, pediram que Sutton registrasse a sinalização de alguns surdos, disponibilizada em vídeos. A partir da adaptação que Sutton fez do *Dancewriting* para a LS, foi que nasceu em 1974 o *Signwriting*. (STUMPF, 2005; BARRETO; BARRETO, 2015).

**Figura (01)** – Registro dos passos de dança no sistema *Dancewriting*

Music: Peter Tchaikovsky THE SLEEPING BEAUTY Prologue As Taught By: Mme. Elna Kosmoska

Choreography: Marius Petipa The Lilac Fairy Notated By: Valerie Sutton

PRINTED IN U.S.A. COPYRIGHT © 1973 BY VALERIE J. SUTTON ALL RIGHTS RESERVED FOR AMERICAN AND UNIVERSAL COPYRIGHTS SECURED

**Fonte:** Barreto e Barreto (2015, p. 70 apud Sutton, 1973)

Barreto e Barreto (2015) afirmam que ao retornar aos Estados Unidos, Sutton começou a desenvolver um trabalho com pessoas surdas, com professores e com pesquisadores da ASL que a ajudaram a elaborar um sistema mais consistente para se adequar completamente as LS. Por um tempo, o registro dessa escrita era todo feito em papéis ou em quadros de escolas, somente a partir de 1981 que o SW ganhou sua primeira versão para computador.

Dessa maneira, essa escrita foi ganhando mais repercussão pelo mundo todo. Até que, em 1996, no Brasil, a partir dos trabalhos do Dr. Antônio Rocha Costa e seu grupo formado na PUC-RS, começaram as pesquisas envolvendo o SW e a Libras (QUADROS, s/d).

A partir desses pioneirismos, atualmente, o SW tem ganhado força nos mais diversos espaços educacionais e sociais. Stumpf (2016) apresenta um estado da arte de pesquisas em SW no Brasil e no mundo. A autora constata que pesquisas nos mais diversos campos de estudo vêm sendo desenvolvidas, como Educação, Tecnologia, Linguística, Tradução etc.

### 2.4.2 Estrutura do *SignWriting*

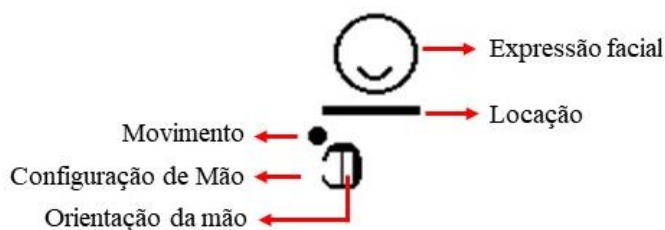
Stumpf (2005) e Barreto; Barreto (2015) apresentam em seus trabalhos noções bem consistentes e completas sobre a estrutura do SW. Com base nesses autores, iremos demonstrar neste tópico algumas considerações relevantes para a presente dissertação, a fim de facilitar o entendimento dos sinais escritos na seção 7 de análise dos dados.

Barreto e Barreto (2015) afirmam que no SW cada grafema representa um fonema da LS, demonstrando, dessa forma, como ele é executado. Os autores argumentam ainda que

grande parte destes grafemas são visualmente icônicos, possibilitando uma rápida associação com os respectivos fonemas. As principais categorias de grafemas representam de maneira visual a cabeça, a face, o tronco, os membros, as mãos e os movimentos, outros grafemas representam as dinâmicas e o tempo. Seus tamanhos são proporcionais entre si (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 76).

Os aspectos apresentados pelos autores podem ser constatados na figura (02) do sinal referente a AMOR na Libras. Nesse sinal escrito, podemos constatar os grafemas representativos dos parâmetros fonológicos.

**Figura (02)** – Escrita do sinal de AMOR em SW



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

No entanto, observamos que a correlação de um grafema para cada fonema ocorre por conta da fase inicial de desenvolvimento do SW pelo mundo, pois essa correspondência direta entre grafemas e fonemas não é prototípico nas línguas do mundo, principalmente por conta da dinamicidade de mudanças entre as modalidades oral/sinalizada e escrita.

Com isso, argumentamos que, com a expansão de uso desse sistema de escrita, será bem mais difícil identificarmos uma correlação entre fonemas e grafemas. Uma vez que, em nossa hipótese, os falantes de línguas de sinais tenderão pela economia linguística no momento da escrita.

Nesse sentido, Stumpf (2005) afirma que o SW apresenta muitos símbolos e, portanto, o escritor pode decidir por aqueles mais essenciais para a compreensão da execução do sinal. Ou seja, se um sinal pode ser entendido sem a necessidade de você inserir dois ou mais símbolos, você pode assim o escrever. A autora argumenta que as várias possibilidades de grafia de um sinal podem ocorrer, até que chegue um momento de standardização da escrita desse sinal. Essas possibilidades podem ser vistas na figura (03) do sinal de SURDO na Libras.

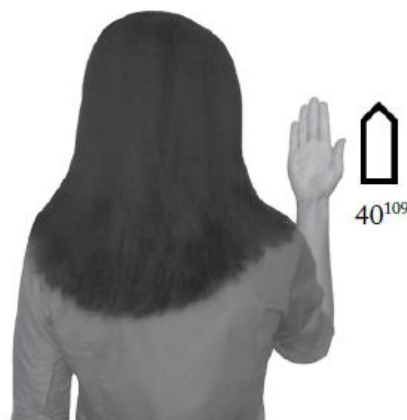
**Figura (03)** – Sinal referente ao termo SURDO na Libras



**Fonte:** Stumpf (2005, p. 57)

Para compreendermos as características da escrita em SW, alguns pontos são essenciais: esse sistema de escrita apresenta uma perspectiva expressiva de escrita, ou seja, os sinais são grafados a partir da perspectiva do sinalizante (Figura 04). Além disso, ao considerarmos a lateralidade na execução dos sinais (uso de uma ou duas mãos) é possível com o SW escrever tanto a sinalização com a mão direita quanto com a mão esquerda. Entretanto, na maioria das literaturas de escrita de sinais do Brasil e do mundo, os sinais são registrados a partir da perspectiva de sinalizantes destros, nesse sentido, parece haver um consenso natural de escrita a partir do ponto de vista da mão direita (BARRETO; BARRETO, 2015).

**Figura (04)** – Perspectiva expressiva da escrita de sinais

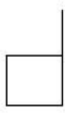







**Fonte:** Barreto e Barreto (2015, p. 122)

Com base nessas informações básicas, apresentaremos a seguir alguns quadros que resumem o uso do sistema SW, tendo em vista a representação dos parâmetros fonológicos: configuração de mão (CM), orientação da palma da mão (OP), locação (LOC), movimento (MOV) e expressões não manuais (ENM).

Quanto ao parâmetro CM, Stumpf (2005) e Barreto e Barreto (2015) destacam três configurações essenciais e que delas outras derivam, são elas: mão indicadora, mão – D e mão aberta, como apresentado na figura (05).

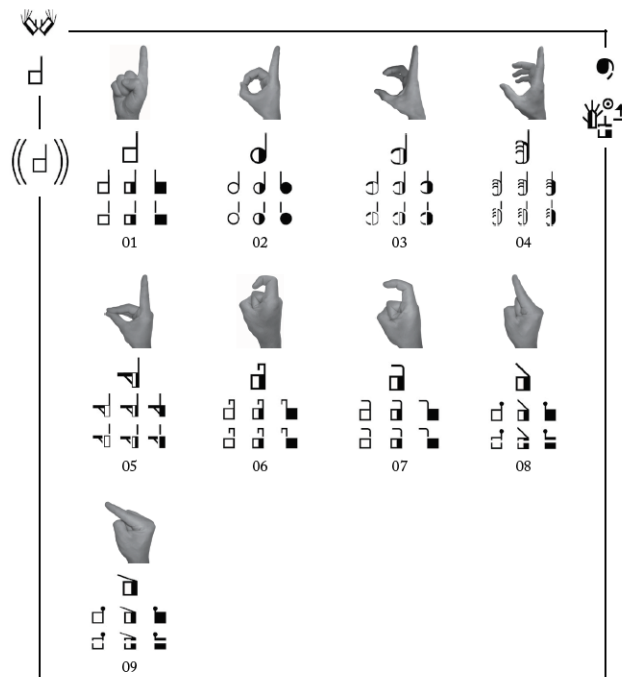
**Figura (05)** – As três configurações de mão básicas em SW

		<b>Mão Indicadora</b>
		<b>Mão - D</b>
		<b>Mão Aberta</b>

**Fonte:** Stumpf (2005, p. 61)

Barreto e Barreto (2015) identificam 111 CM na Libras e, na figura (06), apresentamos algumas destas CM, sendo que, para cada CM demonstrada, há outras seis formas de representação, de acordo com a orientação da palma e do dorso da mão.



**Figura (06)** – Configurações de mão em SW







Fonte: Barreto e Barreto (2015, p. 306)

Quanto as OP, o quadro (01) apresenta as possibilidades de representação desse parâmetro na escrita de sinais, observamos que a diferença entre a posição da mão e do braço em posição vertical ou horizontal é estabelecida por meio de um corte feito na escrita das CM posicionadas horizontalmente.

**Quadro (01)** - Escrita das orientações da mão em SW

OP	Perspectiva Expressiva	SW
Palma da mão em posição vertical para frente	visualizando o dorso da mão	
Palma da mão em posição vertical para dentro	Visualizando a palma da mão	

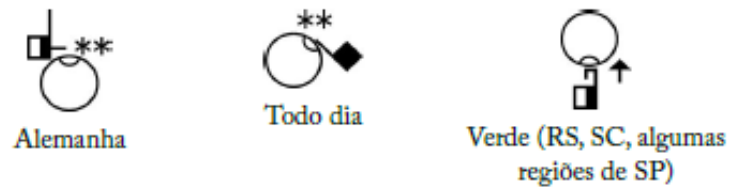


<p>Palma da mão em posição vertical contralateral para a esquerda</p>	<p>Visualizando a palma e o dorso da mão</p>	
<p>Palma da mão em posição horizontal para cima</p>	<p>Visualizando a palma da mão</p>	
<p>Palma da mão em posição horizontal contralateral para a esquerda</p>	<p>Visualizando a palma e o dorso da mão</p>	
<p>Palma da mão em posição horizontal para baixo</p>	<p>visualizando o dorso da mão</p>	

Fonte: Barreto e Barreto (2015, p. 122 e 123, adaptado)

No sistema SW, o parâmetro LOC é indicado principalmente pela posição dos grafemas de CM, já que esses são posicionados próximo do local onde ocorre o contato. Além disso, há grafemas específicos para os locais de realização do sinal na cabeça e no peito. Por exemplo, “escreve-se um pequeno semicírculo na parte da face onde a mão toca. A configuração de mão e o grafema de contato ficam perto do semicírculo” (BARRETO E BARRETO, 2005, p. 147). Exemplos dessas grafias estão apresentadas na figura (07).

**Figura (07)** – Marcação de locação em SW



Fonte: Barreto e Barreto (2015, p. 147)

Para as LOC situadas no peito, há dois tipos de representação: se localizadas no centro do peito, o grafema de contato se situa abaixo do grafema da CM (Figura 08a). Se situadas nas laterais do peito ou do ombro, se usa uma linha grossa e o grafema CM é indicado próximo do local de contato (Figura 08b). É importante destacar que se não estiver escrito o grafema de contato, significa que o sinal é realizado próximo do local indicado pela CM, mas sem que haja contato.

**Figura (08)** – Marcação de locações situadas no peito em SW



Fonte: Barreto e Barreto (2015, p. 146 e 147)

Quando os sinais são realizados com contato ou apenas próximo aos olhos, ao nariz ou a boca, são escritos grafemas específicos dentro do rosto para representar essas locações, como demonstrado na figura (09)

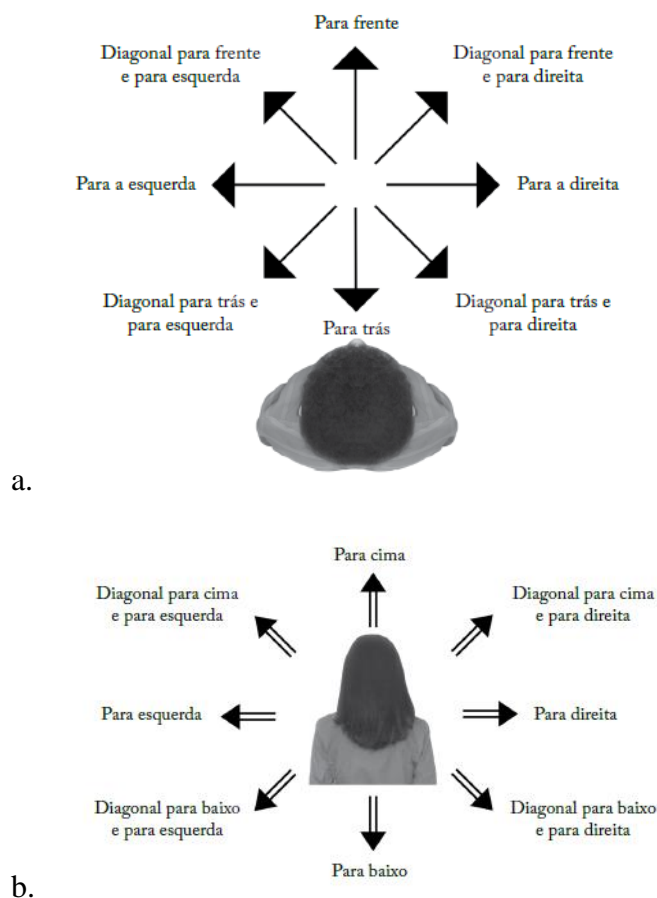
**Figura (09)** – Marcação de locação no rosto em SW



Fonte: Barreto e Barreto (2015, p. 156, adaptado)

A escrita do parâmetro MOV envolve três grupos de grafemas: direcionalidade, tipos de contato e dinâmica do movimento. Barreto e Barreto (2015) afirmam que os grafemas que representam a direcionalidade do movimento são escritos com setas, as de plano de chão, são escritas com uma seta simples, e as de plano de parede são escritas com uma seta dupla, como demonstrado nas figuras (10a) e (10b), respectivamente. Além disso, os autores observam que as setas pretas indicam a mão direita executando o sinal e as setas brancas indicam a mão esquerda.

**Figura (10)** – Direcionalidade do parâmetro movimento em SW



**Fonte:** Barreto e Barreto (2015, p. 132 e 142)

Quanto ao grupo de tipos de contato, Stumpf (2005) apresenta 6 grafemas que indicam esses contatos no SW, os quais podem acontecer mão com mão, mão com o corpo ou mão com a cabeça. O quadro (02) apresenta cada um deles.


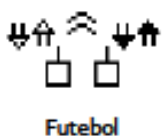


**Quadro (02) - Tipos de contatos no sistema SW**









*	Tocar
+	Pegar
+	Entre
#	Bater
⊙	Escovar
@	Esfregar

Fonte: Stumpf (2015, p. 78)

Já as dinâmicas dos movimentos, são grafemas registrados para demonstrar características específicas do movimento, também podem ser escritos junto as expressões faciais (EF) e as CM, em casos como o uso de classificadores. Stumpf (2005) apresenta 8 tipos de dinâmicas do movimento (Quadro 03).

**Quadro (03) - Dinâmicas do movimento no sistema SW**









⌒	Linha de simultaneidade – ambas mãos movem-se ao mesmo tempo	 Grande
⌒	Linhas de movimento alternado – a direita move numa direção, enquanto a esquerda move na direção oposta.	 Futebol
⌒	Uma mão move enquanto a outra está imóvel – a mão direita move, enquanto a esquerda mantém-se imóvel. Quando a esquerda move, a direita mantém-se imóvel.	 Desenvolver
⌒	Movimento lento	 Passado

	Movimento suave	 <b>Bonito</b>
	Movimento rápido	 <b>Confusão</b>
	Movimento tenso	 <b>Complicado</b>
	Movimento relaxado	 <b>Preguiça</b>

Fonte: Stumpf (2005, p. 88)

O parâmetro ENM é registrado de diversas maneiras, por exemplo com o registro dos ombros junto com o grafema de movimento. Nesse grupo de ENM, temos como principal o conjunto de EF, que no SW terão registros grafados dentro do círculo que representa a cabeça do sinalizante. Stumpf (2005) apresenta várias possibilidades de registros da EF, algumas delas estão exemplificadas no quadro (04).

**Quadro (04) - Registros de expressões faciais no sistema SW**

 Sombrancelhas para baixo	 Boca reta, fechada	 Dentes	 Língua para fora, no centro
 Sombrancelhas para cima	 Boca aberta	 Mordida do lado esquerdo do lábio	 Língua na bochecha direita

Fonte: Stumpf (2005, p. 80, 81 e 82, adaptado)

Com todo o exposto, podemos constatar a eficiência do sistema SW em registrar os sinais de qualquer LS. Nosso objetivo nesse tópico foi o de apresentar algumas noções básicas desse sistema para dar embasamento na leitura da descrição morfológica dos nossos dados. Tendo em vista que alguns grafemas não expostos aqui possam aparecer na análise dos dados (seção 7), faremos, se necessário, algumas considerações junto a análise para esclarecer a leitura.

#### 2.4.3 *SignPuddle*: uma ferramenta digital de escrita de sinais

Neste tópico, trataremos sobre uma ferramenta de escrita de sinais, o *SignPuddle*, que foi utilizado para a escrita dos sinais selecionados para compor nosso corpus. Falaremos sobre a funcionalidade dessa ferramenta e como ela foi utilizada nessa pesquisa.

Segundo Barreto e Barreto (2015), o *SignPuddle* é um dos sistemas computacionais de escrita de sinais difundido pela DAC – *Deaf Action Committee for Sign-Writing*, esse comitê faz parte do *Center for Sutton Movement Writing*. O centro de Sutton é uma organização sem fins lucrativos com sede na Califórnia.

##### Com o *SignPuddle*

é possível – em inúmeras Línguas de Sinais – construir dicionários bilíngues, escrever textos, realizar buscas de sinais (via Língua Oral, via Língua de Sinais escrita, ou por grafema), escrever sinais, textos e ainda enviar e-mails diretamente em *SignWriting* (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 75).

A figura (11) apresenta a página do *SignPuddle* para a edição de sinais em SW, na aba ‘sinal criador’. Nesse espaço, elaboramos a escrita de todos os sinais que utilizamos para compor o corpus da pesquisa.

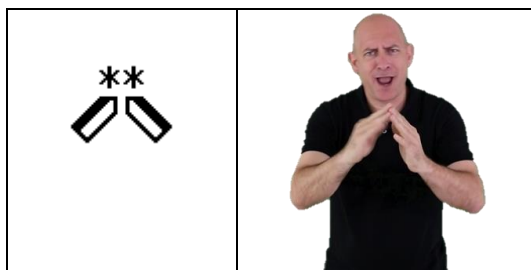
**Figura (11)** – Plataforma online do *SignPuddle*



**Fonte:** [www.signpuddle.org](http://www.signpuddle.org)

Por exemplo, a escrita do sinal CASA foi produzida no programa e em seguida, tiramos um *print* da tela, recortamos a imagem e a colocamos no quadro descritivo junto com a imagem do sinal (figura 12).

**Figura (12)** – Quadro descritivo do sinal de CASA em Libras



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Esse programa demonstrou excelentes vantagens para se trabalhar com a escrita de sinais da Libras, pois o escritor tem à sua disposição diversos elementos necessários para a escrita mais próxima possível à sinalização feita pelos surdos.

#### 2.4.4 O *SignWriting* e os estudos descritivos de Libras

Um dos grandes desafios para os linguistas descritivos de LS é a forma de registro da descrição do sinal. Muitos pesquisadores têm optado pelo sistema de glosa. Esse é um sistema de notação utilizado para transcrever enunciados e textos em LS (FERREIRA-BRITO, 1995 [2010]). Uma das problemáticas desse sistema está no fato dele não

evidenciar a modalidade visual-gestual das LS, sendo os registros todos feitos em Português.

Uma das regras desse sistema é o uso de duas ou mais palavras em Português ligadas por hífen para traduzir o conceito de um único sinal na Libras, como mostrado no exemplo abaixo retirado de Ferreira-Brito (1995 [2010], p. 207).

NÃO-QUERER

BEBER-PINGA

COMER-MAÇÃ

Contudo, com a variedade linguística presente na Libras, não podemos afirmar qual a sinalização exata do sinal descrito pela autora, tornando assim, difícil o entendimento da descrição feita por muitos pesquisadores que utilizam somente o sistema de glosa para representar os sinais, sem apoio de nenhum recurso visual, como, por exemplo, um *print* da sinalização.

Nesse sentido, percebemos que, para os objetivos pretendidos nesta pesquisa, o SW foi eficaz para descrever o sinal articulado pelo sinalizante. Percebemos que esse sistema permite que o leitor possa entender com mais clareza a descrição feita pelo pesquisador.

Outro fator importante é a capacidade de segmentação morfológica do sinal. No quadro (05) temos a demonstração dessa possibilidade de comutação. Com a análise dos sinais que compartilham semelhanças fonológicas e semânticas: casa, favela, morar e vizinho, evidenciamos a base desses sinais a partir das unidades que se repetem, nesse caso a CM com a palma da mão direita e esquerda viradas contralateralmente. A essa base são adicionados simultaneamente morfemas gramaticais que darão sentidos diferentes, formando assim novos sinais a partir de uma mesma base.



**Quadro (05):** Comutação dos sinais derivados de CASA em Libras

Base (morfema lexical)	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal
	**	 casa	
		 favela	
	⇓	 morar	
	↵	 vizinho	

Fonte: elaborado pelo autor (2019)

Portanto, o SW é um excelente sistema para a escrita de sinais, respeitando suas características espaciais, além disso, é uma ferramenta eficiente para ser usada nos estudos descritivos das LS. Tendo em vista ser, a partir de nossas pesquisas, um modelo que pode demonstrar o processo de comutação morfológica de uma língua visual-espacial, como a Libras.

## CAPÍTULO 3:

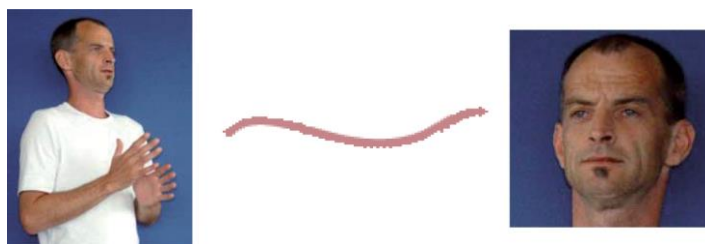
# FONÉTICA E FONOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Nesta seção tratamos brevemente sobre o primeiro nível de análise linguística das línguas naturais: os aspectos fonéticos e fonológicos. Como ocorre nas línguas orais (LO), nas línguas de sinais (LS) essas duas áreas visualizam o mesmo objeto, as unidades mínimas dos sinais, de forma diferente. A Fonética estuda as propriedades físico-articulatórias das unidades mínimas dos sinais, enquanto a Fonologia vislumbra essas unidades por uma perspectiva funcional na língua. O entendimento dessas questões é relevante para percebermos alguns dos funcionamentos morfológicos na constituição de sinais da Libras.

### 3.1 Fonética das línguas de sinais

Kooij e Crasborn (2016) argumentam que a cadeia de comunicação nas LS é estruturada em três partes: a produção do sinal, o próprio sinal e a percepção do sinal, como exemplificado na figura (13).

**Figura (13)** – Cadeia de comunicação nas LS

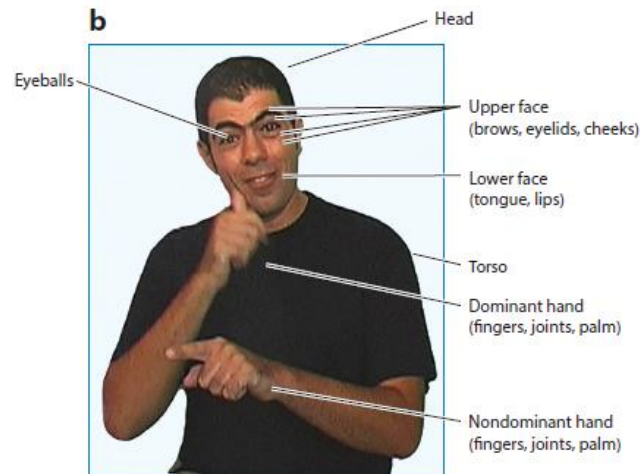


**Fonte:** Crasborn e Kooij (2016, p. 229)

A cadeia de comunicação apresentada pelos autores corresponde às três dimensões de estudo da fonética nas LO apresentadas por Santos e Souza (2014): articulatória, acústica e auditiva, o que nas LS podemos nomear de dimensões: articulatória, imagética e percepção visual.

Dentre essas, a dimensão articulatória (Figura 14) é a que mais interessa aos pesquisadores de LS e será essa dimensão que nos atermos neste tópico, pois os traços articulatórios dos sinais poderão funcionar como marcadores morfológicos na Libras.

**Figura (14)** – Dimensão articulatória das LS



**Fonte:** Sandler (2017, p. 46)

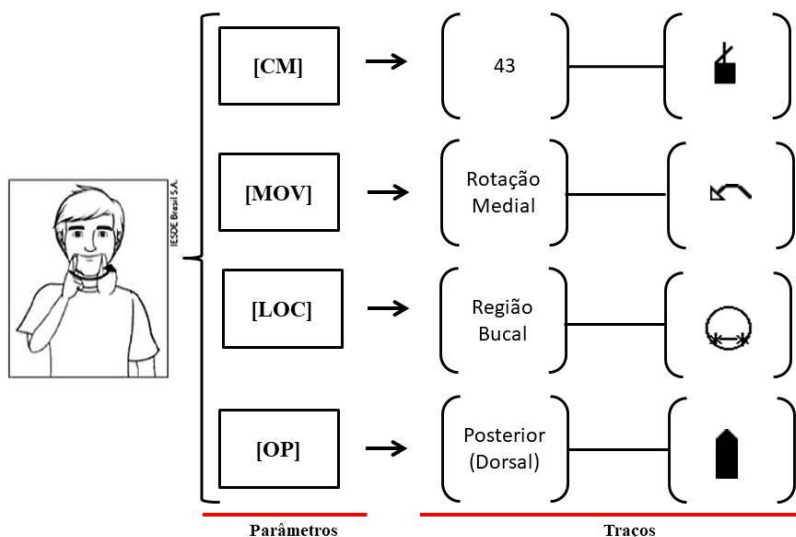
Como mencionamos anteriormente, os estudos fonéticos no campo das LS têm se concentrado em pesquisar os aspectos físico-articulatórios das unidades mínimas dos sinais. Essas unidades mínimas dizem respeito aos cinco parâmetros: Configuração de Mão (CM), Movimento (MOV), Locação ou ponto de articulação (LOC), Orientação da Palma da Mão (OP) e Expressões Não Manuais (ENM), cada um desses parâmetros será mais bem explicitado na seção seguinte que tratará sobre Fonologia.

De forma básica, podemos dizer que CM é a forma como a mão se configura na realização do sinal; MOV é o movimento que essa configuração realiza no corpo ou no espaço neutro; LOC é onde essa CM se localiza; OP é a direção na qual a palma da mão aponta na execução do sinal; e ENM são as expressões marcadas pela face e pelo corpo na articulação do sinal (FERREIRA-BRITO, 1990; 1995 [2010]; QUADROS; KARNOPP, 2004; SANDLER, 2012; KOOIJ; CRASBORN, 2016).

Dessa maneira, cada uma dessas unidades mínimas dos sinais é constituída por traços. Esses traços dizem respeito a características cinesiológicas da anatomia humana. Por exemplo, o sinal referente a RESTAURANTE (Figura 15) na Libras é formado por quatro parâmetros e cada um deles são constituídos por traços articulatórios.

Nesse sinal, não temos a presença do parâmetro ENM, pois as expressões estão presentes nos sinais somente para marcar expressões afetivas, como nos sinais referentes à AMOR, à TRISTEZA e ALEGRIA e expressões gramaticais, como as que marcam negação, interrogação e topicalização. No sinal RESTAURANTE não temos nenhuma dessas possibilidades, por isso, não há a necessidade de marcação de ENM.

**Figura (15)** – Descrição dos parâmetros do sinal RESTAURANTE em Libras



Fonte: elaborado pelo autor (2019)

As formas de classificação dos traços não são unânimes nas pesquisas em LS, existem alguns modelos que descrevem esses elementos, dentre eles está o modelo de Marinho (2014). A autora nos apresenta uma proposta de análise articulatória da Libras baseada na cinesiologia e anatomia humana, a qual acreditamos ser mais coerente para entender os fenômenos fonéticos das LS.

Marinho (2014) afirma que as LS apresentam um mecanismo de produção com um sistema articulatório constituído por 4 subsistemas: membros superiores, tronco, cabeça e membros inferiores. Esses subsistemas e suas estruturas podem se organizar de forma sequencial ou de forma simultânea.

Nesse sentido, podemos exemplificar alguns traços do parâmetro MOV. A pesquisadora demonstra na tabela da figura (16), doze tipos de movimentos e nove membros do corpo e pontua com um (x) os movimentos que esses membros são capazes de realizar.

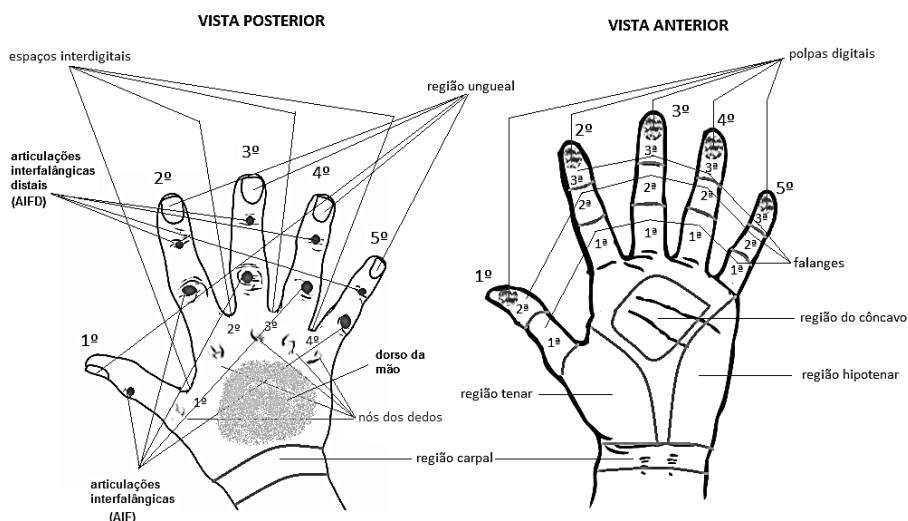
**Figura (16)** – Correlação de tipos de movimentos e membros do corpo

	flexão	extensão	rotação	circundação	abdução	adução	elevação	depressão	protração	pronação	supinação	oposição
cabeça (pescoço)	x	x	x	x								
tronco (cintura)	x	x	x	x								
braço (ombro)	x	x	x	x	x	x	x	x	x			
antebraço (cotovelo)	x	x								x	x	
mão (pulso)	x	x		x								
dedos	x	x		x	x	x						
polegar	x	x		x	x	x						x
coxa (quadril)	x	x	x	x	x	x	x	x				
perna (joelho)	x	x	x									

Fonte: Marinho (2014, p. 26)

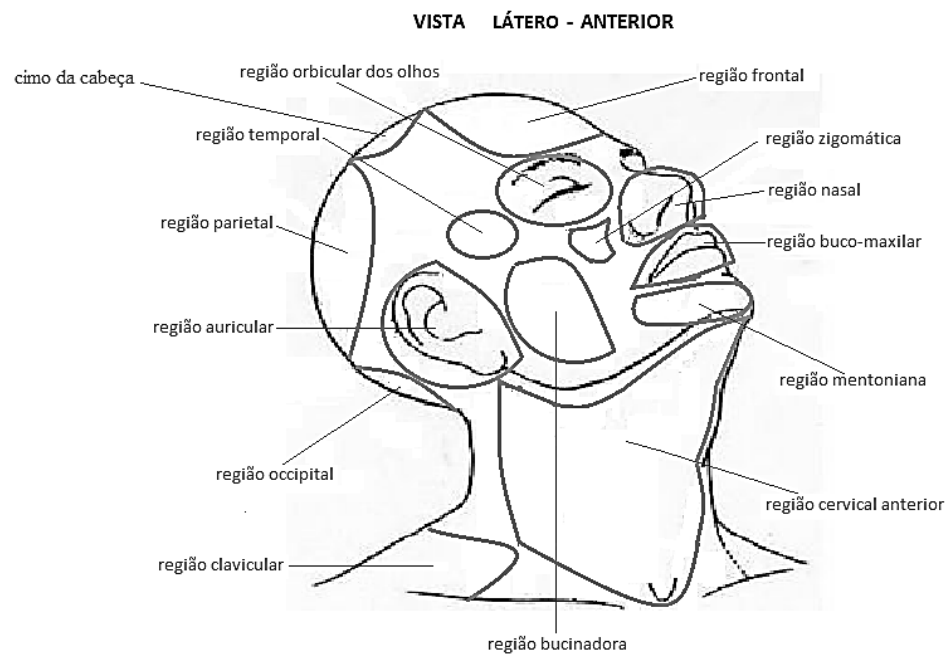
Além do MOV, temos exemplos de traços do parâmetro LOC, mais especialmente dos articuladores mão e cabeça, as figuras (17) e (18) demonstram os pontos articulatórios que podem estar envolvidos na execução de um sinal da LS.

**Figura (17)** – Traços do articulador mãos



Fonte: Marinho (2014, p. 32)

**Figura (18)** – Traços do articulador cabeça



**Fonte:** Marinho (2014, p. 29)

Os estudos fonéticos das LS ainda necessitam serem melhores investigados, mas a partir das pesquisas já realizadas, podemos ter noção sobre o funcionamento físico-articulatório da realização dos sinais. O desafio nesse campo de estudo está principalmente na quantidade de traços possíveis envolvidos na articulação de cada um dos parâmetros.

### 3.2 Fonologia das Línguas de Sinais

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 47) “a fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios”. As autoras apresentam duas tarefas que dizem respeito à fonologia: a primeira é definir as unidades mínimas formacionais dos sinais e a segunda é indicar as combinações que podem ocorrer entre essas unidades e as possíveis variações no ambiente fonológico.

Como já demonstramos anteriormente, as unidades mínimas dos sinais são constituídas pelos parâmetros CM, MOV, LOC, OP e ENM. Em relação às LO, Quadros e Karnopp (2004) apresentam uma diferença na organização fonológica das LS, pois essas articulam seus fonemas simultaneamente. Ou seja, na realização de um sinal temos os

cinco parâmetros sendo articulados concomitantemente. Nos próximos tópicos, trataremos sobre cada um dos parâmetros fonológicos das LS.

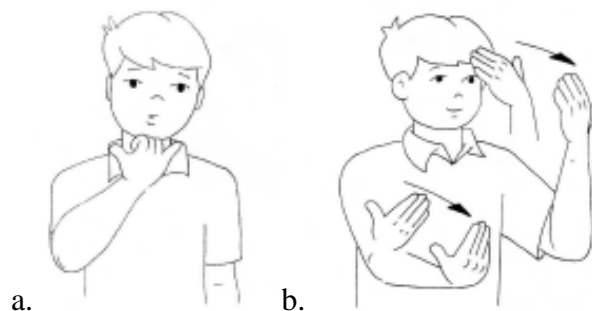
### 3.2.1 Configuração de mão (CM)

O articulador mão é recorrentemente usado nas LS, isso ocorre pelo fato do sistema osteoarticular possibilitar uma extrema mobilidade, favorecendo que esse articulador apresente diferentes formas por meio das quais um ou mais dedos sejam selecionados na realização do sinal (MARINHO, 2014; SANDLER, 2012).

Nesse sentido, temos as mãos como articuladores primários das LS, sendo a unidade “que se movimenta no espaço em frente ao corpo [bem como, acima e laterais] e articula sinais em determinadas locações nesse espaço” (QUADROS E KARNOPP, 2004, P. 51).

Quanto à execução dos sinais, eles podem ser realizados com uma ou duas mãos (QUADROS E KARNOPP, 2004). Nesse viés, a escolha da mão direita ou da mão esquerda na realização do verbo DESCULPAR (19a) na Libras, que é um sinal articulado com uma mão (monomanual), não tem caráter distintivo. Da mesma forma, não há mudança de significado se as mãos direita e esquerda inverterm de posição na realização do sinal OBRIGADO na Libras (19b).

**Figura (19)** – Sinais de DESCULPA e de OBRIGADO em Libras



**Fonte:** Couto (2007, p. 4)

Batissou (2005), ao analisar a ASL, preferiu nomear essa relação entre as mãos de mão dominante e mão não dominante. A primeira refere-se à mão mais usada para a maioria das atividades motoras e a segunda diz respeito à mão usada com menor frequência.

Com isso, Batisson (2005) sugere que em sinais articulados com as duas mãos (bimanuais), há uma mão que assume a posição ativa e a outra assume a posição passiva. A mão ativa tem um papel mais sobressalente na realização do sinal, além de executar os movimentos mais complexos em relação à mão passiva que, muitas vezes, não terá movimento e servirá de apoio para a mão ativa.

Diante do exposto sobre o articulador mão, Kooij e Crasborn (2016) afirmam que o inventário de CM varia de uma LS para outra. Na Libras, Marinho (2014) argumenta que não há um consenso quanto ao número de CM. Dessa forma, os primeiros estudos de Ferreira-Brito e Langevin (1995) identificaram 46 CMs, mais tarde Faria-Nascimento (2009) identificou 75 CMs.

As figuras (20) e (21) mostram o inventário de CM descrito por Ferreira-Brito e Langevin (1995) e o inventário descrito por Faria-Nascimento (2009), respectivamente.

**Figura (20)** – Invetário Ferreira-Brito de Configurações de mãos da Libras

1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	
13	14	15	16	17	18	19

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 53 apud Ferreira-Brito e Langevin, 1995)



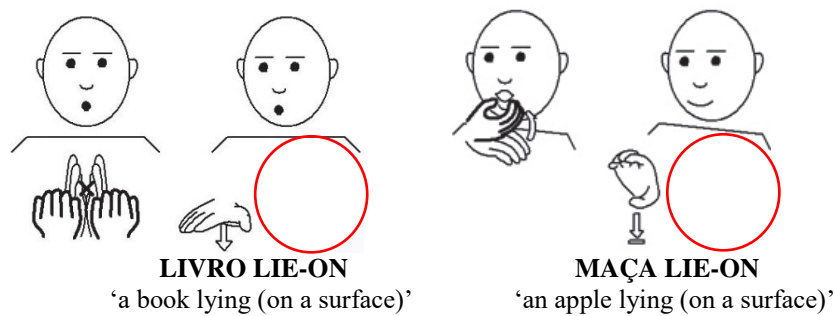
**Figura (21)** – Invetário Faria-Nascimento de Configurações de mãos da Libras



**Fonte:** Marinho (2014, p. 123 apud Faria-Nascimento, 2009)

É importante observar o papel morfossintático que a CM pode assumir na realização de alguns verbos. Na sinalização das sentenças da Língua de Sinais Flamengo (VGT): ‘a book lying (on a surface)’ e ‘an apple lying (on a surface)’ (figura 22), o verbo LIE-ON concorda morfossintaticamente com o sujeito da sentença (livro e maçã), por meio da CM que representa o formato (material) desses sujeitos (KOOIJ e CRASBORN, 2016). A representação da qualidade de um referente (tamanho e forma, manipulação e entidade) por meio dos parâmetros CM, LOC e MOV é conhecida na LS como sinais classificadores; essas representações são convencionadas e variam de uma LS para outra (QUADROS E KARNOPP, 2004; SANDLER, 2011). Em nossa descrição na presente pesquisa, esse processo classificatório terá um importante papel na formação de verbos complexos por meio do processo de incorporação nominal (ver capítulo 5, seção 5.2.3).

**Figura (22)** – Verbos classificadores da VGT



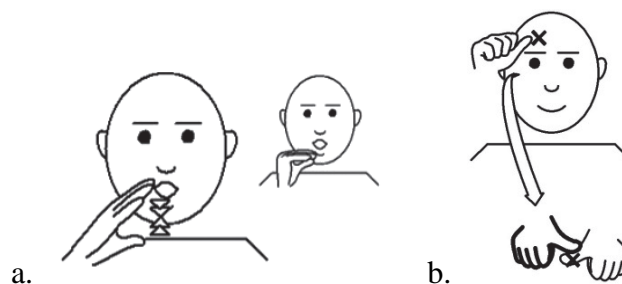
**Fonte:** Baker e Pfau (2016, p. 102, adaptado)

### 3.2.2 Movimento (MOV)

O parâmetro Movimento é conceituado como a trajetória que a mão realiza durante a articulação do sinal, ou seja, os sinais com MOV possuem um ponto de partida e um ponto de chegada (FENLON, CORMIER e BRENTARI, no prelo).

Segundo Kooij e Crasborn (2016), há dois tipos de MOV: movimento interno das mãos e movimento de trajetória. Como exemplo, temos o sinal FALAR (23a) e LEMBRAR (23b) da Língua de Sinais da Holanda (NGT). No primeiro, o MOV do sinal é caracterizado como um movimento interno de fechamento das mãos. No segundo, temos um MOV de trajetória, no qual o sinal parte da testa em direção à mão passiva.

**Figura (23)** – Sinais de FALAR e LEMBRAR em NGT



**Fonte:** Kooij e Crasborn (2016, p. 256 e 263)

Nesse sentido, com base na pesquisa articulatória da Libras de Marinho (2014), podemos elencar 12 tipos de movimentos possíveis, apresentados abaixo:

**Quadro (06):** Tipos de movimentos na LS

Tipos de Movimento
Flexão
Extensão
Rotação

Circundação
Abdução
Adução
Elevação
Depressão
Protração
Pronação
Supinação
Oposição

**Fonte:** elaborado pelo autor (2018)

Podemos exemplificar a análise de um desses movimentos a partir do sinal referente a DE NADA (24) em Libras. Evidenciamos nesse sinal o movimento de rotação, pois esse se caracteriza como um movimento do articulador em torno do seu próprio eixo, neste caso, tem-se o antebraço realizando um círculo, onde as palmas da mão ativa e passiva se tocam.

**Figura (24)** – Sinal de DE NADA em Libras



**Fonte:** Couto (2007, p. 4)

Diante do exposto, percebemos que o MOV pode assumir a função de morfema em alguns sinais. Na morfologia da Libras, o processo derivacional no qual verbos transformam-se em nomes, processo conhecido como nominalização, é bastante produtivo e se estabelece por meio do morfema preso MOV (QUADROS E KARNOPP, 2004). No exemplo abaixo, a duplicação do MOV transforma o verbo OUVIR no substantivo OUVINTE (Figura 25).

**Figura (25)** – Nominalização do verbo OUVIR em Libras



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 98)

### 3.2.3 Locação ou Ponto de Articulação (LOC)

Locação é o ponto no corpo ou no espaço que o sinal é realizado. É possível elencar quatro grupos principais de LOC em todas as LS: cabeça, parte superior do corpo, mão não dominante e espaço neutro (espaço em frente ao corpo) (KOOIJ E CRASBORN, 2016).

Kooij e Crasborn (2016) argumentam que, nas categorias supracitadas, os sinais são articulados em áreas específicas, nas quais um movimento pode ser realizado entre um ponto e outro dentro dessa mesma área. Nesse sentido, para sinais considerados morfológicamente simples, LOC é uma área dentro da qual a mão pode se mover. Esse é o caso do sinal PASTA, na Libras (Figura 26), temos o braço como LOC e, nesse espaço, um MOV, com dois pontos de contato, é estabelecido na execução do sinal.

**Figura (26)** – Sinal de PASTA em Libras



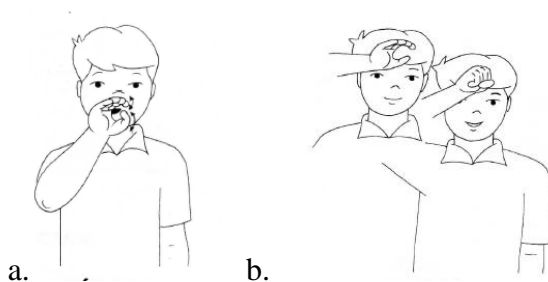
**Fonte:** Couto (2007, p. 8)

A cabeça é o grupo que mais apresenta locações distintas, entre as mais comuns nas LS estão regiões como a testa, a têmpora, a bochecha, a orelha, o nariz, a boca e o queixo. Esse fato pode ocorrer por conta da perspectiva do sinalizante e do interlocutor. O sinalizante, com base na iconicidade, tende a preferir regiões que tenham relação

semântica com o significado do sinal. Quanto ao interlocutor, esse tende a concentrar sua atenção para face do sinalizante no momento da articulação do sinal (KOOIJ E CRASBORN, 2016).

Na Libras, podemos visualizar um exemplo de sinais que são realizados na cabeça e que constituem par mínimo, são os sinais de SÁBADO (27a) e de APRENDER (27b), eles se distinguem apenas pelos traços testa e boca.

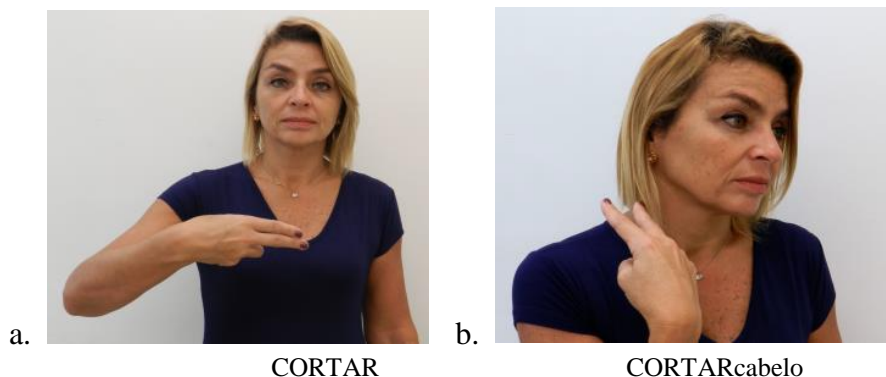
**Figura (27)** – Sinais de SÁBADO e de APRENDER em Libras



**Fonte:** Couto (2007, p. 9 e 89)

Quanto ao papel morfossintático que o parâmetro LOC pode assumir, verificamos essa propriedade nos sinais que Xavier e Neves (2016) chamam de sinais locativos. Por exemplo, o sinal CORTAR-COM-TESOURA (Figura 28a) apresenta uma forma que pode ser incorporada por um morfema locativo que especifica a localização dessa ação, como apresentado em nas figuras (28b) e (28c).

**Figura (28)** – Incorporação de morfemas ao sinal de CORTAR COM TESOURA em Libras





c.  
CORTARbraço (cirurgia)

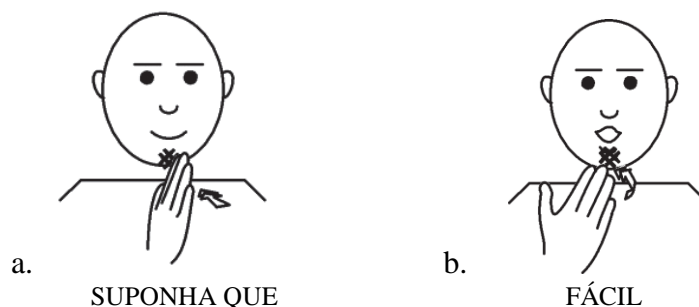
**Fonte:** Xavier e Neves (2016, p. 138)

### 3.2.4 Orientação da palma da mão (OP)

A orientação da palma da mão (OP) diz respeito à direção que a palma da mão e os dedos indicam (QUADROS E KARNOPP, 2004; KOOIJ E CRASBORN, 2016). Segundo Quadros e Karnopp (2004), nos primeiros estudos das LS, Stokoe considerou esse parâmetro como uma subunidade do parâmetro CM, posteriormente Battison (1974 *apud* Marinho, 2014) e demais pesquisadores identificaram o caráter distintivo da OP e então o consideraram como um parâmetro independente.

Nesse sentido, podemos visualizar o aspecto distintivo desse parâmetro a partir do exemplo da NGT. Nos sinais FÁCIL (29a) e SUPONHA QUE (29b) da NGT, percebemos que no primeiro sinal a palma está direcionado para o lado contralateral e no segundo sinal a palma da mão se direciona para o lado posterior (ou dorsal).

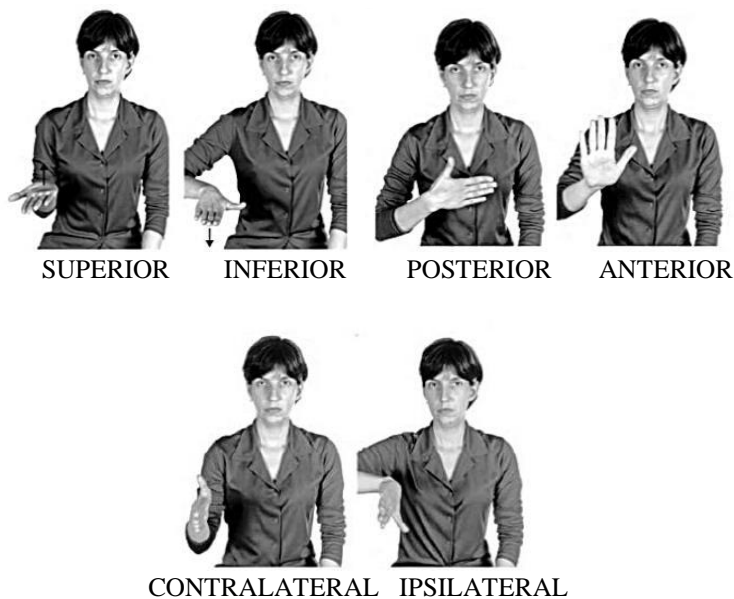
**Figura (29)** – Sinais de SUPONHA QUE e FÁCIL em NGT



**Fonte:** Kooij e Crasborn (2016, p. 260)

Com base nos estudos de Ferreira-Brito (1995 [2010]), Quadros e Karnopp (2004) e Marinho (2014), apresentamos seis tipos de OP da Libras: Superior (Cranial), Inferior (Caudal), Posterior (Dorsal), Anterior (Ventral), Contralateral e Ipsilateral, essas estão representadas na figura (30).

**Figura (30)** – Orientações da palma da mão em Libras



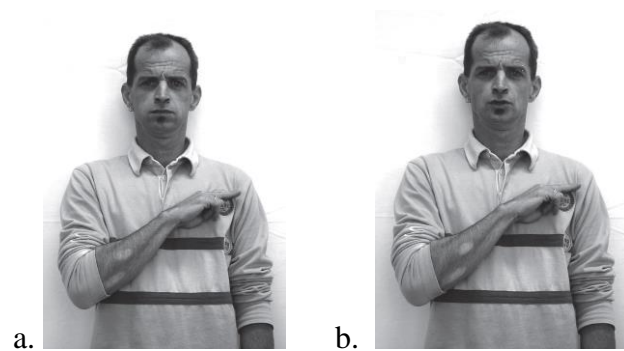
**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004) e Marinho (2014)

### 3.2.5 Expressões Não Manuais (ENM)

Segundo Kooij e Crasborn (2016), as expressões não manuais dizem respeito à postura do corpo e da cabeça, expressões faciais e determinados movimentos ou configurações da boca. Para Quadros e Karnopp (2004), essas ENM podem funcionar como marcação de construções sintáticas (interrogação, negação, exclamação e etc.) e diferenciação de itens lexicais.

Quanto às expressões faciais (EF), os autores distinguem a parte superior e inferior da face. Na parte inferior, as bochechas e a boca desempenham um papel importante na articulação de alguns sinais. Por exemplo, na NGT a realização manual dos sinais de IRMÃO (31a) e IRMÃ (31b) é o mesmo, a distinção entre esses léxicos está na articulação oral de uma parte dessas palavras em Holandês, ou seja, a sinalização de IRMÃO é acompanhada da articulação oral ‘broer’ e de IRMÃ é acompanhada da articulação oral ‘zus’.

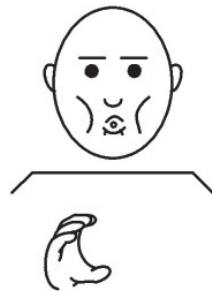
**Figura (31)** - Sinais de IRMÃO e IRMÃ em NGT



**Fonte:** Kooij e Crasborn (2016, p. 268)

Morfologicamente, as ENM podem ter função de morfema (KOOIJ; CRASBORN, 2016), um exemplo é a expressão facial com as bochechas sugadas quando articuladas juntamente com determinados sinais da Língua de Sinais Britânica (BSL), essa expressão afixa o significado ‘pequeno’ ao sinal, como exposto na figura (32).

**Figura (32)** – Sinal de BOLA PEQUENA em BSL



**Fonte:** Kooij e Crasborn (2016, p. 103)

Portanto, diante do exposto podemos constatar que os aspectos fonéticos e fonológicos estabelecem influência sobre os aspectos morfológicos das LS. Nesse sentido, é necessário sempre estar fazendo uma análise fonomorfológica de determinados sinais. Na próxima seção discutiremos mais especificamente sobre a morfologia das LS e seus conceitos centrais.



## **CAPÍTULO 4:**

### **MORFOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS**

Nesta seção discutimos questões concernentes ao campo dos estudos morfológicos das línguas naturais, com foco nas línguas de sinais. Apresentamos considerações a respeito da influência da modalidade de produção das línguas de sinais (LS) em relação as línguas orais (LO) em sua constituição morfológica e abordamos conceitos centrais da Morfologia para que entendamos o sinal e sua estrutura formacional.

#### **4.1 Modalidade de produção das Línguas de Sinais**

Segundo Quadros (2006), na década de 1960, existia um movimento de linguistas de LS com o objetivo de ‘provar’ a legitimidade dessas línguas enquanto línguas naturais. Essas investigações influenciaram fortemente as pesquisas comparativas entre as LS e as LO, com base nos universais linguísticos.

A partir desses estudos, novos postulados teóricos foram inseridos nos estudos linguísticos das línguas naturais. Atualmente sabemos que as línguas naturais podem ser produzidas em duas modalidades: visual-gestual e oral-auditiva. Além disso, podemos perceber que a diferença de modalidade pode demonstrar questões compartilhadas por ambas as modalidades e outras questões específicas de cada uma (KLIMA E BELLUGI, 1979; MEIER, 2002).

Meier (2002) apresenta um quadro comparativo mostrando as semelhanças entre as LS e as LO.

**Quadro (07)** - Propriedades compartilhadas entre as Línguas Orais e as Línguas de Sinais

- Vocabulários convencionais: pares aprendidos de forma e de significado;
- Dualidade de padronização: unidades significativas construídas de unidades sublexicais sem significado, sejam unidades de som ou de gesto;
- Produtividade: vocabulário novo pode ser adicionado às línguas orais às línguas de sinais: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Morfologia Derivacional;</li> <li>- Composição;</li> <li>- Empréstimo.</li> </ul>
- Estrutura Sintática: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mesmas partes do discurso: substantivos, verbos e adjetivos;</li> <li>- Incorporação para formar orações relativas e orações de complemento.</li> </ul>

**Fonte:** Meier (2002, p. 2, adaptado)

Com isso, podemos postular que as LS e as LO compartilham algumas propriedades linguísticas semelhantes, entretanto, organizam a produção dessas propriedades de forma diferente. Queremos dizer com isso que, por exemplo, quanto à produtividade da morfologia derivacional (processo que cria novas palavras ou sinais) a Língua Portuguesa do Brasil cria nomes a partir de verbos por meio da adição de afixos linearmente após a raiz (33a). Esse mesmo processo ocorre na Libras, entretanto, a duplicação do movimento ocorrendo de forma simultânea na realização do sinal é que demarca o morfema derivacional (33b).

**Figura (33):** Diferenças no processo derivacional da Língua Portuguesa e da Libras



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

Quanto às questões específicas de cada modalidade, Quadros (2006) faz o seguinte questionamento: como as línguas de sinais podem contribuir para os estudos linguísticos? A autora postula que essa simples mudança de olhar para as especificidades “abre novos caminhos investigativos no campo da linguística buscando explicações para o que é diferente entre estas modalidades de língua, inclusive com o exercício de olhar as LS a partir delas mesmas enquanto línguas visuais-espaciais” (QUADROS, 2006, p. 169).

Nesse sentido, entendemos que os estudos morfológicos da Libras têm identificado propriedades e processos semelhantes aos das LO, entretanto, podemos argumentar que questões morfológicas específicas das LS podem ser descobertas, tendo em vista a modalidade visual-gestual que essas línguas apresentam.

#### **4.2 A definição de sinal**

Na teoria linguística, mais especificamente nos estudos morfológicos, há discussões quanto ao conceito de palavra. Não há uma unanimidade na definição desse elemento. Bloomfield (1933) conceitua palavra como sendo uma forma livre mínima, ou seja, são formas significativas que podem ocorrer isoladamente e não são constituídas por outras formas livres menores. Basílio (2000, p. 11) argumenta que essa definição de palavra traz problemas para as discussões sobre o processo de composição e problematiza “se o problema é da definição de palavra, ou do conceito de palavra composta”.

No trabalho de Aronoff e Fudeman (2011), os autores discutem o conceito de palavra sob a perspectiva fonológica, morfológica e sintática. Fonologicamente, palavra pode ser entendida de acordo com a atribuição da tonicidade na palavra. Morfológicamente, o uso de diferentes formas de uma palavra em contextos diferentes seria considerado palavras distintas, por exemplo, palavra no singular e no plural, por ocorrerem em contextos sintáticos diferentes, devem ser consideradas palavras diferentes. Quanto à perspectiva sintática, Aronoff e Fudeman (2011) afirmam que palavra pode ser definida como menor unidade da estrutura frasal que varia sintaticamente e como a menor unidade que pode ocorrer sozinha na língua.

Tendo como base essas discussões, nos ateremos com mais profundidade aos critérios morfológico e sintático para definir o que é um sinal nas línguas visual-gestual. Para isso, com base em Quadros e Karnopp (2004), tomaremos o conceito de palavra das LO de forma equivalente ao de sinal nas LS, pois ambos apresentam comportamentos

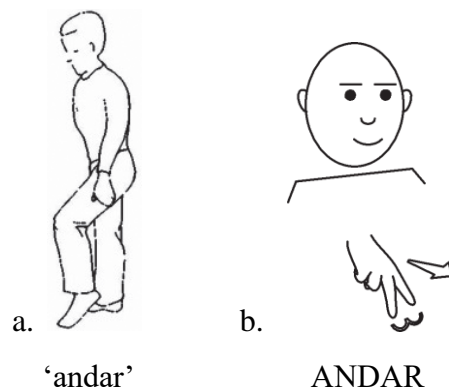
parecidos fonologicamente e morfossintaticamente, além disso, parecem ter a mesma dificuldade na definição do que seja cada um nas LO e nas LS, respectivamente.

Dessa maneira, o primeiro ponto a ser discutido é a distinção entre um sinal e outros movimentos corporais, como a pantomima. Schermer (2016) apresenta duas condições importantes para a compreensão do que seja um sinal, diferenciando-se assim da pantomima. A primeira condição está relacionada à realização dos sinais serem feitos de forma manual, às vezes, combinada com algum elemento não manual. A parte manual do sinal é constituída minimamente de uma forma de mão, um local, uma orientação e um movimento. Precisamos destacar que há sinais na Libras em que as mãos não são utilizadas, como os sinais de LADRÃO e RELAÇÃO SEXUAL. Nesse sentido, esses sinais não comportam a primeira condição de Schermer (2016), mas comportam a condição seguinte.

A segunda condição diz respeito à clareza de um significado descrito para uma realização manual (ou não manual) ser considerada um sinal. Schermer (2016) afirma que o significado de um signo é convencional, ou seja, os sinalizantes chegaram a um acordo sobre o significado de determinado sinal.

Dessa maneira, podemos entender que, na figura (34a), o exemplo é uma pantomima e o exemplo da figura (34b) é um sinal da Língua de Sinais Francesa (LSF).

**Figura (34)** – Pantomimia e Sinal na LSF



**Fonte:** Baker *et al.* (2016, p. 174)

Diante dessas colocações, iremos aprofundar as discussões sobre a definição de sinal no âmbito do critério morfológico e do critério sintático.

#### 4.2.1 Critério morfológico

Trataremos sobre o critério morfológico com base no conceito de palavra gramatical, que é entendida como as diferentes formas de uma palavra ocorrer dependendo do contexto sintático (ARONOFF E FUDEMAN, 2011).

Nesse sentido, Aronoff e Fudeman (2011) apresentam dentro desse critério dois tipos de palavras: palavra de conteúdo e palavra funcional. As palavras de conteúdo são aquelas que fazem referência a objetos, eventos, conceitos abstratos, sentimentos e atitudes, além disso, podem ser peculiares de determinados dialetos sociais, étnicos e regionais. Enquanto que, as palavras funcionais são definidoras de funções gramaticais específicas. Nomes, verbos, adjetivos e advérbios são exemplos de palavras de conteúdos e determinantes, tais como pronomes, conjunções e alguns verbos são exemplos de palavras funcionais.

Nesse prisma, refletindo sobre essas concepções nas LS, temos que, verbos da Libras como COMPRAR e IR (figura 35a) são sinais de conteúdo, pois indicam eventos de ação, já o determinante apontação ostensiva é sinal funcional. Segundo Quadros e Karnopp (2004) a apontação ostensiva (figura 35b) é um elemento que pode acompanhar o sinal de um referente específico para a marcação espacial desse referente na construção sintática, funcionando dessa maneira como um pronome demonstrativo (PD).

**Figura (35)** – Sinais de conteúdo e de função na Libras



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 129 e 144, adaptado)

Portanto, podemos presumir que o sinal pode ser definido como termo da Libras que indica objetos, eventos, conceitos abstratos e funções gramaticais. Nesse sentido, temos dois tipos de sinais: os sinais de conteúdo e os sinais funcionais.

#### 4.2.2 Critério sintático

Segundo Sandalo (2012), a definição de palavra na sintaxe considera que uma sequência de sons é definida como palavra se:

- (i) puder ser usada como resposta mínima a uma pergunta;
- (ii) puder ser usada em várias posições sintáticas

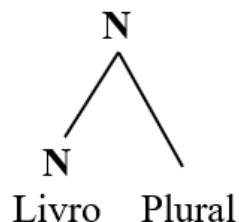
Nesse sentido, consideremos a sentença em Libras na figura (36). Qualquer sinalizante diria que estamos diante de três sinais da Libras. Contudo, se considerarmos o sinal como a menor unidade sintática, poderíamos argumentar que o marcador de plural que duplica o movimento do sinal LIVRO seria considerado uma unidade sintática e que ocuparia uma posição no sistema arboreo (Figura 37), portanto, este elemento seria um sinal da Libras.

**Figura (36)** – Sentença em Libras: ‘Eu compro os livros’



**Fonte:** Quadros e Kanopp (2004, adaptado)

**Figura (37)** – Sistema arboreo com marcador de plural



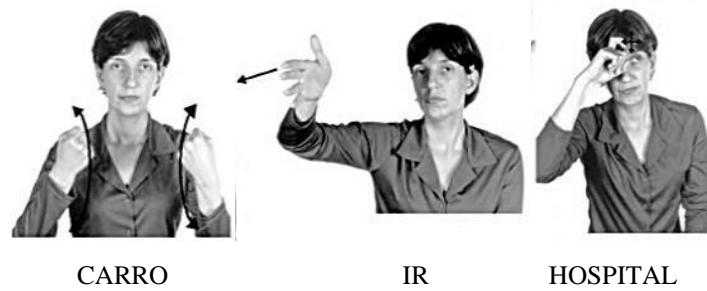
**Fonte:** Aronoff e Fudeman (2011, adaptado)

Entretanto, se concebermos que a sintaxe ordena somente palavras na estrutura sintática e não qualquer elemento (ARONOFF E FUDEMAN, 2011), temos que o marcador de plural não seria um sinal, uma vez que ele ocorre somente junto do nome e não varia sintaticamente.

Outra característica dos sinais é que eles são as menores unidades da língua que ocorrem sozinhas (ARONOFF; FUDEMAN, 2011). Analisando o sinal CARRO da Libras, podemos constatar na figura (38) que além desse sinal variar sintaticamente, ele pode ocorrer como resposta mínima a uma pergunta.

**Figura (38)** – Funcionalidades sintáticas do sinal CARRO em Libras



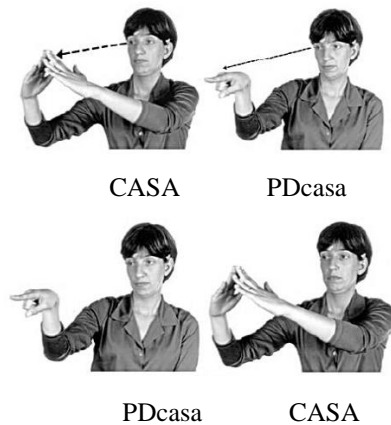


‘O carro vai ao hospital’

Fonte: Quadros e Kanopp (2004, adaptado)

De outra forma, analisando a apontação ostensiva da Libras pelo critério sintático, observamos que ela pode ocorrer antes ou depois do referente, como demonstrado na figura (39) com o sinal CASA da Libras.

Figura (39) – Funcionalidade sintática da apontação ostensiva em Libras



Fonte: Quadros e Kanopp (2004, adaptado)

Além disso, verificamos que a apontação ostensiva pode variar sintaticamente na sentença. Por exemplo, após a marcação do referente CASA na frase, todas as vezes que o sinalizante quiser se referir a esse elemento, basta que ele retome por meio da apontação ostensiva ao local demarcado.

Nesse sentido, podemos ter construções do tipo:

Figura (40) – Referenciação por meio do PDcasa em Libras



‘Eu gosto dessa casa’





**Fonte:** Quadros e Kanopp (2004, adaptado)

Entretanto, entendendo o sinal como uma unidade mínima que pode ocorrer livremente. Dessa maneira, a apontação ostensiva, apesar de em alguns contextos ter o mesmo significado de um pronome, não é classificada como um sinal, pois dificilmente ocorrerá como resposta mínima de uma pergunta, podendo funcionar como resposta somente em contextos muito restritos dentro do discurso.

Dessa maneira, podemos postular com base nos estudos de Aronoff e Fudeman (2011) e Sandalo (2012) em relação as LO, que o sinal nas LS é a menor unidade que pode ocorrer sozinha na língua e um elemento que ocorre em várias posições sintáticas.

Diante do exposto, podemos concluir que conceituar sinal nas LS é tão difícil quanto conceituar palavra nas LO. Percebemos com as definições apresentadas que, um termo pode ser considerado sinal no critério morfológico e esse mesmo termo não é considerado sinal no critério sintático. Contudo, as argumentações aqui apresentadas podem ser um primeiro passo para as discussões sobre a definição de sinal na Libras.

### 4.3 Morfologia e Morfemas

. Segundo Aronoff e Fudeman (2011) e Mithun (2014), a morfologia é a área da linguística que estuda a estrutura interna e a formação das palavras a partir da combinação de morfemas, o que nas LS corresponderia, segundo Quadros e Karnopp (2004) e Johnston (2006), ao estudo da estrutura interna e formação dos sinais.

Nesse sentido, a unidade máxima da morfologia é a palavra [e o sinal] e a unidade mínima são os morfemas (SANDALO, 2012). Os morfemas são

unidades regulares, mínimas e significativas que funcionam como palavras ou partes de palavras. Essas unidades, ao se anexarem a uma base, podem alterar o seu significado e/ou provocar mudança em sua classe gramatical (derivação), ou ainda trazer informações gramaticais para a base, tais como caso, número,

pessoa, aspecto, intensidade, etc (flexão) (tradução nossa) (JOHNSTON, 2006, P. 324)<sup>2</sup>.



Diante disso, Ferreira-Brito (1997), ao descrever a gramática da Libras, discute duas funções que o morfema pode exercer nessa língua: a função de morfema gramatical ou a função de morfema lexical (ou raiz).

Analisando diversos sinais que compartilham semelhança na significação e na estrutura podemos constatar que eles têm uma unidade que permanece frequente nos vocábulos, essa unidade é classificada como morfema lexical ou raiz do sinal. Quanto às unidades que são anexadas ou incorporadas a essa raiz classifica-se como morfema gramatical (FERREIRA-BRITO, 1997).



O morfema lexical é o que carrega o sentido nocional, sendo o responsável pela parte mais significativa do sinal. Enquanto o morfema gramatical é afixado à raiz para adicionar informações gramaticais ao sentido da raiz ou ainda formar um novo item lexical.

No primeiro exemplo do quadro (08) podemos constatar que, ao ser adicionado um movimento reduplicado (morfema gramatical) ao sinal de SENTAR (morfema lexical ou raiz), cria-se um novo item lexical, o sinal CADEIRA. No segundo exemplo, a incorporação de uma expressão facial (morfema gramatical) ao sinal de BONITO (morfema lexical ou raiz), muda-se o grau desse adjetivo, formando o sinal BONITÃO.

**Quadro (08):** Morfema lexical e morfema gramatical nos sinais da Libras

 <b>SENTAR</b> (raiz)	 <b>CADEIRA</b> (sinal derivado)
<b>RAIZ</b> (Morfema Lexical)	+ movimento repetido (marca de nome) (Morfema Gramatical)

<sup>2</sup> Morphology deals with the regular, minimal, meaningbearing units in language – morphemes – which are words or parts of words. Morphemes can effect changes in meaning by signaling the creation of a new word or a change in word class (derivation), or by signaling grammatical information such as case, number, person, aspect, tense, etc., (inflection).

 <p><b>BONITO</b> (raiz)</p>	 <p><b>BONITÃO</b> (sinal derivado)</p>
<p>RAIZ</p> <p>(Morfema Lexical)</p>	<p>+ expressão facial — (marca de grau aumentativo)</p> <p>(Morfema Gramatical)</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019) com base em Quadros e Karnopp (2004)

#### 4.3.1 Morfemas Livres e Morfemas Presos

Segundo Felipe (2006), os parâmetros das LS podem ser considerados morfemas que se realizam por meio de uma configuração de mãos, movimentos direcionados, mudança na frequência do movimento, de uma locação e de alguma expressão facial, ou movimento de cabeça simultâneo à realização do sinal, que, por meio de alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das LS. Contudo, é importante dizer que essas combinações não são limitadas, uma vez que, sendo a LS uma língua natural, esta é plena em criatividade.

Nesse sentido, Faria-Nascimento (2013) afirma que os morfemas podem ser livres ou presos. Os primeiros ocorrem isoladamente e os segundos não ocorrem isoladamente. A autora acrescenta ainda que

no estudo das unidades morfológicas construcionais da LSB [Língua de Sinais Brasileira], também são encontrados: (a) morfemas livres, independentes, constituídos de ULS [Unidades Lexicais] já construídas na língua, as quais podemos considerar como unidades primeiras/primitivas, que servirão de base ou complemento para a construção de novas ULS; e (b) morfemas presos, dependentes, os quais nunca aparecem sozinhos, ligam-se a pelo menos um outro morfema para construir uma ULS livre, isto é, são unidades dependentes de outras para se constituírem unidades lexicais independentes. (p. 83)

Em (41) temos o morfema livre PALAVRA, acrescido de morfemas presos que trazem para a base (morfema livre) novas informações, constituindo novos itens lexicais do mesmo campo semântico, tais como os sinais abaixo, referentes aos termos de MORFOLOGIA, DERIVAÇÃO e COMPOSIÇÃO, respectivamente.

**Figura (41)** – Afixação de morfemas à base PALAVRA em Libras



MORFOLOGIA



DERIVAÇÃO



COMPOSIÇÃO

**Fonte:** Farias-Nascimento (2009, p. 102)

Esses morfemas podem ser classificados conforme sua funcionalidade de construção de novos sinais. Faria-Nascimento (2013) classifica seis tipos deles, dos quais trataremos com detalhes no próximo tópico.

#### 4.3.2 Morfemas construtores de novos sinais

Podemos classificar, de acordo com Faria-Nascimento (2013), quatro tipos de morfemas que são construtores de novos sinais, os quais podem se manifestar como morfemas livres ou morfemas presos. Esses tipos são os aditivos, os alternativos, os repetidos e os reduplicados.

Segundo Faria-Nascimento (2013), os morfemas aditivos são os que expandem o significado dos sinais quando se associam a uma base, isso ocorre por meio da adição do significado desse morfema ao significado preexistente da base na qual ele se afixou.

Essa base é conhecida como raiz do sinal e os morfemas associados a ela são denominados de afixos. Os afixos, dependendo do local de sua afixação em relação à raiz, podem ser classificados em prefixo, sufixo e infixos (FARIA-NASCIMENTO, 2013; PETTER, 2014). Na Libras, observamos apenas a ocorrência de sufixo e infixos até o momento. Trataremos de forma mais detalhada sobre os afixos na próxima seção.

Ainda em relação aos tipos de morfemas, Faria-Nascimento (2013) identifica os morfemas alternativos entre os morfemas aditivos. A autora caracteriza os alternativos como morfemas que modificam a base do sinal, ou seja, ocorre uma alteração na estrutura da base a partir da inserção de um morfema alternativo a ela. Esse morfema é

exemplificado na figura (42). O sinal BONITO apresenta uma base que é modificada com a incorporação de expressões faciais para marcação de grau. Quanto maior a amplitude do movimento, maior a gradação do sentido da base.

**Figura (42)** – Marcação de grau por meio da EF em Libras



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 125)

Nesse sentido, observamos que os morfemas alternativos compartilham as mesmas características de infixos nas LS, da forma que entendemos esse afixo na presente dissertação (discutiremos melhor os infixos no tópico 4.4.3).

Os morfemas repetidos são os que articulam-se seguidas vezes e normalmente marcam o plural de substantivos ou o coletivo, a intensificação dos adjetivos, a distinção entre verbos e nomes, o aspecto e o tempo (FARIA-NASCIMENTO, 2013). No sinal de ANO-ANTERIOR (Figura 43), a repetição do morfema marca o plural nesse substantivo.

**Figura (43)** – Marcação de plural por meio da repetição em Libras



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 119)

A duplicação ou reduplicação de morfema ocorre pela inserção da mão passiva realizando o mesmo sinal da mão ativa. Essa inserção não faz com que o significado mude, apenas enfatiza ou intensifica o sentido do morfema apresentado (FARIA-NASCIMENTO, 2013). Diniz (2010), em seu estudo diacrônico da Libras, identifica a duplicação de mãos como um processo de mudança histórica que ocorre em sinais que

são realizados longe do campo de acuidade visual e, portanto, a duplicação das mãos favorece com que o interlocutor visualize de uma maneira mais clara a articulação do sinal, como apresentado no exemplo (44).

**Figura (44)** – Duplicação por meio da inserção da mão passiva em Libras

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 2			
MACACO			
	MACACO	MACACO	MACACO

**Fonte:** Diniz (2010, p. 90)

É importante pontuar que a classificação de Faria-Nascimento (2013) apresenta uma nomenclatura diferente em relação ao fenômeno da reduplicação, o que o autor nomeia de morfema repetido, é entendido por Quadros e Karnopp (2004) e outros autores como reduplicação, mas a reduplicação é classificada por Faria-Nascimento (2013) como a duplicação de mãos na realização dos sinais.

Diante dessa questão, nos posicionamos da seguinte maneira. A repetição de morfemas para marcar o plural, a nominalização, o aspecto e o tempo será classificado nesta dissertação como reduplicação. Enquanto que, a inserção da mão passiva na articulação do sinal será nomeada de duplicação.

Destarte, após a apresentação de alguns aspectos estruturais mais relevantes para o trabalho proposto, no próximo tópico concentraremos nossa atenção nos morfemas aditivos construtores de novos sinais: prefixo, sufixo e infixos.

#### 4.4 Afixos nas línguas de sinais

Nesta seção trataremos sobre os afixos identificados nas LS. Discutiremos três tipos de afixos: os prefixos, os sufixos e os infixos. Ressaltamos que há também outros tipos de afixos, como os circunfixos e os transfixos, mas apenas os três afixos mencionados acima foram identificados até o momento em LS.

Em relação à Libras, os estudos descritivos mostram apenas casos de sufixos e infixos. Alguns elementos que em determinados contextos parecem funcionar como

prefixos na Libras, serão discutidos na análise dos dados (capítulo 7, seções 7.1.3.2 e 7.1.4).

Segundo Mithun (2014), os afixos são caracterizados como morfemas que, ao se ligarem a uma raiz, modificam o significado dela. Além disso, esses elementos nunca ocorrem sozinhos como sinais, portanto, são presos. Faria-Nascimento e Petter (2014) afirmam que os afixos são classificados de acordo com o local ao qual o morfema se anexa em relação à raiz. Devemos ressaltar que, as LS não apresentam casos canônicos de afixos.

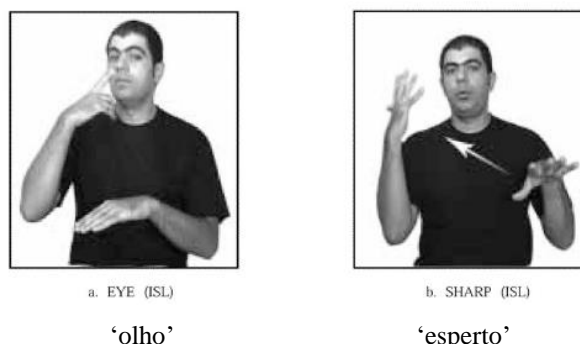
#### 4.4.1 Prefixos

Os prefixos são afixados antes da raiz (MITHUN, 2014). Temos esse tipo de afixação evidenciada na Língua de Sinais de Israel (ISL). As pesquisas de Aronoff *et al.* (2005) sobre a ISL evidenciaram um grupo de prefixos nessa língua que os autores nomeiam informalmente de *sense prefixes*. Todos esses prefixos estão relacionados com os órgãos do sentido, como: olhos, nariz, ouvidos, cabeça e boca, que são afixados em raízes de sinais para formarem verbos.

Alguns desses sinais formados com *SENSE PREFIXE + RAIZ* apresentam significado idiossincrático e outros não, ou seja, os sinais complexos que são formados com essa combinação podem constituir um sentido que faça relação com os significados da raiz e do prefixo e outros sinais podem não ter essa mesma relação de sentido.

Os autores apresentam dois exemplos. O primeiro é do sinal DISCERNIR VISUALMENTE (44). Esse sinal é composto pelo prefixo OLHO mais a raiz ESPERTO. Dessa maneira, podemos construir o sentido desse sinal a partir dos significados que suas partes (prefixo e raiz) remetem.

**Figura (45)** – Construção com prefixo em ISL





c. EYE + SHARP 'discern by seeing' (ISL)

OLHO + ESPERTO = 'discernir visualmente'

Fonte: Aronoff *et al.* (2005, p. 48)

Diferentemente do exemplo anterior, os sinais de DESTREZA e INTELIGENTE (figura 46) são formados com a mesma raiz, sendo que essa não apresenta um significado isoladamente. Dessa forma, os sentidos de destreza e inteligência na ISL devem ser articulados com o acréscimo de um *sense prefixe* a raiz.

Figura (46) – Construção com raiz idiossincrática em ISL



a. CUNNING: MOUTH + (base which does not occur on its own)

BOCA + BASE  
'destreza'



b. SMART: HEAD + (base which does not occur on its own)

CABEÇA + BASE  
'inteligência'

Fonte: Aronoff *et al.* (2005, p. 49)

Diante disso, Aronoff *et al.* (2005) argumentam que há muitas razões para acreditar que estamos diante de sinais complexos (prefixo + raiz) e não diante de duas palavras independentes (sinais compostos), por exemplo, (i) semanticamente, algumas dessas construções apresentam um significado transparente, como em (45), mas outras construções não possuem; (ii) algumas raízes não apresentam um significado independente sem a presença de um *sense prefixe*, embora essa raiz tenha as características fonológicas de sinal, tal como o exemplo da figura (46); (iii) a categoria lexical desses prefixos não é clara, significando “olho” ou “ver”, por exemplo. Essa



indeterminação não é comum para sinais, mas é frequente em afixos; (iv) apenas as cinco formas ocorrem na primeira posição, sendo combinadas com muitas raízes. Já em compostos, a princípio, qualquer palavra do léxico pode ocorrer na primeira ou na segunda posição; e (v) os sinais complexos formados com o *sense prefixe*, quase sempre são verbos, independente da categoria lexical da base.

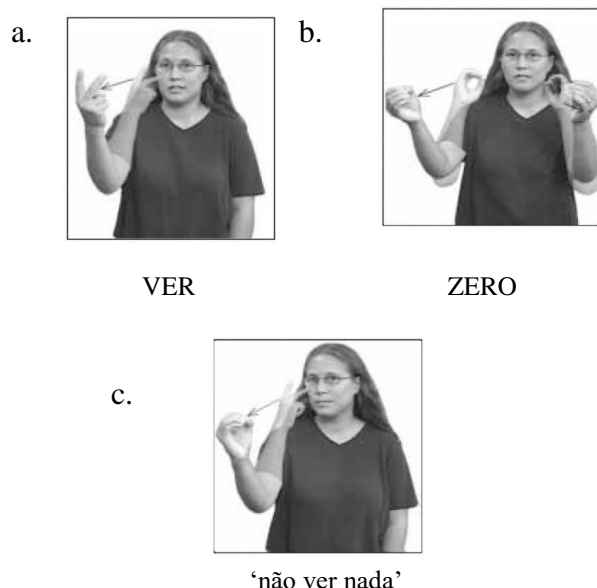
#### 4.4.2 Sufixos

Os sufixos são afixados após a raiz. Segundo Johnston (2006), com exceção dos prefixos da ISL, os poucos afixos identificados nas LS, são todos sufixos. Entretanto, a partir da descrição dos nossos dados, verificamos uma quantidade considerável de infixos na Libras, que se justifica por estarmos diante de uma língua que tende a articular seus sinais de maneira simultânea. Trataremos melhor sobre essa questão no capítulo 7.

Para exemplificar esse tipo de afixação, trataremos sobre os sufixos de negação – *ZERO* da ASL e o sufixo –*NOT EXIST* da ISL.

Quanto à ASL, Aronoff *et al.* (2005) afirmam que, provavelmente, o sufixo –*ZERO* é originado da forma livre com significado usual de ‘nada’ ou ‘nenhum mesmo’, esse sinal é articulado com a CM em formato de zero nas duas mãos e movimentado para fora do corpo (figura 47b). O processo de gramaticalização na ASL tem revelado o uso desse sinal como sufixo em verbos. No exemplo da figura (47a), o sufixo –*ZERO* é fixado após a raiz verbal *VER*, derivando assim o sinal de *NÃO VER NADA* (figura 47c).

**Figura (47)** – Sufixo -*ZERO* em ASL



**Fonte:** Aronoff *et al.* (2005, p. 46)

Algumas justificativas são apresentadas por Aronoff *et al.* (2003) para explicar esse sinal como sufixo e não como uma forma independente, tais como (i) sua ordem em relação ao verbo é fixa e a forma VERBO + ZERO não pode ser interrompida com outros sinais; (ii) para alguns sinalizantes, pelo menos, o verbo e o sufixo são fundidos fonologicamente e são obrigatoriamente caracterizados pelas mesmas articulações e posturas não manuais; e (iii) algumas formas VERBO + ZERO assumiram significados especiais que não são diretamente recuperáveis dos seus componentes.

Além disso, há uma restrição fonológica e uma morfológica que reafirmam esse sinal como sufixo. Segundo Aronoff *et al.* (2005), fonologicamente, a forma –ZERO ocorre somente em verbos articulados com uma mão (monomanuais), o que apoia a justificativa de que RAIZ + ZERO é um sinal complexo, apesar de serem duas palavras independentes. O não entendimento desse processo como composição se dá pela tendência de afixação desse sufixo, ou seja, a forma –ZERO evita a afixação em raízes articuladas com duas mãos (bimanuais), enquanto a composição tende a ocorrer em sinais bimanuais ou a influenciar a articulação bimanual em sinais que naturalmente são articulados com uma mão. Morfológicamente, esse afixo não ocorre em verbos de concordância e verbos com movimento, somente em verbos simples.

O sufixo *-NOT EXIST* da ISL, de igual forma como ocorreu com formas afixais em outras LS, surgiu do sinal independente com significado de ‘nenhum’ e tem sido gramaticalizado como afixo (ARONOFF *ET AL.*, 2003). Na figura (48) temos o sinal SEM ENTUSIASMO.

**Figura (48)** – Sufixo *-NOT EXIST* em ISL



**Fonte:** Aronoff *et al.* (2003, p. 62)

### 4.4.3 Infixos

Os infixos são afixados dentro da base. Segundo Ferreira-Brito (1995 [2010]), Felipe (2006) e Faria-Nascimento (2009), esse tipo de afixo ocorre simultaneamente à execução do sinal-base que o incorpora por meio de uma alternância no movimento ou por meio de expressão não manual (ENM), entretanto, as três pesquisadoras nomeiam e entendem esse fenômeno de formas diferentes.

Tomando como base a proposta de cada autora, elas analisariam o sinal NÃO CONHECER (Figura 49) da Libras de formas diferentes. Ferreira-Brito (1995 [2010]) analisaria a expressão facial de negação como um afixo suprasegmental, em comparação com o que acontece nas LO, que estaria ocorrendo em um segmento prosódico. Faria-Nascimento (2009) entenderia esse morfema como um sufixo caracterizado como morfema livre que estaria ocorrendo sobreposto ao sinal. Felipe (2006) visualizaria como um infixo que se incorporou à raiz verbal.

Dessa maneira, analisamos em consonância com Felipe (2006) que o sinal da figura (49) pode exemplificar um caso de infixo, pois o caráter simultâneo das LS nos permite interpretar que a expressão facial de negação é inserida dentro da própria raiz, ou seja, a expressão facial ocorre simultaneamente à execução da base, visto que, na Libras, essa expressão facial não pode ocorrer nem antes e nem após a raiz de forma sequencial. Isso nos permite hipotetizar que tal morfema, portanto, ocorre concomitantemente à base, sendo por essa razão interpretado como estando inserido nela.

**Figura (49)** – Infixo de negação em Libras



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 111)

Dessa maneira, após a apresentação dos tipos de afixos nas LS, abordaremos na seção seguinte sobre os tipos de modalidade das LS, quais sejam: simultânea e sequencial. Nas LO, essas duas modalidades também são identificadas, com uma tendência maior

para a modalidade sequencial, enquanto nas LS, a tendência é pela modalidade simultânea.

#### **4.5 Modalidades dos processos morfológicos das línguas de sinais**

A estrutura morfológica dos sinais é constituída de forma simultânea e de forma sequencial, configurando-se, dessa forma, em uma estrutura morfológica complexa. A diferença entre esses dois tipos de morfologia se estabelece em relação ao uso fonológico, às categorias gramaticais, à produtividade e ao desenvolvimento diacrônico (ARONOFF *ET AL.*, 2003; 2005). Nesta seção, esses dois tipos de morfologia são apresentados e exemplificados.

##### **4.5.1 Morfologia Simultânea (MSI)**

Segundo Aronoff *et al.* (2005), no que diz respeito à morfologia simultânea (MSI), todas as LS estudadas até o momento apresentam esse tipo morfológico.

Para explicar esse fato, os autores hipotetizam quanto à percepção desses sinais realizados simultaneamente, afirmando que eles ocorrem dessa forma por conta do processamento visual não se sobrecarregar com a produção simultânea de diferentes informações em um mesmo sinal, podendo, assim, todas as formações morfológicas serem entendidas imediatamente.

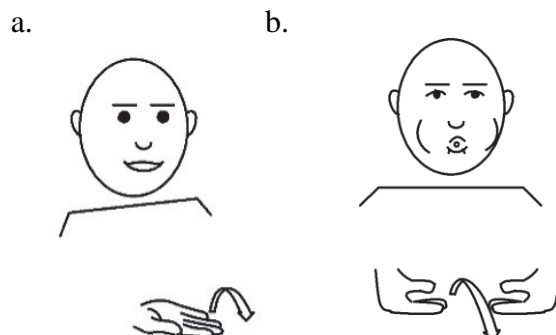
Quanto à produção, Bellugi e Fischer (1972 apud Aronoff *et al.*, 2003) afirmam que, em comparação com a produção das palavras faladas, os sinais das LS levam mais tempo para serem produzidos, sendo assim, a MSI contribui para o encurtamento desse tempo de produção. Dessa maneira, as restrições de percepção e de produção dos sinais podem revelar a prioridade pela morfologia simultânea nas LS.

Nesse sentido, na MSI, diversas modificações morfológicas podem ocorrer ao mesmo tempo, sendo viável por conta de os parâmetros fonológicos terem a possibilidade de funcionar como morfemas e de serem transformados simultaneamente (BAKER; PFAU, 2016). Segundo Aronoff *et al.* (2005), essas alterações ocorrem por meio da direcionalidade, do ritmo ou de uma parte da estrutura do sinal-base.

Os exemplos da figura (50), da Língua de Sinais do Japão (JSL), demonstra um caso de MSI. O sinal DAR, forma genérica (figura 50a), passa a significar ‘dar um grande objeto plano (por exemplo, um livro) para alguém com grande esforço’ (figura 50b), a

partir do acréscimo simultâneo dos morfemas CM (objeto plano) e a ENM, que indica a maneira da ação (grande esforço) (BAKER; PFAU, 2016).

**Figura (50)** – Morfologia simultânea em JSL

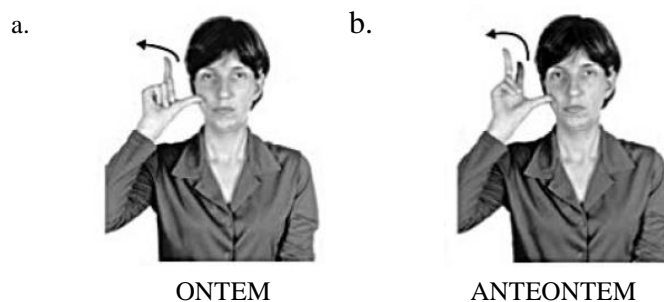


**Fonte:** Baker e Pfau (2016, p. 198)

Na Libras, a MSI ocorre da mesma forma como apresentado no exemplo anterior: na figura (51a), expomos o sinal genérico de ONTEM.

No entanto, em (51b) ocorre a incorporação do parâmetro CM concomitantemente à realização do sinal, em outras palavras, o morfema CM é introduzido na raiz do advérbio ONTEM para indicar dois dias atrás (ANTEONTEM).

**Figura (51)** – Morfologia Simultânea em Libras



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 108)

Com o exposto, podemos entender a opção prioritária das LS pela MSI. Esse tipo morfológico tem se demonstrado bastante produtivo nessas línguas e sendo utilizado principalmente pelos processos de flexão<sup>3</sup>, derivação (ver seção 5.1) e incorporação (ver

<sup>3</sup> Flexão é a marcação morfológica de tempo, aspecto, modo, número e etc., por meio de morfemas presos, em um lexema, resultando em formas diversas para esse lexema. Dessa feita, forma um conjunto de palavras gramaticais (BOOIJ, 2007).

seção 5.2). No próximo item, trataremos sobre outro tipo de morfologia das LS que ainda se mostra com produtividade limitada.

#### 4.5.2 Morfologia Sequencial (MSE)

De acordo com Aronoff *et al.* (2005), a morfologia sequencial, também chamada de morfologia concatenativa, adiciona novos segmentos fonológicos ao sinal-base. Esses segmentos fonológicos podem ser considerados morfemas aditivos, representados pelos prefixos e sufixos. Os autores afirmam que todos os processos sequenciais que foram identificados em seus estudos sobre a ASL e a ISL são derivacionais, não estando relacionados a categorias morfossintáticas. Os autores argumentam, ainda, que esses processos são raros nessas línguas e com produtividade limitada. Com isso, uma variação de uso pode ser observada na produção dos falantes. Nesse sentido, eles pontuam que os afixos responsáveis pelo processo de morfologia sequencial apresentam uma relação semântica e sintática com a base a que se afixam.

Quanto à escassez desses tipos de afixos nas LS, Aronoff *et al.* (2005) afirmam que dois fatores podem contribuir para isso. O primeiro diz respeito ao processo de gramaticalização de itens lexicais livres, que geralmente necessitam de certo tempo para se desenvolver. O segundo ocorre por conta da coexistência de vários estágios intermediários desses processos em um período sincrônico da língua, dessa forma, torna-se mais difícil sua identificação.

No exemplo (52) temos a formação do sinal complexo PROFESSOR em ASL, a partir da raiz ENSINAR e do sufixo AGENTIVO de pessoa (VERBO+AGENTIVO). Aronoff *et al.* (2005) se baseiam nas pesquisas de Supalla (1998) sobre reconstrução linguística da ASL, para afirmar que esse sufixo é descendente de uma forma livre com o significado de ‘pessoa’. Nesse sentido, o sufixo AGENTIVO é adicionado em algumas raízes verbais para marcar a agentividade do sujeito que realiza a ação indicada pelo verbo.

**Figura (52)** – Sinal PROFESSOR em ASL



**Fonte:** Aronoff *et al.* (2005, p. 41)

Com isso, percebemos que a MSI e a MSE identificadas nas LS demonstram a riqueza dessa língua, bem como as formas de organização de morfemas numa modalidade de produção visuo-gestual. Podemos refletir juntamente com Aronoff et al. (2003; 2005) de que o tempo de existência de uma LS influencia no grau de desenvolvimento de seu sistema morfológico simultâneo e, principalmente, no seu sistema morfológico sequencial.

No próximo capítulo, abordaremos sobre como os aspectos morfológicos tratados aqui influenciam no processo de formação de novos sinais. Iremos tratar mais especificamente de dois processos produtivos na Libras, a derivação e a incorporação nominal.

## **CAPÍTULO 5:**

### **PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS**

Nesta seção expomos dois processos produtivos e criativos nas Línguas de Sinais (LS) que criam novos sinais a partir de uma base lexical, são eles: derivação e incorporação nominal (IN). A derivação é um processo morfológico que cria novos sinais a partir da afixação de morfemas a uma raiz. A IN é um processo morfossintático no qual um núcleo verbal incorpora um de seus argumentos dentro da sentença, formando assim verbos complexos morfológicamente.

#### **5.1 Derivação**

O processo derivacional nas línguas naturais é bastante criativo e produtivo. Esse processo consiste na junção de raízes e afixos para criar lexemas complexos. Uma raiz, que pode ser um morfema livre ou um morfema preso, é a base para a derivação de diversas palavras novas (ARONOFF E FUDEMAN, 2011; PETTER, 2014; MITHUN, 2014).

A produtividade desse processo ocorre não somente pela combinação de raízes e afixos, mas também pela possibilidade de mudar a classe gramatical da raiz e por envolver ações comuns e gerais, como a ideia de negação, grau, designação de indivíduos e nomes abstratos (PETTER, 2014; MITHUN, 2014)

Nas línguas sinalizadas, a derivação tem sido atestada por diversos pesquisadores (QUADROS E KARNOPP, 2004; JOHNSTON, 2006; FELIPE, 2006; XAVIER E NEVES, 2016; BAKER E PFAU, 2016). Nessas línguas, ocorre a alteração da raiz pela adição de pelo menos um parâmetro ao sinal primitivo. Esse parâmetro pode ser entendido como um morfema gramatical (livre ou preso) que é adicionado de forma simultânea ou sequencial a essa raiz. O resultado desse processo é a criação de um novo sinal.

Nos tópicos que seguem apresentaremos alguns tipos de derivação já descritas nas LS, inclusive, algumas já atestadas na Libras.



### 5.1.1 Derivação por reduplicação do movimento

Quadros e Karnopp (2004) se baseiam nos estudos de Supalla e Newport (1978) sobre a ASL, para constatarem que, na Libras, o processo derivacional de nominalização é bastante comum. Esse processo consiste na derivação de um nome a partir de um verbo. As autoras afirmam que essa alteração ocorre no tipo de movimento realizado: “O movimento dos nomes se repete e encurta o movimento dos verbos” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 97).

No exemplo da figura (53) podemos constatar, com base em Quadros e Karnopp (2004), que os parâmetros CM, LOC e OP permanecem os mesmos no verbo e no nome. A diferença se dá apenas no parâmetro MOV, que é repetido. Segundo as autoras, o processo no qual o nome repete ou reduplica a estrutura segmental do verbo é chamado de reduplicação.











**Figura (53)** – Reduplicação de verbos em Libras



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 97 e 98)

No quadro (09), apresentamos a descrição do verbo SENTAR e seu derivado, o nome CADEIRA. Podemos constatar, conforme argumentado por Quadros e Karnopp (2004), que a única diferença entre esses dois sinais está na reduplicação do parâmetro MOV. Dessa maneira, estamos diante de uma reduplicação parcial do verbo na formação do nome.

**Quadro (09):** Descrição da nominalização do verbo SENTAR

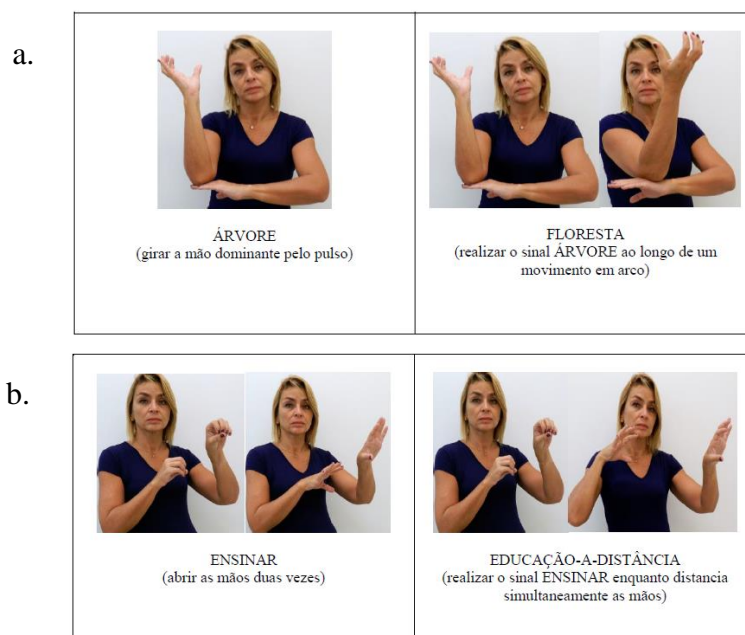
<b>Verbo</b>	<b>Nome</b>
<b>SENTAR</b> 	<b>CADEIRA</b> 
<b>Descrição</b>	
<b>CM</b> 	<b>CM</b> 
<b>LOC</b> 	<b>LOC</b> 
<b>OR</b> 	<b>OR</b> 
<b>MOV</b> 	<b>MOV</b> 

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

### 5.1.2 Derivação infixal

Os casos de adição de um morfema derivacional a uma base podem ser evidenciados em outros sinais da Libras. Xavier e Neves (2016) apresentam em sua pesquisa alguns exemplos de derivação (Figura 54).

**Figura (54) –** Casos de derivação em Libras





Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 143 e 144)

No exemplo (54a) podemos constatar que a raiz do sinal (constituída pela CM, OP e LOC) é acrescida de um morfema derivacional (MOV) para marcar a formação do sinal de FLORESTA a partir do sinal primitivo ÁRVORE. Em (54b), o morfema derivacional no sinal EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA é marcado também pelo parâmetro MOV, mais especificamente a direcionalidade desse movimento. E por fim, o exemplo (54c) nos apresenta como morfema derivacional a LOC no sinal de PROBLEMA DE COMUNICAÇÃO.

### 5.1.3 Derivação da negação

Outro processo derivativo atestado nas LS é a derivação da negação. Esse é um processo pelo qual um morfema que carrega o sentido de negação é afixado a uma raiz. Xavier e Neves (2016) afirmam que a forma negativa é estabelecida por meio de uma mudança na orientação da OP e por meio de ENM, como o balançar da cabeça articulada junto com a raiz.

Felipe (2006) argumenta que a negação é adicionada à raiz de alguns verbos por meio de um movimento oposto à sua articulação positiva original. Assim, Ferreira-Brito (1995 [2010], p. 77) afirma que: “através de vários processos, o item a ser negado sofre alteração em um dos parâmetros, um item de estrutura ‘fonético-fonológico’ diferente daquele que é a sua base, ou seja, o aparecimento de sua contraparte negativa.”. Com isso, podemos constatar duas formas da negação se afixar nas raízes verbais: simultaneamente e sequencialmente. Negação simultânea se dá por meio da articulação síncrona de uma expressão facial juntamente com o sinal, no exemplo da figura (49), citado na seção 4, tópico 4.4.3, podemos constatar a marca de negação infixada simultaneamente ao sinal CONHECER, derivando o sinal NÃO CONHECER.

A negação sequencial ocorre por meio da adição de prefixos e sufixos à base verbal. Esse processo de afixação foi atestado em ASL. Aronoff *et al.* (2005) identificaram nessa língua a ocorrência de um sufixo que marca negação. Os autores afirmam que tal sufixo é adicionado sempre após a raiz verbal e nunca antes dela e apresenta a restrição fonológica de ocorrer somente com raízes verbais articuladas com uma mão. Na figura (47), da seção 4, tópico 4.4.2, o sufixo com a CM em zero é adicionado à raiz do verbo VER em ASL.

Na Libras, temos identificado a ocorrência do marcador negativo NADA em algumas sentenças, porém, em nossas observações, esse sinal em alguns momentos funciona como marcador morfológico e em outros como marcador sintático (ver capítulo 7, tópico 7.1.3.2). É possível que esse sinal esteja passando por um processo de gramaticalização e comece a funcionar como um sufixo, tal como ocorreu na ASL.

Na análise dos dados exporemos um pouco mais sobre o marcador NADA e um outro marcador de negação na Libras, que Felipe (2006) classifica como sufixo. Segundo Ferreira-Brito (1995 [2010]), Felipe (2006) e Xavier e Neves (2016), esse marcador de negação adiciona um MOV e uma OP oposta ao que é realizada pela raiz.

Diante do exposto, podemos constatar que as LS apresentam produtividade no processo de formação de sinais a partir de uma mesma base lexical, favorecendo o processo de economia linguística. No próximo tópico trataremos sobre o processo de incorporação nominal nas LS.

## **5.2 Incorporação Nominal**

Trataremos nesta seção sobre o processo IN. Esse é um processo de formação de palavras com forte influência sintática. Apresentaremos aqui as discussões sobre IN de Mithun (1984) e de Rosen (1989), para as línguas orais e de Meir (1999) e Ferreira (2013), para as línguas sinalizadas.

### **5.2.1 O problema da incorporação nominal**

Um grande número de línguas de diferentes troncos linguísticos apresentam uma construção morfológica intrigante. Um radical nominal e um radical verbal derivam um radical verbal complexo. De forma curiosa, todas as línguas que apresentam tal processo mantêm as formas verbais e nominais não associadas ocorrendo livremente com a forma

associada. Essa construção geralmente é nomeada de Incorporação Nominal (MITHUN, 1984).

As pesquisas que trataram sobre esse fenômeno nas LO têm caminhado em duas vertentes principais: a hipótese lexicalista (MITHUN, 1984) e a hipótese sintática (BAKER, 1988). A primeira visualiza esse processo como um fenômeno lexical, nesse sentido, apenas como “um tipo de composição de palavra, em que um verbo e um nome formam um verbo complexo com sua própria unidade semântica e é tratado como uma única palavra” (DE SENA, 2017, p. 17). A segunda entende a incorporação “como sendo um subcaso de uma transformação mais geral conhecida na literatura gerativa como Move-Alpha. Sua explicação insere-se no contexto do modelo teórico conhecido como Regência e Ligação (*Government and Binding*)” (DE SENA, 2017, p. 17).

Contudo, ambas as hipóteses apresentam lacunas quando analisadas em línguas particulares, sendo assim, não conseguem ter uma universalidade para explicar todos os fenômenos linguísticos (DE SENA, 2017).

Nesse sentido, na presente pesquisa, entendemos a IN como um processo morfossintático de formação de palavras. O papel morfológico é estabelecido por conta desse processo formar novos itens lexicais a partir da composição de palavras e o papel sintático é identificado em casos nos quais temos um aparente movimento do núcleo do sintagma nominal para um sintagma verbal.

Dessa forma, compreendemos que ambas as hipóteses, lexical e sintática, podem ser usadas de maneira complementar para explicar casos de IN em uma mesma língua. Faremos, dessa maneira, quando necessário, para explicar os casos de IN na Libras.

Nos ateremos com maior profundidade à abordagem de Mithun (1984) para explicar a IN, tendo em vista que essa hipótese tem sido utilizada com maior frequência para explicar os casos de IN nas LS. Contudo, mostraremos por meio de alguns esquemas o papel sintático que os casos de IN podem exercer nas línguas.

### 5.2.2 Incorporação nominal em línguas orais

Mithun (1984) afirma que a IN, dentre os processos morfológicos, é o que mais se interrelaciona com a sintaxe. A autora argumenta que a IN é um tipo de composição na

qual ocorre a associação de um nome e um verbo, e ambos mantêm uma relação semântica específica entre si – como de paciente, de locação ou de instrumento.

Isto não é necessariamente verdadeiro para outros tipos de compostos, por exemplo,  $N + N > N$ , no qual a relação pode ser bastante vaga. Assim, ‘alligator shoes’ poderia significar sapatos feitos para jacarés, sapatos em forma de jacarés, sapatos feitos de jacaré ou os sapatos significavam ir com um traje de jacaré. A atividade ou qualidade designada pelo composto NV é vista como um conceito unitário reconhecível, em vez de co-ocorrência casual de alguma ação ou estado e alguma entidade (tradução nossa) (MITHUN, 1984, p. 848)<sup>4</sup>.

Mithun (1984) analisou o processo de IN em mais de 100 línguas de diferentes famílias. Como resultado, a autora apresentou em seu trabalho quatro funções (ou tipos) diferentes, mas relacionadas, que a IN pode exercer. Essas funções estabelecem uma hierarquia implicacional, indicando um percurso histórico de desenvolvimento da IN nas línguas. Os diferentes graus de produtividade em cada uma das funções da IN nas línguas podem fazer com que o processo seja detido em algum ponto.

Nesse sentido,

uma vez que o processo de IN começa a decair em uma língua, ele não necessariamente está destinado a desaparecer completamente em uma língua. Em algumas línguas, relíquias de antigos processos de IN se transformaram em um sistema produtivo de afixação, em que os afixos podem ser antigos nomes incorporados, antigos verbos incorporantes ou ambos (DE SENA, 2017, p. 18).

Dessa forma, apresentaremos agora cada um dos tipos de IN descrito por Mithun (1984). Na função Tipo I, denominada de composição lexical, temos a composição de um radical lexical complexo por meio da associação de duas ou mais raízes. Tanto as raízes quanto o radical complexo resultante podem ser de diferentes classes gramaticais, tais como nome, verbo, adjetivo e etc.

Nesse sentido, Mithun (1984) argumenta que, a IN é utilizada para determinar um tipo particular de composição, na qual um verbo e um nome combinam para formar um outro verbo, sendo que, o nome possui uma específica relação semântica de paciente, de locação ou de instrumento com o verbo associado.

---

<sup>4</sup> This is not necessarily true of other types of compounds, e.g.  $N + N > N$ , in which the relationship may be quite vague. Thus alligator shoes could conceivably be shoes made for alligators, shoes shaped like alligators, shoes made of alligator, or shoes meant to go with an alligator costume.) The activity or quality designated by the NV compound is viewed as a recognizable, unitary concept, rather than the chance co-occurrence of some action or state and some entity.

A figura (55) demonstra a relação entre o verbo e seus argumentos. Quando ocorre a IN, o verbo transitivo perde uma valência verbal, sendo satisfeita pelo objeto incorporado.

**Figura (55)** – Formação de verbo intransitivo complexo por conta da IN



**Fonte:** elaborado pelo autor (2018)

Para exemplificar esse tipo, Mithun (1984) apresenta um caso da língua Mokilese (Figura 56). No item a, temos a sentença sem a IN e com os dois argumentos verbais preenchidos. No item b ocorre a IN, dessa forma, o objeto ‘oaring’ é incorporado e, assim, o verbo perde um de seus argumentos.

**Figura (56)** – IN na língua Mokilese

Mokilese (Micronesian, Austronesian; Harrison 1976)

a. *Ngoah kohkoa oaring-kai.*<sup>2</sup>

I grind coconut-these

‘I am grinding these coconuts.’

b. *Ngoah ko oaring.*

I grind coconut

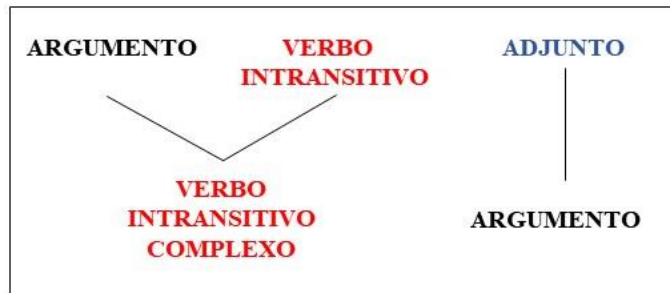
‘I am coconut-grinding.’

**Fonte:** Mithun (1984, p. 849)

Na função tipo II, nomeada de manipulação de caso, o verbo não perde sua valência, pois ao ocorrer a IN, um argumento oblíquo (adjunto) passa a ocupar a posição deixada pelo objeto incorporado. De Sena (2017) afirma que, essa ascensão do adjunto para a posição de objeto é denominada de “ascensão do possuidor”.

Contudo, podemos nos questionar quanto à IN em verbos intransitivos. Mithun (1984) afirma que nesses casos outro argumento da oração pode ser ascendido para satisfazer a valência verbal (figura 57), “o resultado é um dispositivo léxico para manipular relações de caso dentro de cláusulas” (MITHUN, 1984, p. 859).

**Figura (57)** – Movimento do adjunto para a estrutura argumental do verbo



**Fonte:** elaborado pelo autor (2018)

Mithun (1984) apresenta o Tupinambá, língua tupi-guarani falada no Brasil, para exemplificar o tipo II: no item a, na oração sem IN, o objeto da sentença é o termo rosto, quando esse nome é incorporado ao verbo, o dono do rosto, ‘*him*’, passa a ocupar a função de objeto (Item b).

**Figura (58)** – IN na língua Tupinambá

- a. *s-oβá a-yos-éy* ‘I washed his face.’  
his-face I-it-wash
- b. *a-s-oβá-éy* ‘I face-washed him.’  
I-him-face-wash

**Fonte:** Mithun (1984, p. 857)

Na função tipo III, conhecida como manipulação da estrutura dicursiva, temos o uso da IN para fazer referência a um elemento já conhecido no discurso (DE SENA, 2017). Línguas que geralmente se utilizam desse tipo de IN são as polissintéticas, pois a IN pode suprir a carência de um sistema pronominal desenvolvido.

Dessa maneira, nesse tipo de IN, a incorporação será estabelecida em um contexto dentro da estrutura discursiva. A primeira aparição do termo de referência no discurso geralmente ocorre na forma não incorporada, adiante, as referências a esse termo provavelmente ocorrerão em IN.

Apesar da produtividade desse processo, Mithun observa que,

sua produtividade é governada tanto por acidentes lexicais – há nomes que são incorporáveis, há outros que jamais o são, há verbos mais incorporantes que outros – como por questões pragmáticas – por exemplo, a animacidade geralmente afeta a incorporabilidade dos nomes. Além disso os falantes estão conscientes de quando se está criando uma nova palavra (MITHUN, 1984, p. 862-863 Apud DE SENA, 2017, p. 19).



O tipo III é exemplificado pela autora por meio da língua Huahtla Nahuatl, uma língua Uto-Aztecan falada em Hidalgo, no México, descrita por Merlan (1976).

No item a, o termo *'nakatl'* é falado de forma não incorporada ao verbo no discurso, enquanto uma informação nova. Contudo, quando essa informação é retomada em outro momento, o verbo *'kwa'* incorpora o termo *'nakatl'*, pois essa é agora uma informação dada (Item b)

**Figura (59)** – IN na língua Huahtla Nahuatl

**A:** *askeman ti-'-kwa nakatl.*  
 never you-it-eat meat  
 'You never eat meat.'

**B:** *na' ipanima ni-naka-kwa.*  
 I always I-meat-eat  
 'I eat it (meat) all the time.'

**Fonte:** Mithun (1984, p. 860-861)

Na função tipo IV, denominada de incorporação nominal classificatória, o verbo recebe a incorporação de um nome genérico, contudo, o verbo não perde sua valência, sendo satisfeita por um objeto que faz referência ao nome incorporado. Nesse sentido, ocorre uma espécie de duplicação do nome genérico incorporado com o nome específico.

O fato de os nomes incorporados serem genéricos, faz com que possam estabelecer na língua um 'sistema classificatório', ou seja, o nome incorporado classificará quais termos poderão ocupar a posição de objeto do verbo, tendo em vista as relações semânticas entre nome genérico incorporado e o nome específico.

A língua Caddo, falada por membros da Confederação Indígena *Caddo*, de Oklahoma, EUA, é apresentada por Mithun (1984) para exemplificar o tipo IV de IN. Nessa língua, a raiz classificatória referente a 'olho' é incorporada ao verbo para classificar, além de tipos de olhos, objetos pequenos e redondos, como 'miçanga' (Figura 60).

**Figura (60)** – IN na língua Caddo

*kassi' háh-'ič'á-sswí'-sa'.*  
 bead PROG-eye-string-PROG  
 'She is stringing beads.'

**Fonte:** Mithun (1984, p. 865)

Diante disso, podemos considerar que, ao surgir em uma língua, a IN se desenvolve numa trajetória específica. O início é um tipo de composição lexical em que um nome e um verbo são unidos para compor um verbo intransitivo que represente uma atividade digna de ser lexicalizada (tipo I). Pelo fato dessa etapa afetar as relações de caso dentro da sentença, a posição de argumento verbal deixada pelo nome incorporado pode ser ocupada por um argumento oblíquo (tipo II).

Nesse processo, o sistema pode se estender ao nível do discurso, fazendo com que nomes que indiquem informações conhecidas ou menos significativas possam ser incorporadas, restringindo o escopo do verbo sem a necessidade de um novo sintagma nominal adicional (tipo III). Por fim, pode surgir um sistema classificatório, no qual um nome genérico é incorporado ao verbo para o qualificar e o sintagma nominal externo mais específico delimitar o referente (tipo IV) (MITHUN, 1984).

### 5.2.3 Incorporação nominal em línguas de sinais

Os estudos sobre IN em línguas sinalizadas ainda são escassos. Os trabalhos de Meier (1999) e Sandler e Lillo-Martin (2006) são uns dos poucos que tratam sobre o assunto. Os autores investigam a IN nas línguas ISL e ASL. Para melhor entendermos esse processo nas LS, neste tópico, apresentaremos primeiro os tipos de verbos descritos nas LS e em seguida, discutiremos a IN nessas línguas.

#### 5.2.3.1 Verbos nas línguas de sinais

No Brasil, temos em Quadros e Karnopp (2004) uma das referências nos estudos sobre os verbos na Libras. A pesquisa das autoras tem base nas pesquisas da ASL sobre essa classe de palavra e descreve três tipos de verbos na Libras: (i) verbos simples, (ii) verbos com concordância e (iii) verbos manuais.

##### (i) verbos simples

Os verbos simples (também nomeados de ‘verbos sem concordância’) são os que não se flexionam para marcar pessoa e número, bem como não tomam afixos locativos. Todavia, esses verbos podem flexionar-se em aspecto. Um exemplo de verbo simples é apresentado na figura (61) com o verbo TER. Esse item lexical é sinalizado ancorado à locação peito, essa é uma das justificativas para esse sinal não modificar para marcar uma nova informação gramatical.

**Figura (61)** – Verbo TER em Libras



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 157)

(ii) verbos com concordância

Os verbos com concordância geralmente estão associados a marcações não manuais (ex: expressões faciais) e a movimentos direcionais para marcar pessoa e número e movimentos dinâmicos para marcar aspecto. Na figura (62) temos o verbo ENTREGAR que, por meio do movimento direcional, pode marcar o agente e o paciente dessa ação.

**Figura (62)** – Verbo ENTREGAR em Libras



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 157)

(iii) verbos manuais

Os verbos manuais são descritos como aqueles que representam por meio de uma CM a forma de segurar um objeto na mão. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 205), “a classe de verbos manuais poderia incluir os classificadores que incorporam a informação verbal da sentença, pois também incorporam o objeto quando este é o caso”.

Exemplo desse tipo verbal é apresentado em (63). O verbo PINTAR incorpora por meio de uma CM a forma de manusear o instrumento utilizado para pintar a casa, neste caso, o rolo.

Figura (63) – Verbo PINTAR em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 204)

Com base na classificação de Quadros e Karnopp (2004), principalmente em relação aos verbos simples e aos verbos manuais, iremos abordar a IN na Libras, tendo em vista que esses verbos são os que apresentam casos de IN.

### 5.2.3.2 Incorporação nominal nos verbos manuais

Meir (1999) identifica a IN nos verbos manuais (ou verbos classificadores). Esses verbos não possuem uma raiz verbal na qual o nome incorpora, como ocorre nas LO. Nas LS “os verbos incorporados são predicados gerais e mais abstratos de movimento e localização, que não ocorrem sozinhos na língua” (MEIR, 1999, p. 303). Outra diferença apontada pela autora é o fato de, nas LS os argumentos com maior tendência a incorporarem são os temáticos (ex: objeto em movimento ou localizado) e os instrumentais, enquanto que nas LO são os pacientes do verbo.

A autora afirma que, na ISL, “embora classificadores de pacientes ocorram com alguns verbos (ex: comer, quebrar, verbos denotando roupas e verbos que denotam tocar um instrumento musical), eles são muito mais raros que os IN temáticos e instrumentais” (MEIR, 1999, p. 311).

Por exemplo, o verbo COMER na ISL não possui uma forma específica de sinalização. A realização desse verbo é apenas um predicado abstrato de movimento que tem o sentido de ‘mover para a boca’. Dessa maneira, ele ganha sentido completo quando incorpora o objeto o qual se utiliza para realizar essa ação, ou seja, seu argumento temático, por exemplo: COMER-COM-COLHER ou COMER-COM-GARFO.

Nesse sentido, Meir (1999) se baseia nos estudos de Rosen (1989) para tratar sobre a IN nas LS. Rosen (1989) discute uma análise lexical para a IN e propõe duas

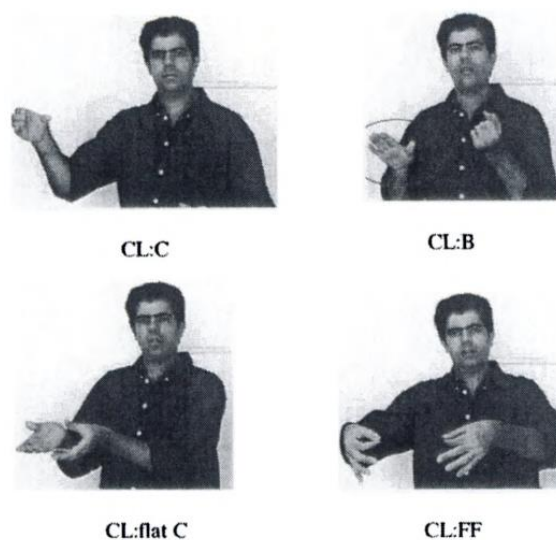
classificações: a incorporação nominal composta (*compound* NI) e a incorporação nominal classificatória (*classifier* NI). A pesquisadora propõe esse trabalho para argumentar a favor da hipótese lexicalista da IN.

É importante ressaltar que, a classificação de Rosen (1989) tem a mesma descrição dos tipos I e IV da proposta de Mithun (1984), respectivamente (ver tópico 5.2.1.1). A IN composta é uma composição simples, na qual um verbo e um nome se incorporam, fazendo com que um argumento do verbo seja satisfeito dentro do próprio verbo. Na IN classificatória, o verbo incorpora seu argumento, contudo não altera a valência verbal, fazendo com que o verbo ainda necessite de um argumento que será satisfeito por um outro sintagma nominal (ROSEN, 1989).

Segundo Meir (1999), na ISL há um grupo de morfemas que classificam determinados substantivos em relação ao tamanho ou forma, semelhanças semânticas ou a forma como o objeto é manipulado. Esses morfemas são marcados na língua por meio de uma CM ou por uma OP.

A figura (64) apresenta alguns exemplos de classificadores que se anexam em verbos. CL:C - objetos cilíndros (copos, garrafa), CL: flat C – objetos largos e planos (livro, fita cassete), CL:B – veículos (carro) e CL:FF – objetos finos e planos manuseados com cuidado (papel, documento, uma camisa).

**Figura (64)** – Classificadores que incorporam verbos



**Fonte:** Meir (1999, p. 301)

Esses morfemas são afixados em raízes verbais e produzem verbos complexos que denotam a trajetória espacial ou localização de uma entidade, bem como um grupo de possíveis referentes que se enquadram ao movimento e a localização expressas pelo morfema classificador.

Meir (1999) visualiza uma semelhança entre as construções com morfemas classificadores e com incorporações nominais e argumenta nesse sentido para demonstrar que verbos classificadores podem se comportar como IN em línguas sinalizadas.

Para isso, a autora divide dois tipos de classificadores: classificadores temáticos e classificadores de instrumento. Os primeiros incluem classificadores de entidade, de manipulação e alguns classificadores descritivos. Os segundos compreendem classificadores descritivos e de manipulação (SANDLER E LILLO-MARTIN, 2006). Alguns exemplos são mostrados no quadro (10) abaixo:

**Quadro (10):** Tipos classificadores em ISL

Classificadores temáticos	Classificadores instrumentais
CL:C ‘um objeto cilíndrico’	COLHER (COLHER-ALIMENTAR)
CL: flat C ‘objetos largos e planos’	GARFO (GARFO-COMER)
CL:CC ‘um objeto cilíndrico largo’	KNIFE (FACA-CORTAR)
CL:B ‘veículos’	TELESCÓPIO (TELESCÓPIO-OLHAR)
CL:FF ‘objetos finos e planos manuseados com cuidado’	CHAVE (CHAVE-ABRIR/FECHAR)

Fonte: Meir (1999, p. 303, adaptado)

Os classificadores temáticos são analisados por Meir (1999) como IN classificatória (ROSEN, 1989) (ou IN do tipo IV de Mithun, 1984) e os classificadores instrumentais são analisados como IN composta (ou IN do tipo I).

Nesse sentido, esses dois tipos de classificadores irão diferir quanto às propriedades de *doubling* e de *stranding*. Meir (1999) afirma que, quando um classificador temático é afixado a uma raiz verbal, um sintagma nominal, que faz referência ao classificador, pode ocorrer livremente na sentença. Esse é um caso de *doubling*. Quando modificadores nominais aparecem na sentença, mesmo quando o nome é nulo, sendo esse representado apenas pelo classificador incorporado ao verbo, estamos diante de um *stranding*. Os nomes referidos pelo classificador podem ser recuperados no contexto do discurso.

Meier (1999) apresenta classificadores temáticos, que são comparados aos IN classificatórios ou IN do tipo IV. O nome BOOK (Exemplo 1) ocorre livremente na

sentença, contudo ele está intimamente relacionado ao classificador incorporado ao verbo que indica um objeto largo e plano. Dessa maneira, o classificador incorporado à raiz verbal classifica o nome que ocorre livremente na sentença:

Classificadores temático – NI classificatória ou NI tipo IV

1. BOOK INDEX<sup>b</sup> HEa aGIVE-CL:flatC1 [doubling]  
 livro esse ele largo-plano-objeto-ele-dar-mim  
 ‘Ele deu para mim esse livro’

Já o modificador NEW (MEIER, 1999) faz referência ao nome incorporado ao verbo GIVE que indica um objeto cilíndrico. Mesmo o nome livre não aparecendo explicitamente na sentença, podemos supor que ele já foi citado anteriormente no discurso, como podemos constatar na tradução, ao aparecer o nome COPO. Dessa maneira, apenas os classificadores temáticos permitem as propriedades de *doubling* e *stranding*.

Classificadores temático – NI classificatória ou NI tipo IV

2. NEW INDEX<sup>a</sup> aGIVE-CL:C1 [stranding]  
 novo esse dar-cilíndrico-objeto-mim  
 ‘me dê o novo copo (ali)’  
 (= Cilíndrico objeto-dar-mim o novo)

Contrariamente, os classificadores instrumentais não permitem a ocorrência das propriedades de *doubling* e *stranding*. No exemplo 3, abaixo, percebemos que a ocorrência livre do nome SPOON e a forma incorporada referente a ALIMENTAR COM COLHER tornam a sentença redundante e os sinalizantes evitam usá-la. Em 4, o modificador NEW fica deslocado na sentença ao ser realizado com o classificador instrumental.

Classificadores Instrumentais – NI composta ou NI tipo I

3. \*I SPOON BABY INDEX<sup>3</sup> 1SPOON-FEED<sup>3</sup> [\*doubling]  
 Eu colher bebê esse eu-colhe-alimentar-ele  
 ‘Eu alimentei o bebê com uma colher’  
 (= E colher-alimentar o bebê com uma colher)
4. \*STAR(distributive) NEW I TELESCOPE-LOOK [\*stranding]  
 Estrela nova eu assistir-com-telescópio  
 ‘Eu assistir as estrelas com o telescópio novo’

(= Eu telescópio-assistir as estrelas com o novo)

Com isso, Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 347) afirmam que

as evidências de Meir mostram que os classificadores instrumentais e temáticos são claramente diferentes em sua estrutura argumental. Ela também aponta que os classificadores instrumentais envolvem raízes nominais independentes, que carregam um significado genérico não específico quando incorporadas. Estas características suportam fortemente a análise de incorporação nominal composta explicitamente lexical para classificadores instrumentais (tradução nossa)<sup>5</sup>.

Dessa maneira, percebemos que as evidências de Meir (1999) são fortes para demonstrar o papel dos classificadores no processo de IN nas LS. Principalmente para sustentar ainda mais a hipótese lexical da IN, mostrando argumentos com base em uma língua visual-gestual.

Com isso, iremos tomar por base as discussões levantadas até o presente momento e iremos, no tópico seguinte, refletir sobre a IN na Libras, com base no trabalho de Ferreira (2013).

#### 5.2.4 Incorporação nominal na Libras

Na Libras, a IN foi descrita no trabalho de Ferreira (2013) sobre os verbos manuais. Nos basearemos nas discussões da autora para discutirmos os casos de IN na Libras, a partir da análise dos verbos manuais. Esses verbos são classificados como verbos que indicam por meio de uma CM a forma de um objeto ou de manuseá-lo ou a forma de uma entidade.

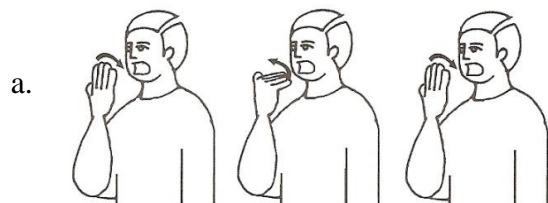
Ferreira (2013) argumenta que somente os verbos manuais que possuem uma forma genérica e uma forma incorporada podem ser considerados casos de IN. Dessa feita, o verbos COMER e BEBER se enquadrariam nessa classificação, uma vez que apresentam uma forma genérica, como indicado nas figuras (65a) e (66a) e uma forma incorporada, como apresentado nas figuras (65b) e (66b).

---

<sup>5</sup> Meir's evidence shows that ISL instrumental and theme classifier predicates are clearly different in their argument structures. She also points out that the instrumental classifiers involve independent noun roots, which carry a non-specific, generic meaning when incorporated. These characteristics strongly support the explicitly lexical compound Noun incorporation analysis for instrumental classifiers.



**Figura (65)** – Forma genérica e forma incorporada do verbo COMER em Libras



**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 717 )



COMER-MAÇÃ

**Fonte:** Ferreira (2013, p. 48)

**Figura (66)** – Forma genérica e forma incorporada do verbo BEBER em Libras



BEBER, TOMAR



BEBER-CAFÉ      CHÁ (segurar x-tipo de objeto)  
em LIBRAS (CI: B A e CI: F)






**Fonte:** Ferreira-Brito (1995 [2010], p. 22)

No quadro (11), temos uma sentença com o verbo **COMER**. Podemos constatar que o verbo possui as duas estruturas argumentais preenchidas com um sujeito e com um objeto. Na sentença b, coluna à direita do quadro, o nome **MAÇÃ** é incorporado ao verbo e continua denotando o mesmo significado da forma não incorporada, contudo, o verbo passa a ter apenas um argumento, o sujeito.

De outra maneira, os verbos manuais que não apresentam uma forma genérica são descritos como casos de derivação por Ferreira (2013). A autora argumenta que esses

sinais apresentam a mesma forma para nomes e verbos, podendo diferir apenas na maneira do parâmetro MOV.

**Quadro (11)** – Sentenças com formas genéricas e formas livres do verbo COMER em Libras

a.	b.
 EU	 EU
 COMER	 COMER-MAÇÃ
 MAÇÃ	
'eu como maçã'	'eu como maçã'

**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Um exemplo dessa descrição é o nome TESOURA e o verbo CORTAR-COM- TESOURA. O nome tesoura apresenta uma forma icônica para representar esse objeto (figura 67), esse sinal deriva o verbo que indica a ação realizada com a tesoura . Segundo Ferreira (2013), ambos os sinais apresentam formas de sinalização bem parecidas, podendo alterar apenas no parâmetro MOV, apesar de não comprovada essa alteração em sua pesquisa.

**Figura (67)** – Sinal TESOURA ou CORTAR COM TESOURA em Libras



**Fonte:** Ferreira (2013, p. 67)

Temos nesse ponto duas análises diferentes quanto aos verbos manuais. Apresentamos anteriormente com Meir (1999) que, os verbos manuais não possuem uma raiz verbal que ocorre sozinha na língua, sendo incorporados por um classificador para funcionar como um verbo complexo. Ferreira (2013) afirma que alguns desses verbos na

Libras constituem casos de derivação, na qual nomes e verbos possuem a mesma forma paramétrica.

Dessa maneira, entendemos que esses verbos específicos da Libras não se tratam de casos de derivação, mas sim de incorporação do instrumento, como afirmado por Meir (1999). Tendo em vista que (i) esses verbos funcionam como predicados gerais e mais abstratos de MOV e LOC que não ocorrem sozinho na língua, por isso necessitam do material fonológico do nome (instrumento) para se realizarem; (ii) ao incorporar o instrumento, o verbo passa a denotar seu significado próprio conjuntamente com o significado do instrumento; (iii) o verbo complexo (verbo + instrumento) pode incorporar ainda seu objeto, realizando, dessa maneira, uma dupla incorporação (verbo + instrumento + objeto).

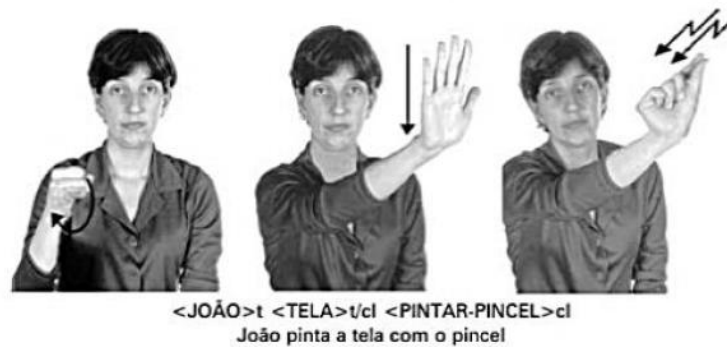
Nesse sentido, apresentaremos a seguir alguns argumentos e dados da Libras para embasar as hipóteses sugeridas por nós na presente pesquisa.

#### 5.2.4.1 Classificação da incorporação nominal em verbos da Libras

Neste tópico, estabelecemos a IN em dois grupos de verbos: os verbos manuais e os verbos simples. Os primeiros são entendidos como tipos de verbos que não apresentam uma forma genérica para representar a ação verbal. Nesse sentido, tendem a incorporar o instrumento realizado na ação. Os segundos são verbos que apresentam uma forma genérica, sendo, pois, mais propícios a incorporar o objeto do verbo.

Vamos começar tratando sobre os verbos manuais. Na sentença abaixo (Figura 68) da Libras, podemos constatar que os dois argumentos do verbo PINTAR aparecem na sentença, JOÃO e TELA, contudo, esse verbo incorpora o objeto oblíquo do verbo (o instrumento PINCEL). Como afirmado por Meir (1999), esse tipo de incorporação é mais comum para verbos manuais nas LS.

**Figura (68)** – Incorporação do instrumento PINCEL pelo verbo PINTAR



**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 204)

Mithun (1984) afirma que o verbo e o nome incorporados geralmente denotam uma ação genérica. Podemos constatar esse fato na incorporação do nome PINCEL ao verbo PINTAR (Figura 69), uma vez que o verbo indicado não necessariamente denota um pincel, mas genericamente indica um instrumento fino, provavelmente manuseado com os dedos indicador e polegar.

Esse fato pode ser comprovado abaixo, no qual o verbo PINTAR tem a mesma CM do verbo PINTAR da figura (68). Contudo, aqui, o instrumento utilizado é um lápis

**Figura (69)** – Incorporação do instrumento LÁPIS pelo verbo PINTAR



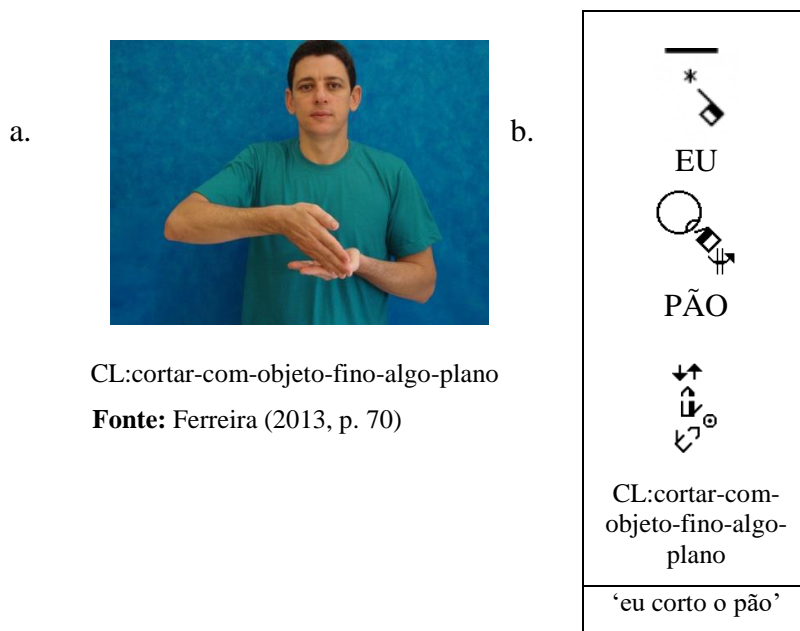
**Fonte:** Quadros e Karnopp (2004, p. 204)

Dessa feita, com base nos exemplos, o verbo PINTAR na Libras apresenta o tipo de IN classificatória. A incorporação do instrumento formando um verbo complexo, que denota PINTAR-COM-OBJETO-FINO, classifica argumentos do tipo QUADRO e CADERNO.

Outro exemplo é o verbo CORTAR (Figura 70). Esse verbo incorpora um classificador de instrumento que denota uma ação genérica, como CORTAR-COM-OBJETO-FINO-ALGO-PLANO (Figura 70a). O verbo classifica o argumento que

poderá preencher a função de objeto (Figura 70b), assim, temos um exemplo de IN classificatória com o uso do verbo em questão; nesse caso, a função de argumento é exercida pelo nome PÃO, que satisfaz as exigências do classificador verbal.

**Figura (70)** – Incorporações do verbo CORTAR em Libras



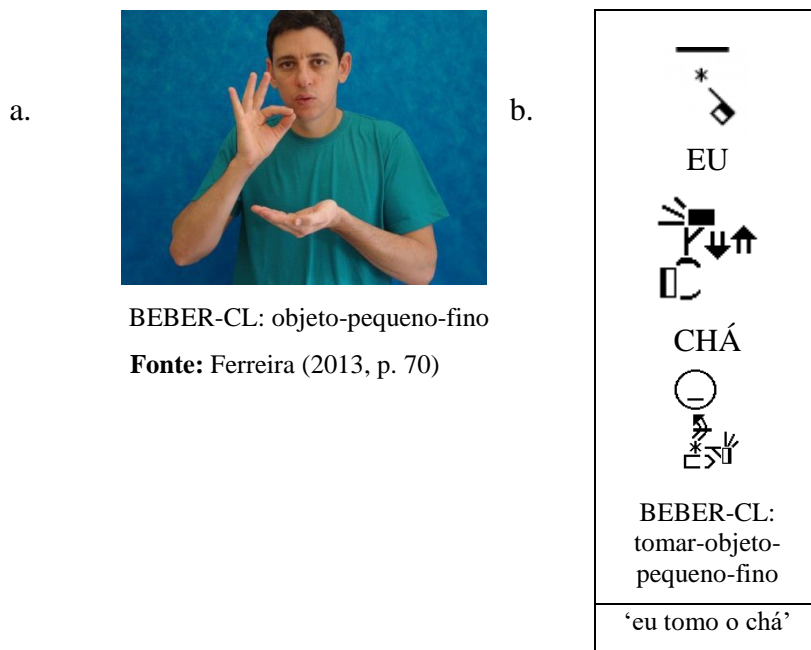
**Fonte:** Elaborado pelo autor (2018)

Outro grupo de verbos que são incorporados, segundo Ferreira (2013), são aqueles que apresentam uma forma genérica, como apresentado em (65a) e (66a) (COMER e BEBER). Analisamos nesses verbos os dois tipos de incorporação, IN composta e IN classificatória.

Retomemos o exemplo do quadro (11) - EU COMER-MAÇÃ, nele constatamos que ocorre a IN composta, uma vez que o verbo COMER incorpora seu argumento MAÇÃ e satisfaz a valência dentro do próprio verbo.

De outra maneira, o verbo BEBER pode incorporar um classificador que indique de maneira não específica o elemento utilizado para realizar a ação, como por exemplo, CL:objeto-pequeno-fino. E esse classifica o argumento que satisfaz esse verbo, como CHÁ (71).

**Figura (71)** – Incorporações do verbo BEBER em Libras



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2018)

Com o exposto, estabelecemos no quadro (12) um esquema que relaciona os tipos de verbos descritos a partir do trabalho de Meir (1999) e de Ferreira (2013) e os tipos de IN de Mithun (1984) e Rosen (1989). Dessa feita, podemos concluir que ambos os tipos de verbos permitem a IN composta e a IN classificatória na Libras.

**Quadro (12):** Tipos de incorporação nominal nos verbos da Libras

	IN composta	IN classificatória
Verbos manuais	X	X
Verbos simples	X	X

### 5.2.5 Hipótese sintática de incorporação nominal na Libras

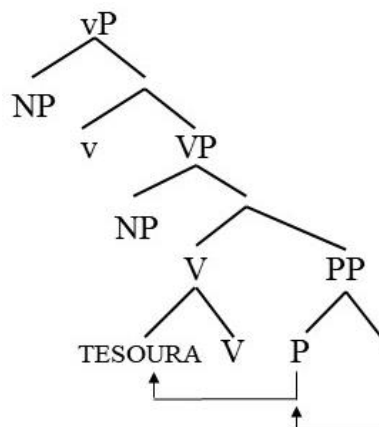
Na Libras, um dos trabalhos que trata da IN com base na hipótese sintática é o de Lourenço e Silva (2015). Os autores argumentam que os verbos manuais descritos por Ferreira (2013) como casos de derivação devem ser analisados como incorporação por meio da operação de *conflation*.

Segundo Hale e Keyser (1993, 2002 apud LOURENÇO; SILVA 2015, p. 1719), “*conflation* é o movimento de um núcleo, mais especificamente de sua matriz fonológica, para um outro núcleo vazio, sem realização morfológica, dando origem a única palavra”.

Nesse sentido, ocorre nos verbos manuais uma operação sintática de *conflation*, na qual o núcleo verbal é vazio, sendo preenchido após o movimento do núcleo nominal para ele. Lourenço e Silva (2015) exemplificam esse processo na Libras com a seguinte sentença: JOÃO PAPEL CORTAR-TESOURA

Neste exemplo, o verbo CORTAR apresenta apenas traços semânticos que serão associados ao instrumento TESOURA, por meio da operação de *conflation* do núcleo nominal para o núcleo verbal, formando, dessa maneira, o verbo complexo CORTAR-COM-TESOURA. Essa operação é demonstrada abaixo (Figura 72).

**Figura (72)** – Operação sintática de *Conflation* realizada pelo verbo CORTAR COM TESOURA em Libras



**Fonte:** Lourenço e Silva (2015, p. 1721)

Os autores discutem ainda sobre a ordem da sentença quando há a presença de verbos manuais, ou seja, a sentença se apresenta na ordem SOV. Os autores contra argumentam a descrição de Quadros (1999) dessa ordenação só ocorrer em sentenças da Libras quando há a presença de marcas não manuais que apresentam topicalização ou focalização e sentenças com verbos de concordância.

Para Lourenço e Silva (2015, p. 1722),

a primeira explicação para essa ordem é justamente o fato de o instrumento se incorporar ao núcleo verbal e de esse núcleo complexo não se mover para o núcleo de vP. Contudo, gostaríamos ainda de mostrar que verbos manuais possuem concordância. Mais especificamente, os verbos manuais concordam com o objeto da sentença.

Quanto à análise dos autores, concordamos que o núcleo verbal complexo não se mova para a posição vP, determinando, dessa maneira, o aparecimento de construções do tipo SOV na Libras. Entretanto, analisamos os casos descritos pelos autores como concordância, como processos de dupla incorporação do objeto e do adjunto (instrumento), a partir do corpus analisado na presente pesquisa (ver capítulo 7).

Com todo o exposto, refletimos a importância de analisar a IN sobre o prisma dos estudos lexicais e dos estudos sintáticos, conforme os dados da língua. Uma vez que ambos podem contribuir para uma análise mais consistente desse processo nas LS e mais especificamente, na Libras.

### 5.3 Composição

Neste tópico abordaremos o processo de formação de palavras conhecido como composição. Apesar de não ser o objetivo deste trabalho tratar sobre esse processo, apresentaremos ele pela íntima relação que estabelece com o processo de IN. Com isso, trataremos a composição de forma sucinta e estabeleceremos suas semelhanças e diferenças com a IN nas LS.

#### 5.3.1 Composição nas línguas de sinais

A composição é um processo que forma palavras a partir da junção de dois ou mais itens lexicais (FABB, 2001; BOOIJ, 2007). Nesse sentido, nas LS, a composição formará novos sinais a partir da combinação de um ou mais sinais (BAKER *ET AL.* 2016).

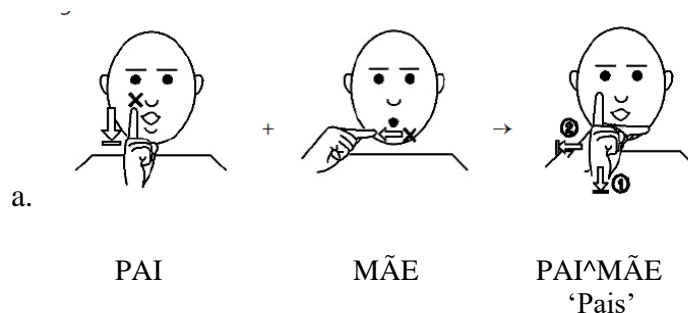
Os sinais que formam um composto podem ser da mesma classe gramatical ou de classes distintas, como nome (N), verbo (V) e adjetivo (A). Podemos ter composições do tipo N+N, N+V, V+V, N+A e etc. Booiij (2007) argumenta que o significado dos termos que formam um novo composto já é do nosso conhecimento, basta que descubramos a relação semântica entre esses termos. O autor apresenta um padrão semântico geral, no qual um composto da forma XY denota um Y que tem alguma relação com o X, ou vice-versa, de acordo com a língua.

Exemplos de composição na NGT são demonstrados na figura (73), Baker et al. (2016) afirmam que, em (73a), os sinais de PAI e de MÃE ocorrem um após o outro e nenhum dos elementos tem função modificadora ou específica na composição. Nesse caso, dois hipônimos são combinados para criarem um sinal que denota o hiperônimo

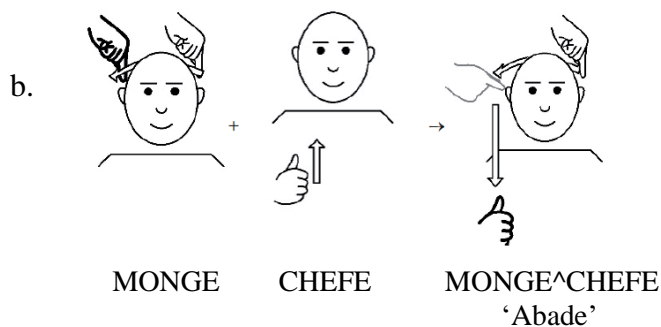


PAIS. De outra forma, em (73b), o sinal de MONGE funciona como um modificador do sinal de CHEFE, formando o sinal complexo ABADE. Em ambos os exemplos, temos a forma N+N criando um N.

**Figura (73)** – Formação do sinal PAIS e ABADE em NGT



Fonte: Baker *et al.* (2016, p. 200)



Fonte: Baker *et al.* (2016, p. 201)

Dessa maneira, Bybee (1985) afirma que a composição é um processo que se assemelha às características sintáticas e lexicais. Características sintáticas se dão por conta da possibilidade das palavras em composição serem realizadas também como palavras independentes; características lexicais por conta da combinação resultar em uma palavra, sendo essa com o significado previsível ou não previsível a partir da soma do significado de suas partes.

### 5.3.2 Semelhanças e diferenças entre a composição e a incorporação nominal

Com o exposto sobre o processo de composição, visualizamos semelhanças entre esse processo e a IN. A IN combina verbos e nomes para a formação de verbos complexos, dessa forma, se assemelha aos casos de composição do tipo N+V. Ambos os processos combinam um nome e um verbo que podem ser realizados de forma independente na oração e denotam significados genéricos quando combinados.

Contudo, a IN é um processo específico de formação de palavras em que o verbo incorpora um de seus argumentos. Bybbe (1985) demonstra a partir dos estudos da língua

Pawnee, descrita por Parques (1976), que o domínio semântico do argumento incorporado é geralmente restrito. Nessa língua, os nomes que denotam partes do corpo, fenômenos naturais, alimentos e produtos culturais são regularmente incorporados. Enquanto que nomes pessoais, nomes de animais e de espécies particulares e termos de parentescos não apresentam uma incorporação frequente.

Outra característica da IN apontada por Sapir (1911 Apud BYBBE, 1985) é que atividades típicas em que ação e objeto regularmente são encontrados unidos estão mais propícios a serem expressos com IN, de outra maneira, atividades ‘acidentais’ ou indiferentes ocorrem com nomes independentes aos verbos, sendo determinados de forma sintática. Dessa forma, construções realizadas de maneira incorporada dependem, em parte, da relevância do significado do nome para o verbo (BYBEE, 1985).

Essas duas características da IN não estão presentes na composição, uma vez que essa não apresenta restrições semânticas em suas combinações, podendo unir ao verbo nomes de qualquer espécie. Além disso, a composição é livre de restrições lexicais, podendo termos de atividades regulares e não regulares terem suas ações compostas ao nome.

Outra diferença apontada por Gertds (2001) é que, em casos padrão de composição, palavras novas são formadas e estabelecidas em uma categoria no léxico, sendo, dessa maneira, usadas em posições determinadas na sintaxe, conforme sua classe. Enquanto que, a IN exerce um papel duplo na oração, funciona como verbo e como um dos argumentos do verbo (como na IN composta).

Para melhor visualizar as semelhanças e as diferenças entre os processos de composição e de IN, apresentamos o quadro (13) que condensa a discussão acima.

**Quadro (13):** Semelhanças e diferenças entre os processos de composição e de incorporação nominal

	COMPOSIÇÃO	INCORPORAÇÃO NOMINAL
DIFERENÇAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O verbo pode combinar-se com qualquer nome;</li> <li>- Não apresenta restrições semânticas na composição dos nomes aos verbos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O verbo incorpora um de seus argumentos;</li> <li>- Prototipicamente, apresenta restrições semânticas na incorporação dos nomes aos verbos;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Termos de atividades regulares e não regulares podem ter suas ações compostas ao nome;</li> <li>- Funcionam como uma categoria lexical específica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ações regulares e típicas são mais propícias a serem expressos de forma incorporada;</li> <li>- Funcionam como verbos, mas com um dos argumentos já inseridos no próprio verbo.</li> </ul>
SEMELHANÇAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Combinam um nome e um verbo, que também podem ser realizados de forma independentes na oração.</li> <li>- Denotam significados genéricos quando combinados.</li> </ul>	

**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

## **CAPÍTULO 6:**

### **METODOLOGIA**

Nesta seção apresentamos a metodologia escolhida para a realização da presente pesquisa. Falamos sobre como foi constituído o corpus de derivação e de incorporação nominal (IN). Apresentamos as tabelas descritivas utilizadas para apresentar o processo de derivação e as escolhas metodológicas utilizadas para coletar o corpus de IN.

#### **6.1 O corpus**

Para entender o funcionamento da derivação na Libras, decidimos coletar os sinais da videoprova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em Libras 2017. Delimitamos essa coleta somente na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, pois pensamos que nesse contexto encontraríamos mais ocorrências de sinais formados pelos processos de derivação.

Essa nossa hipótese se justifica pelo advento de cursos de Letras Libras em diversas universidades brasileiras. Dessa maneira, entendemos que o campo da linguagem venha sendo mais debatido e, portanto, esteja com um léxico mais produtivo em relação as demais áreas.

Quanto ao processo de IN, coletamos os dados de duas formas diferentes, uma no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA *ET AL.*, 2017) e outra com gravação de sinalizações de três pessoas surdas. A necessidade da pesquisa com informantes surdos ocorreu por conta de precisarmos comprovar algumas hipóteses sobre IN em verbos simples que não conseguimos encontrar no dicionário supracitado.

##### **6.1.1 Corpus do processo de derivação**

###### **6.1.1.1 ENEM em Libras**

O ENEM é um exame realizado anualmente desde 1998 para avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos no ensino médio no Brasil. Desde 2004 as médias

obtidas pelos participantes têm sido utilizadas como forma de ingresso ao ensino superior por diversas instituições, algumas usam o exame como única forma de ingresso à instituição e outras como uma das formas para o ingresso. Com a criação do Sistema de Seleção Unificada – SISU, em 2010, o ENEM passou a ter mais visibilidade que o vestibular tradicional.

De 1998 a 2016 a prova era aplicada apenas em uma única língua, a Língua Portuguesa. Nesse contexto, os surdos tinham o direito de um tempo adicional para a realização do exame e tinham o acompanhamento do profissional tradutor intérprete de Libras/Português. A responsabilidade desse profissional era apenas a tradução de palavras do Português que o candidato surdo indicasse necessitar de tradução para sua LS.

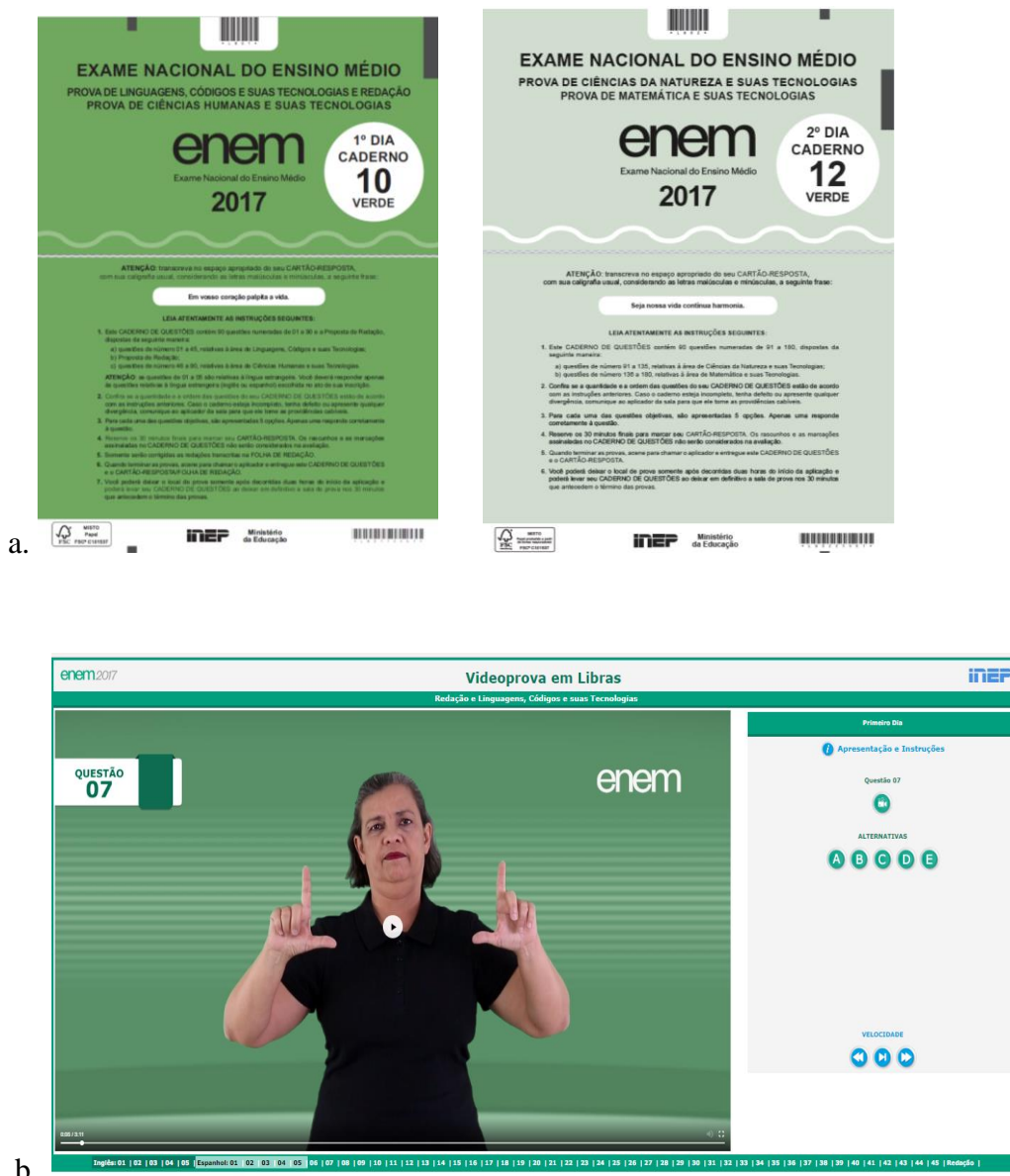
Diante de muitas dificuldades enfrentadas no momento da aplicação do exame e da luta do movimento surdo pelo reconhecimento de sua língua nos processos de seleção, no ano de 2017, foi realizada a primeira aplicação do ENEM em Libras. Nesse ano, os alunos surdos puderam ter acesso a todas as 180 questões e demais instruções da prova na língua de sinais. As questões das provas dos surdos e dos ouvintes não eram as mesmas, entretanto o padrão e nível de perguntas se equipararam<sup>6</sup>.

No momento da realização da prova, os surdos recebem dois CDS por dia e mais uma versão em português da videoprova. Cada CD corresponde a uma área do conhecimento, contendo nele uma plataforma que apresentava instruções sobre o exame e as 45 questões referentes à área do conhecimento. Em cada área, duas pessoas apresentam as questões, uma sinaliza os textos de apoio e as perguntas e outra sinaliza as 5 alternativas (A, B, C, D e E). Nas figuras de (74) apresentamos as capas da versão em português (74a) e a plataforma da videoprova (74b) do ENEM 2017.

---

<sup>6</sup> Em 2018, as questões do ENEM foram as mesmas para os surdos e para os ouvintes.

Figura (74) – Versão em português e em Libras da prova do ENEM 2017 para Surdos



Nesse sentido, constatamos a relevância que a videop prova do ENEM em Libras pode ter para a difusão de sinais técnicos e específicos de cada área por todo o Brasil, além disso, percebemos o potencial que esses vídeos podem ter para servirem de corpus para pesquisas em diversas áreas, como a linguística descritiva. Por isso, escolhemos esse material para analisarmos o funcionamento do processo de derivação.

6.1.1.2 Seleção e organização do corpus

Para a seleção do corpus, primeiramente fizemos um levantamento bibliográfico sobre a derivação nas línguas naturais e, mais especificamente, na Libras. Com base nesse conhecimento e em nossas reflexões pessoais, podemos ter um olhar mais apurado para identificarmos as possíveis ocorrências de derivação presentes nos vídeos.

Nesse sentido, analisamos 45 vídeos do exame. Numa primeira coleta, selecionamos 83 sinais que demonstraram ter alguma relação com o processo morfológico em questão. Em um segundo momento, com esse corpus de 83 sinais, fizemos uma seleção mais detalhada e determinamos 24 sinais para serem analisados.

Os sinais selecionados na primeira coleta foram organizados em quadros, que foram categorizados pelo tipo de derivação identificada, além de serem discriminados neles a área do conhecimento a qual pertence o sinal e o léxico equivalente na Língua Portuguesa para o sinal selecionado da Libras, como exposto no quadro (14).

**Quadro (14):** Organização da coleta dos sinais de derivação

<b>DERIVAÇÃO</b>			
<b>Direção do Movimento</b>			
<b>LC Q6</b>	 <p>FAVELA – derivado do sinal de CASA</p>	 <p>MORAR – movimento para baixo; derivado do sinal CASA</p>	
<b>LC Q8</b>	 <p>PREÇO/VALOR</p>	 <p>CAPITALISMO</p>	 <p>RICO</p>

Fonte: elaborado pelo autor (2019)

Na segunda seleção dos sinais, organizamos eles em quadros descritivos que demonstravam a formação desses sinais para se constituírem por derivação. Nesses quadros, como exemplificado no quadro acima, há a representação do sinal em SW (círculo vermelho), por imagem da articulação do sinal (círculo azul) e por um equivalente lexical da Língua Portuguesa (círculo verde). No quadro, representamos também a forma-base do sinal, os morfemas que se unem a essa base e a forma derivada a partir dessa afixação.

**Quadro (15):** Quadro descritivo de derivação

Quadro 3			
Sinal de Origem			
		 ÁRVORE	
Base (Morfema Lexical)		NATUREZA	
	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal

Fonte: elaborado pelo autor (2019)

### 6.1.2 Corpus do processo de incorporação nominal

Para analisarmos o processo de IN na Libras utilizamos dois corpora diferentes, o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA ET AL., 2017) e o registro de sinalizações de três pessoas surdas.

O Dicionário da Línguas de Sinais do Brasil (figura 76) é um dos trabalhos lexicográficos mais conhecido em todo o território nacional. Segundo Capovilla *et al.* (2017), esse dicionário documenta mais de 13 mil sinais da Libras, os quais são apresentados no material contendo de dez a doze dos seguintes elementos: (i) verbete em Português e Inglês, (ii) definição do significado do sinal, (iii) ilustração da forma do sinal, (iv) descrição detalhada e sistemática da forma do sinal, (v) ilustração do significado do sinal, (vi) exemplos ilustrativos do uso funcional apropriado do verbete em frases, (vii) especificação do escopo de validade geográfica do sinal, (viii) descrição da etimologia do



sinal, (ix) descrição da iconicidade do sinal, (x) escrita visual direta do sinal, (xi) soletração digital em Libras do verbete e (xii) classificação gramatical do verbete.

Figura (76) – Dicionário da Línguas de Sinais do Brasil



**ALCANÇAR** (CL) [sinal usado em: DF, RJ, PR, RS, SC, SP] (Inglês: to reach, to stretch out in order to catch); v. t. d. Apanhar ou tocar (algo) com as mãos ou com auxílio de algum objeto. Attingir. Obter. Encontrar ou tocar. Ex.: Esta caixa está guardada em um lugar muito alto. Eu não consigo alcançá-la. (Mão aberta, palma para baixo, distender o braço direito para frente e para cima, inclinando o corpo para frente, e então fechar a mão.)

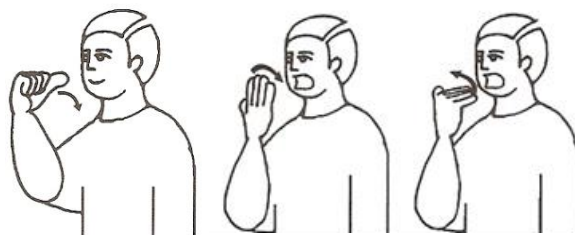
<span style="background-color: yellow; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 10px; height: 10px;"></span> (i) verbete em Português e Inglês;	<span style="background-color: blue; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 10px; height: 10px;"></span> (vi) exemplos ilustrativos do uso funcional apropriado do verbete em frases;
<span style="background-color: red; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 10px; height: 10px;"></span> (ii) definição do significado do sinal;	<span style="background-color: purple; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 10px; height: 10px;"></span> (vii) especificação do escopo de validade geográfica do sinal;
<span style="background-color: orange; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 10px; height: 10px;"></span> (iii) ilustração da forma do sinal;	<span style="background-color: green; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 10px; height: 10px;"></span> (x) escrita visual direta do sinal;
<span style="background-color: darkred; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 10px; height: 10px;"></span> (iv) descrição detalhada e sistemática da forma do sinal;	<span style="background-color: black; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 10px; height: 10px;"></span> (xi) soletração digital em Libras do verbete;
<span style="background-color: gold; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 10px; height: 10px;"></span> (v) ilustração do significado do sinal;	<span style="background-color: lightgreen; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 10px; height: 10px;"></span> (xii) classificação gramatical do verbete.

Fonte: elaborado pelo autor (2019)

Coletamos no dicionário quatro verbos que constatamos não terem um termo genérico em sua realização, dessa forma, o material apresentava esses verbos com diversas entradas lexicais, ou seja, os apresentava com suas formas incorporadas. Os verbos manuais coletados foram: CORTAR, ESCOVAR, FECHAR e ABRIR.

Quanto aos verbos simples que Ferreira (2013) descreveu que aceitam a IN, identificamos no dicionário apenas seus termos genéricos, tais como BEBER e COMER (Figura 77). Essa constatação, reafirmou as entradas dos verbos manuais coletados como casos de IN.

**Figura (77)** – Verbos BEBER e COMER em Libras



**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 395 e 717)

Diante disso, para analisarmos os verbos simples COMER e BEBER, fizemos gravações de vídeos com três pessoas surdas. Na presente pesquisa, nomeamos esses sujeitos como informantes e usamos os códigos I1, I2 e I3, respectivamente.

#### 6.1.2.1 Seleção dos informantes

Nossos principais critérios para a escolha dos informantes foram: serem surdos falantes de Libras e terem níveis de titulação diferentes. Abaixo, descrevemos as informações básicas sobre cada um dos informantes que aceitaram participar da pesquisa:

- (i) Informante 1 – Surda. Possui o ensino médio completo. Atualmente estuda para ingressar na universidade. Perdeu a audição com 2 anos. Aprendeu Libras com 3 anos.
- (ii) Informante 2 – Surdo. Possui titulação de especialista. Trabalha como professor de cursos livres de Libras, de cursos de graduação e de especialização. Perdeu a audição aos 3 anos de idade. Aprendeu Libras com 21 anos.
- (iii) Informante 3 – Surdo. Possui titulação de mestre. Trabalha como professor universitário. É surdo de nascença. Aprendeu Libras com 31 anos.

Diante disso, escolhemos três argumentos para cada um dos verbos simples, COMER e BEBER e assim, selecionamos do banco de imagens do *Google*, figuras que representassem pessoas realizando as ações verbais com os argumentos de COMER - SALADA, MAÇÃ e BANANA e de BEBER – CERVEJA, CAFÉ e CHÁ.

Nossa hipótese para o critério de escolha dos argumentos foi, para cada verbo, dois argumentos que potencialmente seriam incorporados pelo verbo e um que não seria. Para

o verbo COMER, hipotetizamos que o verbo incorporaria MAÇÃ e BANANA e para o verbo BEBER, acreditávamos que o verbo incorporaria CAFÉ e CHÁ.

As imagens que foram apresentadas aos sujeitos surdos estão apresentadas no quadro abaixo:

**Quadro (16):** Imagens utilizadas na pesquisa sobre IN com os informantes surdos

COMER	
BEBER	

Fonte: elaborado pelo autor (2019)

#### 6.1.2.2 Instruções de participação na pesquisa

Convidamos os informantes via *whatsapp* por meio de um vídeo em Libras, no qual explicamos que fazia parte de uma pesquisa de mestrado e que queríamos comprovar algumas informações da Libras. Não explicamos o objetivo da pesquisa e nem que aspecto da Libras queríamos comprovar, pois acreditamos que isso poderia influenciar na sinalização dos participantes.

A instrução dada a eles foi a de que deveriam observar as imagens e sinalizar o que as pessoas estavam fazendo. Informamos que os informantes poderiam fazer a gravação na própria câmera do celular e depois enviar-nos. Como resultado, obtivemos um corpus com 18 vídeos em Libras, sendo 6 de cada um dos informantes da pesquisa.




Após esse processo, em um momento presencial, explicamos aos surdos com mais clareza o objetivo da pesquisa e as demais questões que envolviam a participação deles. Apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado por todos, aceitando a utilização dos vídeos gravados para a presente pesquisa.

### 6.1.2.3 Apresentação do corpus de IN na pesquisa

Para apresentarmos na presente pesquisa a sinalização dos informantes surdos, utilizamos *prints* das formas verbais incorporadas e, quando necessário para a análise, a forma verbal não incorporada.

Além disso, expomos nos Apêndices, a sinalização completa dos informantes do vídeo em SW, como demonstrado na figura (78). Nela podemos perceber que os sinais estão dispostos verticalmente, uma vez que essa é uma das características desse tipo de escrita.

**Figura (78)** – Sinalização dos informantes do vídeo em SW

INFORMANTE 2
 MULHER
 MAÇÃ
 COMER-CL:objeto- redondo-esfera
'A mulher come a maçã'

**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Além disso, abaixo de cada sinal escrito temos uma palavra correspondente do português para traduzir o sentido expresso pelo sinal. Ao final do quadro em *SignWriting* temos a tradução em Português do sentido completo da frase.

Portanto, o detalhamento de todo esse percurso e a exposição das ferramentas se torna válida para que o campo metodológico de coleta e análise de sinais seja mais desenvolvido, tendo em vista que alguns dos modelos de coleta de línguas orais, não são compatíveis para serem realizados com línguas na modalidade visual-gestual.

Dessa maneira, no próximo capítulo apresentaremos a análise dos dados e descreveremos os processos de derivação e de IN na Libras.

## **CAPÍTULO 7:**

### **ANÁLISE DOS DADOS**

Nesta seção, apresentamos nossa análise sobre o corpus coletado. Os processos de formação de sinais pesquisados, derivação e incorporação nominal (IN), serão revisitados a partir da análise das unidades mínimas dos sinais que constituem o corpus da presente dissertação.

#### **7.1 Derivação**

A derivação, entendida como processo que forma novos sinais a partir da adição de morfemas a uma base lexical, é um processo produtivo na Libras. Neste tópico destacamos duas ocorrências de derivação produtiva identificada nos dados: (i) a derivação infixal por meio do parâmetro MOV e (ii) a derivação sufixal de negação também por meio do parâmetro MOV. Discutimos ainda um possível sufixo de negação e um possível marcador de agentividade em processo de gramaticalização na Libras.

##### **7.1.1 Derivação infixal: o parâmetro movimento**

Segundo Klima e Bellugi (1979), o MOV é uma unidade mínima complexa. Os autores afirmam que são características desse parâmetro aspectos como as formas, as direções, os movimentos internos da mão e os movimento do pulso. Essas características também são atestadas na Libras por Quadros e Karnopp (2004). Constatamos, com base nos dados, que esses elementos podem funcionar como morfemas gramaticais e marcar a formação de um novo sinal e até mesmo a mudança de classe gramatical da base.

Apresentaremos agora quais categorias do parâmetro MOV podem ser determinantes para marcações derivativas nos sinais da Libras.




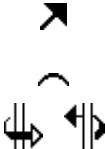








#### 7.1.1.1 Derivação direcional do MOV

Nos quadros (17) a (20) apresentamos os sinais que são derivados a partir da adição do morfema movimento direcional à base. Nesses quadros, temos exposta a base (morfema lexical ou raiz) que identificamos a partir da análise das unidades mínimas que se repetem em todos os sinais e também em alguns quadros apresentamos o sinal de origem que identificamos a partir de características semânticas e estruturais.

Quanto a esse último ponto, escolhemos os sinais com estrutura e significado mais simples para ocuparem a posição de sinal de origem e deles apresentamos as derivações que são criadas a partir da afixação de MOV. A nossa não determinação precisa do sinal de origem se dá pelo fato de não termos base em nenhum estudo de Linguística Histórica da Libras para elencarmos a ordem de surgimento dos sinais. Além disso, entendemos que essa determinação não é um fator obrigatório de ser definido nessa análise, pois, com os dados pesquisados, conseguimos indicar a base dos sinais e seus morfemas gramaticais afixados e, assim, analisar o processo derivacional.

No quadro (17) estabelecemos como sinal de origem o termo referente a CASA. Desse sinal, indentificamos a derivação de outros três. O primeiro é o sinal de FAVELA, formado a partir do MOV de rotação do antebraço para a diagonal direita. O próximo sinal, MORAR, é derivado a partir do MOV de depressão dos ombros, juntamente com os braços. Por fim, temos a criação do sinal de VIZINHO, por meio do MOV de abdução e adução dos braços.





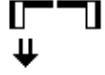

**Quadro (17):** Derivações do sinal referente à CASA

Sinal de Origem				
CASA				
				
Base (Morfema Lexical)	FAVELA			
	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal	
				
	MORAR			
				
VIZINHO				
				

Fonte: Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

A derivação do sinal de IGUALDADE é apresentada no quadro (18). A partir desse sinal temos a formação do sinal de DESIGUALDADE, ele apresenta um MOV de depressão do ombro direito para constituir a marcação de negação e, assim, estabelecer o significado de ‘desigual’ para o sinal.

**Quadro (18):** Derivação do sinal referente à IGUALDADE







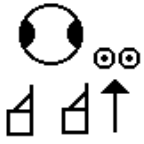
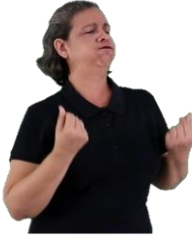
Sinal de Origem			
IGUALDADE			
			
DESIGUALDADE			
Base (Morfema Lexical)	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal
			

**Fonte:** Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

No quadro (19) temos a derivação de dois sinais a partir do sinal de origem referente a VALOR. Ambos os sinais derivados acrescentam em sua execução a mão passiva, o que poderíamos classificar, com base em Faria-Nascimento (2013), como morfema duplicado. Além dessa marcação, temos no primeiro sinal, o MOV de extensão do braço na direção diagonal direita marcando a formação do sinal referente a CAPITALISMO. No segundo sinal, o MOV de elevação do ombro e dos braços associado a EF de inflar as bochechas, anexam ao sinal-base o significado de ‘rico’.









**Quadro (19):** Derivação do sinal referente a VALOR

Sinal de Origem			
VALOR			
			
Base (Morfema Lexical)	CAPITALISMO		
	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal
			
RICO			
			

**Fonte:** Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

O quadro (20) descreve a derivação do sinal FLORESTA a partir do sinal de origem ÁRVORE. Aquele sinal é formado a partir do MOV de abdução de ambos os braços para a direita. É importante destacar que o afixo MOV de abdução dos braços funciona tanto como um morfema derivativo quanto um morfema flexional, ou seja, morfema que marca uma função gramatical ao sinal, uma vez que esse morfema indica também o plural do nome ÁRVORE.

**Quadro (20):** Derivação do sinal referente 4 ÁRVORE

Sinal de Origem			
ÁRVORE			
			
Base (Morfema Lexical)	NATUREZA		
	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal
			

Fonte: Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

Com o exposto, podemos constatar que a direcionalidade do MOV como marcador afixal de derivação tem forte relação semântica na formação dos novos itens lexicais. Analisamos que (i) a direcionalidade do sinal de MORAR tem relação semântica com a ideia de pertencer a um lugar fixo, (ii) em VIZINHO, a direcionalidade para os lados direito e esquerdo, denota a proximidade entre casas, portanto, vizinhas, e (iii) a derivação de sinais que denotam coisas socialmente negativas tendem a ser direcionadas para baixo, por exemplo DESIGUALDADE, enquanto que, coisas socialmente ‘positivas’ tendem pela direção para cima, como RICO e CAPITALISMO.



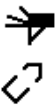
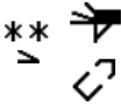

#### 7.1.1.2 Derivação da Dinâmica do MOV

Com base nas classificações do *SignWriting* e nas pesquisas de Stumpf (2005) sobre esse sistema de escrita da Libras, classificamos a dinâmica do movimento como: simultâneo, alternado, uma mão move enquanto a outra está imóvel, lento, suave, rápido, tenso e relaxado (ver capítulo 2, tópico 2.4.2).

Dessa maneira, nos quadros (21) a (23) apresentamos os morfemas gramaticais marcados pela dinâmica do MOV que são adicionados à base para derivar novos sinais. O quadro (22) apresenta uma derivação que muda a classe gramatical do sinal.

No quadro (21) apresentamos a derivação entre os sinais de AUTÊNTICO e de VERDADE. Identificamos nesses sinais que a formação de um novo item lexical é marcada pela diferença nas dinâmicas do MOV, um tem o MOV mais lento, enquanto outro apresenta um MOV mais rápido. Além disso, há um morfema gramatical referente ao número de contatos de toque, pois o sinal de VERDADE apresenta uma repetição desse tipo de contato.

**Quadro (21):** Derivação dos sinais referentes a AUTÊNTICO e VERDADE







AUTÊNTICO / OFICIAL / ORIGINAL			
			
Base (Morfema Lexical)	VERDADE		
	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal
	*		

Fonte: Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

Descrevemos no quadro (22), a derivação do sinal de LIVRO, a partir do sinal de FOLHEAR. Entendemos que a derivação parte do verbo para a criação do nome, processo de nominalização, pois esse é um processo bastante comum nas LS, inclusive na Libras, descrito por Quadros e Karnopp (2004).

Dessa maneira, temos que a diferença entre os sinais do quadro (22) ocorre em relação à dinâmica do MOV, sendo o primeiro constituído pelo MOV relaxado e o segundo pelo MOV rápido.



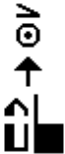




**Quadro (22):** Derivação do sinal referente a FOLHEAR

Sinal de Origem			
FOLHEAR			
			
Base (Morfema Lexical)	LIVRO		
	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal
			

**Fonte:** Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

No quadro (23) descrevemos a derivação entre os verbos PERGUNTAR e PESQUISAR. É interessante observar neste caso a derivação entre verbos. O processo de mudança entre eles também ocorre pela dinâmica do MOV, sendo os sinais constituídos pelos MOV relaxado e rápido, respectivamente.

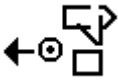

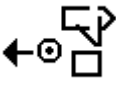

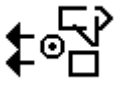

**Quadro (23):** Derivação dos sinais referentes a PESQUISAR e PERGUNTAR

Base (Morfema Lexical)	PERGUNTAR		
	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal
			
	PESQUISAR		
	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal
			

Fonte: Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

Analisando os sinais do quadro (24), parametricamente, podemos constatar uma semelhança na articulação desses sinais. Descrevemos esse dado como mais um caso de derivação pela dinâmica do MOV. O sinal referente a ACONTECER é realizado com uma MOV lento, enquanto o sinal referente a ERRAR/ERRADO é feito com um MOV rápido e repetido.

**Quadro (24):** Derivação do sinal referente a ACONTECER

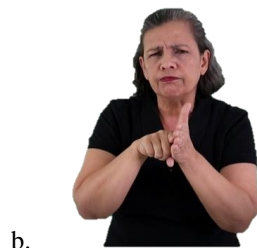
Sinal de Origem			
ACONTECER			
			
Base (Morfema Lexical)	ERRAR/ERRADO		
	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal
			

**Fonte:** Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

Podemos concluir com a análise dos dados acima que, duas dinâmicas de MOV prevalecem como marcas derivativas. A dinâmica lenta ou relaxada e a dinâmica rápida e repetida do MOV. É interessante observar que os sinais derivados que apresentam uma dinâmica rápida e repetida demonstram um encurtamento na execução do movimento no espaço. Vamos demonstrar essa característica a partir dos sinais de PERGUNTAR e PESQUISAR em (79).

Observe que o sinal de PERGUNTAR apresenta um ponto de partida da execução do sinal próximo ao peitoral do sinalizante, enquanto que o ponto de chegada se dá em uma área mais afastada do corpo. De outra maneira, quando ocorre a formação do sinal de PESQUISAR, temos que o ponto de partida e o ponto de chegada são fixados na mão passiva. Justificamos este fato por conta de o sinal apresentar uma dinâmica do MOV mais rápida, provocando, dessa maneira, o encurtamento, característico da economia linguística das línguas naturais e a repetição do MOV do sinal.

**Figura (79)** – Sinais PERGUNTAR e PESQUISAR em Libras








**Fonte:** Videoprova do ENEM (2017)

#### 7.1.1.3 Derivação por reduplicação do MOV

A reduplicação do movimento é um dos processos derivativos mais produtivos nas LS e já foi atestado em diversas línguas, como a ASL (SUPALLA E NEWPORT, 1978) e Libras (QUADROS E KARNOPP, 2004). Essa reduplicação provoca a mudança da classe gramatical de verbo para substantivo, processo conhecido como nominalização.

Em nossos dados, constatamos somente um caso de reduplicação. A derivação apresentada no quadro (25) já foi descrita por Quadros e Karnopp (2004). A constatação dessa derivação em nossos dados só confirma a descrição já feita pelas autoras. Temos nesse dado o processo de nominalização do verbo SENTAR para formar o nome CADEIRA. Parametricamente, essa derivação ocorre por conta de uma duplicação no parâmetro MOV de flexão do punho para baixo, criando dessa maneira, nomes a partir de verbos.

**Quadro (25):** Derivação do sinal referente a SENTAR

Sinal de Origem			
SENTAR			
			
Base (Morfema Lexical)	CADEIRA		
	Morfema Gramatical	Sinal Derivado	Imagem do sinal
	<p>*</p>		

**Fonte:** Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

Com todo o exposto, constatamos, como já afirmado por vários pesquisadores das LS, que o parâmetro MOV se apresenta como uma unidade mínima bastante complexa. Além disso, a partir de nossas análises, descrevemos o quanto o MOV é produtivo na criação de novos itens lexicais.

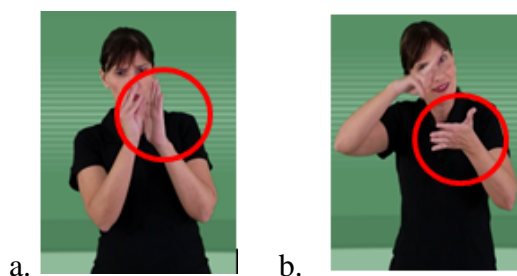
A partir dos dados, identificamos as categorias: direcionalidade, dinâmica do movimento e reduplicação do movimento como responsáveis pelas marcações derivativas.

### 7.1.2 Derivação Infixal: produtividade do morfema base TEXTO

Faria-Nascimento (2013) analisou em seu corpus a produtividade do morfema preso que funciona como base para a derivação de diversos sinais com o valor semântico relacionado a texto. A autora identificou duas formas de realização desse morfema-base. Na primeira, a mão está posicionada verticalmente (80a) e na segunda está posicionada horizontalmente (80b). A pesquisadora levanta a hipótese de que essa variação da CM pode evidenciar um caso de alofonia nas LS, já que a base semântica é a mesma.



**Figura (80)** – Morfema-base TEXTO em Libras

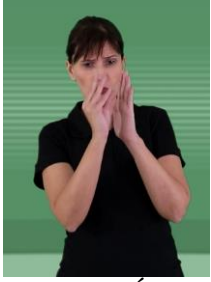
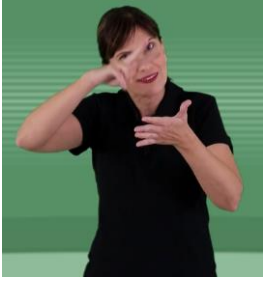

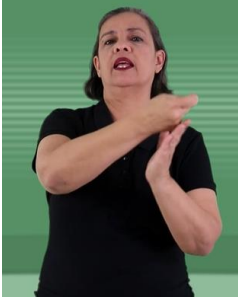


**Fonte:** Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

Desta feita, em nosso corpus identificamos um número de sinais com as características descritas por Faria-Nascimento (2013). No quadro (26) podemos perceber que o morfema-base é mantido em todos os sinais com o valor semântico de ‘textos impressos, manuscritos ou pictográficos’. A CM, o MOV e a OP associados a esse morfema-base criam um novo item lexical na Libras.

**Quadro (26):** Sinais derivados do morfema base TEXTO

 <p>ESCREVER</p>	 <p>TEXTO</p>
 <p>TEORIA</p>	 <p>CARTA</p>
 <p>JORNAL</p>	 <p>LIVRO</p>

 <p>CONTEÚDO</p>	 <p>LER</p>
 <p>DESENHO</p>	 <p>REDAÇÃO</p>



Fonte: Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

### 7.1.3 Derivação Sufixal: marca de negação

#### 7.1.3.1 Sufixo de negação: pronação do antebraço

Com base em Felipe (2006), identificamos um grupo de sinais opostos (afirmativos e negativos). Os sinais afirmativos possuem um movimento que é alterado em sua articulação final por outro movimento que marca a negação. Concordamos com a visão de Felipe (2006) e entendemos que nestes casos estamos diante de sufixos adicionados na articulação final dos sinais afirmativos, derivando assim, sinais negativos, como exposto no quadro (27).

**Quadro (27):** Sinais que apresentam o sufixo de negação com o MOV de pronação do antebraço

TER	NÃO TER
	

<p>QUERER</p> 	<p>NÃO QUERER</p> 
<p>GOSTAR</p> 	<p>NÃO GOSTAR</p> 
<p>SABER</p> 	<p>NÃO SABER</p> 

Fonte: Videoprova do ENEM (2017, adaptado)

O que ocorre nesses sinais é um movimento de pronação do antebraço, no qual ele é direcionado para a parte inferior do corpo (Figura 81). Pelo fato de o movimento ser um parâmetro fonológico e Felipe (2014) afirmar que essa unidade pode constituir um morfema, entendemos que pela frequência de ocorrência do MOV de pronação do antebraço nos sinais negativos estamos diante de um morfema.

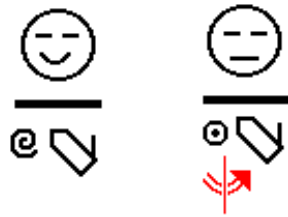
Figura (81) – Pronação do antebraço



Fonte: CALAIS-GERMAIN (2010, p. 10 apud MARINHO, 2014, p. 23, adaptado)

Justificamos a descrição desse morfema como sufixo por dois motivos: esse movimento oposto ocorre somente em verbos e esses verbos em sua forma positiva já possuem um MOV que, quando derivados para forma negativa, tem o MOV seguido por outro MOV (pronação do antebraço) que o direciona para a parte inferior. No exemplo (82), podemos constatar esse fato com os sinais de GOSTAR e NÃO GOSTAR.

**Figura (82)** – Sinais de GOSTAR e de NÃO GOSTAR em Libras



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

#### 7.1.3.2 Marcador de negação –NADA

Como demonstramos na seção 4, a ASL apresenta um morfema sufixal de negação que é adicionado em verbos. Na Libras, encontramos um marcador de negação parametricamente parecido com o que já foi descrito na LS supracitada (Figura 83). Entretanto, a partir dos nossos dados, identificamos que esse marcador, algumas vezes, assume uma função morfológica e, em outros momentos, assume função puramente sintática denotando negação para toda a sentença.

**Figura (83)** – Marcadores de negação em ASL e em Libras



ASL

**Fonte:** Aronoff et al. (2005, p. 46)



Libras

Fonte: Videoprova do ENEM (2017)

Decidimos discorrer sobre esse marcador na presente pesquisa, pois, com base na ASL, acreditamos que esse sinal possa estar sendo gramaticalizado e assim futuramente poderá tomar a função de sufixo na Libras.

Identificamos três casos em que o marcador de negação NADA funciona como um marcador de negação morfológica, ocorrendo após verbos simples, parecido ao que foi descrito na ASL. Apresentamos esses casos nas figuras (84), (85) e (86).

Figura (84) – Sentença ‘não perder’ em Libras

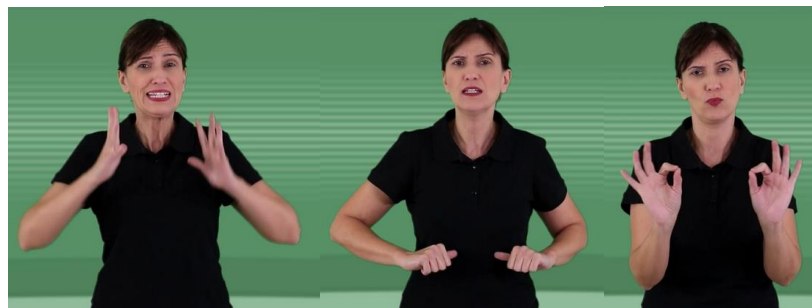


PERDER

NADA

Fonte: videoprova do ENEM (2017)

Figura (85) – Sentença ‘nada de limpeza’ em Libras



LIMPAR

NADA

Fonte: videoprova do ENEM (2017)

**Figura (86)** – Sentença ‘sem compromisso’ em Libras



COMBINAR

NADA

**Fonte:** videoprova do ENEM (2017)

Contudo, em outro momento o NADA foi sinalizado antes do verbo OBRIGAR (Figura 87). Isso demonstra que, apesar de esse marcador negativo ser sinalizado na maioria das vezes após os verbos, há ocorrências dele antes do verbo, demonstrando assim uma variação morfossintática em seu uso, que, talvez, esteja relacionada à ênfase ou a variações discursivas/pragmáticas.

**Figura (87)** – Sentença ‘ninguém tem a obrigação’ em Libras



NADA

OBRIGAR

**Fonte:** videoprova do ENEM (2017)

As sentenças (88) e (89) são exemplos em que o marcador NADA aparece no final da frase e denota a negação para toda a sentença sinalizada e não somente para um sinal específico.

Figura (88) – Sentença ‘vida real não existe mais’ em Libras



Fonte: videoprova do ENEM (2017)

Figura (89) – Sentença ‘Feminismo não estimula o ódio’ em Libras



Fonte: videoprova do ENEM (2017)

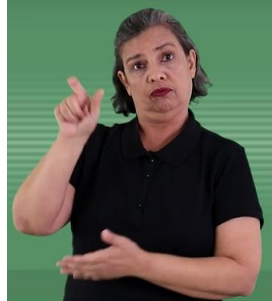
#### 7.1.4 Marcador agentivo

A agentividade de verbos é descrita na ASL por Aronoff *et al.* (2005) como demonstramos no capítulo 4, tópico 4.5.2, sobre morfologia sequencial. Nessa língua há um elemento posposto ao verbo para marcar a agentividade, dessa maneira, esse elemento é descrito pelos pesquisadores como um sufixo.

Sobre essa questão, nosso conhecimento de falante da Libras nos remete ao fato de que o sinal de PESSOA é uma das formas usadas antes de alguns verbos e alguns nomes

para marcar sua agentividade. Contudo, o sinal usado em construções sintáticas como marcador espacial de pessoa e animal tem funcionado também junto a verbos ou nomes como marcadores de agentividade e de nominalização (Figura 90).

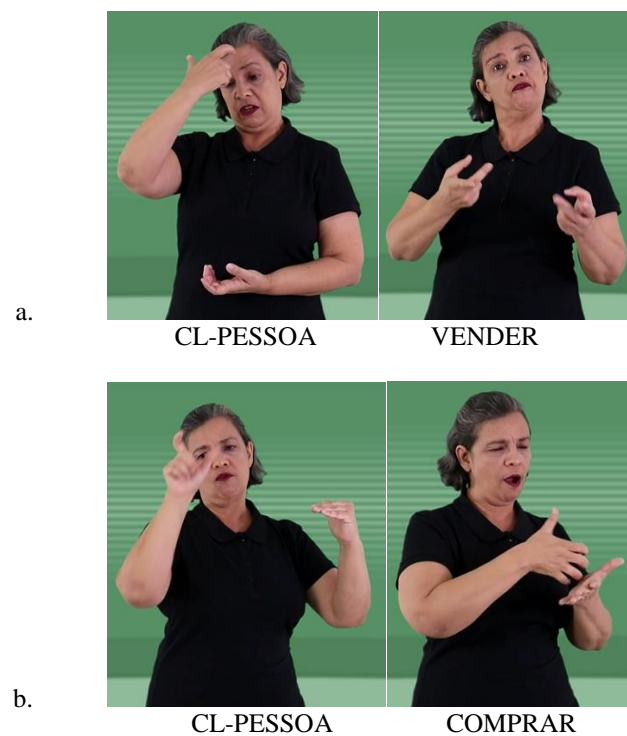
**Figura (90)** – Classificador de PESSOA em Libras



**Fonte:** videoprova do ENEM (2017)

No corpus usado na presente pesquisa o lugar de ocorrência do elemento em discussão não parece fixo. Verificamos que ele ocorreu antes do verbo em (91), após o verbo em (92) e após o verbo acompanhado do sinal de PESSOA em (93).

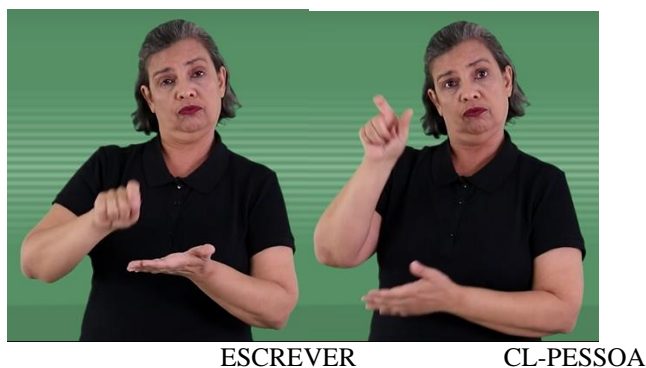
**Figura (91)** – Sinais de VENDEDOR e de CLIENTE em Libras



**Fonte:** videoprova do ENEM (2017)



**Figura (92)** – Sinal de ESCRITOR em Libras



**Fonte:** videoprova do ENEM (2017)

**Figura (93)** – Sinais de |PESSOA DA ÁFRICA e AFRICANOS em Libras



**Fonte:** videoprova do ENEM (2017)

Com base na descrição feita em outras LS, nossa análise sobre o marcador agentivo encontrado em nossos dados é a de que esse sinal da Libras possa estar passando por um processo de gramaticalização, talvez em um percurso inicial. Isso justifica identificarmos em nosso corpus uma variação na ocorrência do marcador agentivo, por vezes aparecendo antes e por vezes depois dos verbos e dos nomes. Além disso, refletimos que o tempo de existência da Libras pode influenciar no desenvolvimento do seu sistema morfológico sequencial.

## **7.2 Incorporação Nominal**

A Incorporação Nominal (IN) é um processo morfossintático que une uma base nominal a uma base verbal. Nas discussões das sessões anteriores deste trabalho, descrevemos dois tipos de verbos que incorporam nomes na Libras: verbos manuais e verbos simples. Nos tópicos seguintes demonstramos as ocorrências de IN nesses verbos em nosso corpus.

### **7.2.1 Verbos manuais**

Como afirma Quadros e Karnopp (2004, p. 204), “os verbos manuais envolvem uma configuração de mão em que se representa estar segurando um objeto na mão”. Além disso, esses verbos não apresentam uma forma genérica, apenas indicam de maneira abstrata por meio de um movimento e uma locação a ação realizada pelo verbo. Dessa feita, os verbos manuais têm sua realização plena a partir da incorporação do instrumento utilizado na ação ou com o argumento verbal incorporado ao verbo.

Em nosso corpus, identificamos quatro verbos que se comportam dessa maneira, são eles: (i) CORTAR, (ii) ESCOVAR, (iii) FECHAR e (iv) ABRIR. Discutiremos cada um deles nos tópicos abaixo.

#### **(i) Verbo CORTAR**

O sinal CORTAR é um verbo manual que indica de maneira abstrata, por meio do movimento de rotação (nesse caso, abrir e fechar dos dedos ou dos antebraços) a ação indicada pelo verbo. Em nossos dados, esse verbo incorporou instrumentos como: TESOURA, TESOURA-DE-PODAR e CORTADOR-DE-UNHA.

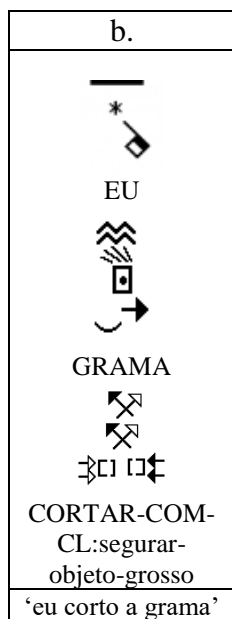
Em (94a), o verbo CORTAR incorpora o instrumento TESOURA-DE-PODAR para marcar a ação verbal. Nesse caso, os dois argumentos do verbo podem ser marcados na sentença, contudo, o instrumento incorporado classifica o tipo de objeto que pode ocupar a posição de argumento. Nesse sentido, poderíamos ter sentenças gramaticais na Libras como demonstrado em (94b), na qual o objeto GRAMA tem relação semântica com nome incorporado ao verbo e torna a sentença gramaticalmente aceita na Libras.

**Figura (94a)** – Sinal de CORTAR COM TESOURA DE PODAR em Libras



**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 2698)

**Figura (94b)** – Sentença ‘Eu corto a grama’ em Libras



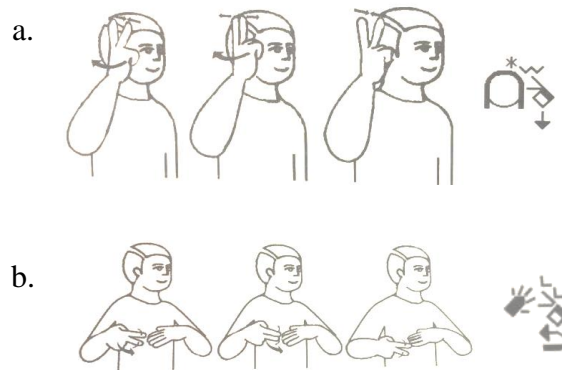
**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019)

De outra forma, quando o verbo CORTAR incorpora os instrumentos TESOURA e CORTADOR-DE-UNHA, ele pode realizar uma dupla incorporação, na qual tanto objeto quanto adjunto são integrados ao verbo.


Em nosso corpus, identificamos dois casos desse tipo. Em (95a) o verbo CORTAR incorpora o adjunto TESOURA e o objeto CABELO. Analisamos dessa maneira pois, na sinalização, a CM em marca o instrumento incorporado ao verbo e a LOC do sinal, realizado no cabelo, indica a incorporação do argumento verbal.

Contudo, quando o objeto do verbo foi UNHA, CORTAR incorporou esse argumento e foi sinalizado próximo a região do dedos, como constatamos em (95b).

**Figura (95)** – Sinal de CORTAR O CABELO COM TESOURA e CORTAR A UNHA COM TESOURA em Libras



**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 808 e 2699)

Na figura (96), ocorre o mesmo processo, contudo, o verbo incorpora o adjunto CORTADOR-DE-UNHA e o objeto UNHA. Na sinalização, a CM em  indica o instrumento incorporado e o LOC próximo à unha representa o objeto incorporado.

**Figura (96)** – Sinal CORTAR A UNHA COM CORTADOR DE UNHA em Libras





**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 809 )

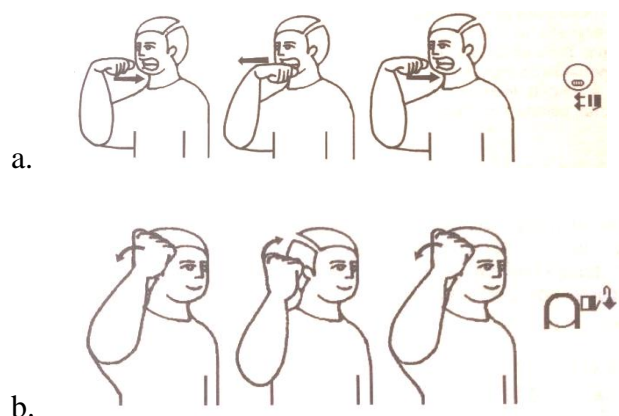
Portanto, analisamos que o verbo CORTAR apresenta os dois tipos de incorporação, a IN classificatória e a IN composta. A primeira observamos nas figuras (94), uma vez que o verbo incorpora o adjunto que classifica a posição de objeto na sentença. A segunda verificamos nas figuras (95a), (95b) e (96), pois os verbos transitivos transformam-se em verbos intransitivos, contendo neles dois argumentos, o objeto e o adjunto.

#### (ii) Verbo ESCOVAR



O verbo ESCOVAR se comporta de maneira parecida ao verbo CORTAR, pois temos a incorporação do instrumento usado na prática da ação de escovar e/ou do argumento do verbo. Em nosso corpus, todos os dados com esse verbo foram realizados com a dupla incorporação.

Nos exemplos abaixo, ocorre a incorporação dos instrumentos ESCOVA-DE-DENTE e ESCOVA-DE-CABELO e dos objetos DENTE e CABELO, respectivamente. Sendo que em a CM em  indica a ESCOVA-DE-DENTE (Figura 97a) e a locação próximo ao dente marca o objeto do verbo incorporado, já na figura (97b), a CM em  representa a ESCOVA-DE-CABELO e a locação no cabelo indica o argumento verbal incorporado.

**Figura (97)** – Sinais de ESCOVAR OS DENTES COM ESCOVA DE DENTE e ESCOVAR O CABELO COM ESCOVA DE CABELO em Libras



**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 1129 e 1128)

Nesses dois dados, temos uma dupla incorporação, o objeto e o adjunto do verbo são incorporados. Esse processo faz com que a transitividade verbal seja alterada. O dado em (98a) também apresenta um dupla incorporação, contudo, a valência verbal não é alterada. Nesse caso, o verbo incorpora o instrumento ESCOVA, sendo marcado pela CM em  e incorpora o termo classificatório que indica um CL:objeto-médio-comprido (). Contudo, mesmo com o termo incorporado pelo verbo, a posição de objeto continua sendo marcada.

Nesse sentido, ocorre que o verbo incorpora um termo genérico que classifica o objeto da valência verbal, que poderia, por exemplo, ser preenchido com sinal de SAPATO. Em (98b), temos um exemplo de sentença gramatical na Libras nessa vertente.

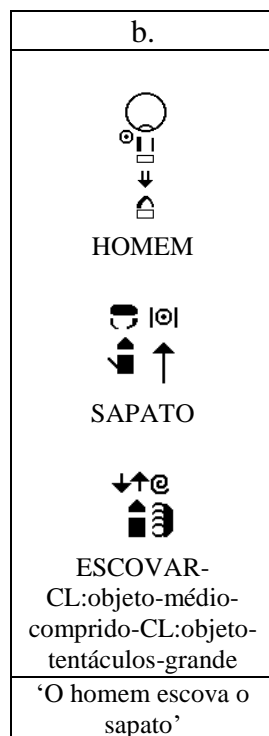
**Figura (98a)** – Sinal de ESCOVAR O SAPATO COM ESCOVA



ESCOVAR-CL:objeto-médio-comprido-COM- CL:objeto-tentáculos-grande

**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 1129)

**Figura (98b)** – Sentença ‘o homem escova o sapato’ em Libras



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019)

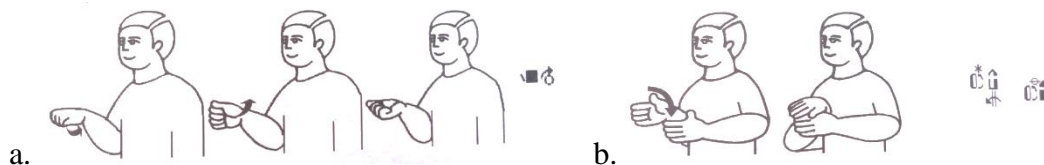
Então, de acordo com nossos dados, o verbo ESCOVAR na Libras apresentou os tipos de IN, composta e classificatória. Dessa maneira, na figura (97), o verbo incorpora seus argumentos e altera sua transitividade, de outro modo, na figura (98), a incorporação do verbo não altera sua transitividade.

### (iii) Verbo FECHAR

O verbo FECHAR se comportou diferente dos verbos anteriores. Nesse verbo, não ocorre a dupla incorporação. Em alguns casos, o verbo incorporou somente o instrumento e em outros casos incorporou somente o objeto.







FECHAR, na figura (99), incorpora apenas o instrumento, e esse classifica o argumento que poderá preencher a função de objeto na sentença. Em (99a) poderíamos ter o objeto BAÚ, formando uma setença do tipo (100a) e em (99b) poderíamos ter o objeto PANELA, em uma sentença como em (100b).

**Figura (99)** – Sinais de FECHAR COM CHAVE e FECHAR COM TAMPA em Libras




**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 1274 e 1275)

**Figura (100)** – Sentenças ‘Eu fecho o baú com a chave’ e ‘A mulher tampa a panela’ em Libras

a.	b.
 * EU	 MULHER
 BAÚ	 PANELA
 FECHAR-COM-CHAVE	 FECHAR-COM-TAMPA
‘Eu fecho o baú com a chave’	‘A mulher tampa a panela’

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019)

Em um dos nossos dados, o verbo FECHAR incorporou somente o objeto, como na figura (101). Nesse caso, a CM em  traz para o verbo a informação do objeto PORTA. Dessa maneira, o verbo transitivo passa a ser intransitivo, com a informação do argumento incorporado ao verbo.

**Figura (101)** – Sinal FECHAR A PORTA em Libras



**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 1274)

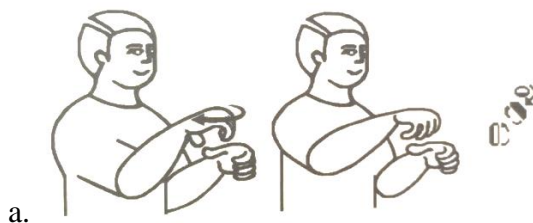
Em vista disso, temos no verbo FECHAR os dois tipos de incorporação: IN composta e IN classificatória. Em (99) o verbo incorpora somente seu adjunto, não interferindo na transitividade e em (101) a IN do objeto verbal faz com que o verbo torne-se intransitivo.

(iv) Verbo ABRIR

O comportamento do verbo ABRIR nos dados foi parecido com o comportamento do verbo FECHAR. Em algumas sentenças, o verbo incorporou o objeto e em outras, incorporou apenas o adjunto.

Os verbos nas figuras (102) apresentam IN do instrumento. É interessante observar que, o instrumento incorporado classifica o tipo de garrafa e o tipo de tampa envolvidos na ação verbal. Em (101a) podemos sugerir que, a garrafa é grossa e possui uma tampa de enroscar e, em (101b), a garrafa é fina e possui uma tampa do tipo rolha, respectivamente.

**Figura (102)** – Sinal de ABRIR OBJETO COM TAMPA em Libras



ABRIR-CL:objeto-grosso-rendondo-tampa-desenroscar





b.

ABRIR-CL:objeto-fino-COM-CL:instumento-com-garras

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 67)

Se o objeto mudar para enlatados, o classificador incorporado ao verbo ABRIR será diferente, como constatamos em (103). O verbo incorpora por meio da CM e do MOV o tipo de instrumento utilizado para abrir esses tipos de latas.

Figura (103) – Sinal ABRIR ENLATADO COM ABRIDOR em Libras



ABRIR-CL:objeto-grosso-COM-CL:instumento-fino

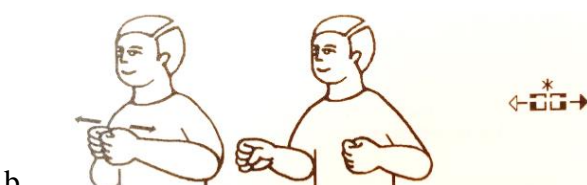
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 65)

De outra maneira, o verbo ABRIR pode incorporar apenas seu objeto. Da mesma forma que ocorreu na sentença (101): FECHAR-PORTA, em (104a) temos o verbo denotando ABRIR-PORTA e em (104b) o verbo denotando ABRIR-JANELA.

Figura (104) – Sinais de ABRIR A PORTA e ABRIR A JANELA em Libras



a.



b.

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 67)

Dessa maneira, o verbo ABRIR comporta dois tipos de IN, a IN classificatória e a IN composta. Analisamos nos dados que, quando em IN classificatória, o nome incorporado classifica de maneira genérica o objeto do verbo, por exemplo, o tipo de garrafa e o tipo de material usado para abri-la. Quanto à IN composta, verificamos que a transitividade do verbo é alterada, contudo, outro argumento poderia preencher a posição de objeto.

Portanto, podemos concluir que (i) os verbos manuais tendem a apresentar dois tipos de IN: a IN composta e a IN classificatória; (ii) na IN classificatória tanto o objeto quanto o adjunto podem ser incorporados ao verbo para funcionar de forma classificatória na seleção do argumento; e (iii) Na IN composta, temos casos em que ocorre uma dupla incorporação, do objeto e do adjunto.

No tópico seguinte, abordaremos os casos de IN em verbos simples da Libras. Percebemos que esses verbos se comportam de maneira distinta dos verbos tratados neste tópico, uma vez que os verbos simples apresentam o termo genérico para representar a ação verbal.

### 7.2.2 Verbos simples

Os verbos simples são aqueles que não flexionam para estabelecer concordância, seja de número, de pessoa ou de aspecto. Esses verbos geralmente ocorrem ancorados a alguma parte do corpo ou próximo dele.

No dicionário pesquisado, não encontramos nenhum léxico com o verbo simples incorporado ao objeto. Contudo, a partir da pesquisa de Ferreira (2013), ao analisar os verbos COMER e BEBER como verbos simples que incorporam seu objeto, decidimos verificar e confirmar o comportamento desses verbos, em relação à IN, com três pessoas surdas usuárias da Libras, as quais serão denominados de informante 1 (I1), informante 2 (I2) e informante 3 (I3), respectivamente.

Testamos os verbos COMER e BEBER com três argumentos diferentes cada um. Esses argumentos estão discriminados no quadro (28). Começaremos tratando sobre o comportamento do verbo (i) COMER na sinalização dos nossos informantes, em seguida, apresentaremos o comportamento do verbo (ii) BEBER.

**Quadro (28):** Argumentos testados com os verbos COMER e BEBER

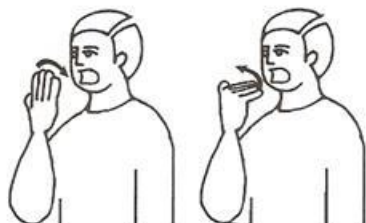
VERBO	ARGUMENTOS
COMER	MAÇÃ
	SALADA
	BANANA
BEBER	CERVEJA
	CAFÉ
	CHÁ

**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

(i) Verbo COMER

Verificamos que o verbo COMER apresenta uma forma genérica, como é demonstrado na figura (105). Realizamos testes com três argumentos para verificar se esse verbo incorporava esses elementos.

**Figura (105) –** Sinal de COMER em Libras



**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 717)

O primeiro teste foi realizado com o argumento MAÇÃ. Temos exposto abaixo o registro da sinalização dos três sujeitos surdos. Nas três, constatamos que o verbo COMER incorporou o argumento MAÇÃ, sendo marcada no verbo por meio da CM em **☞** e de um movimento mais lento, que indica o ato de morder uma maçã.

A II sinalizou uma história que contextualizou a ação de comer uma maçã. Nesse contexto, o verbo incorporado (106a) apareceu mesmo antes de ser marcado na sentença o objeto MAÇÃ (106b). Contudo, analisamos que o argumento incorporado marca no verbo não necessariamente a fruta maçã em específico, mas um grupo de frutas com formato redondo. Dessa forma, o aparecimento da fruta em questão no final da história é que confirma especificamente o objeto incorporado ao verbo (apêndice A).

**Figura (106)** – Sinalização do verbo COMER MAÇÃ por I1



a.



b.

**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

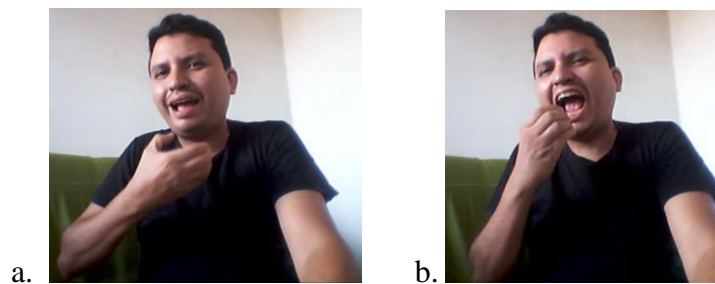
O I3 também sinalizou o verbo complexo (Figura 107) antes da marcação do objeto na sentença. Sendo que essa marcação não foi realizada por meio do sinal específico de MAÇÃ, mas sim por meio da datilologia referente ao termo maçã em Português. O único a marcar o objeto antes do verbo complexo foi o I2, que primeiro sinalizou o agente MULHER, seguido do objeto MAÇÃ (108a) e por fim o verbo incorporado com o objeto COMER-CL:objeto-redondo (108b).

**Figura (107)** – Sinalização do verbo COMER MAÇÃ por I3



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

**Figura (108)** – Sinalização do verbo COMER MAÇÃ por I2



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Analisamos que a ocorrência do verbo incorporado antes do objeto MAÇÃ se dá por conta do processo de lexicalização do uso do verbo incorporado para indicar ‘comer frutas de formato redondo’. Além disso, esses dados analisados estão de acordo com as argumentações de Mithun (1984) ao afirmar que o objeto incorporado pode funcionar de forma classificatória no verbo para selecionar elementos específicos para preencher a função de objeto deixada por ele.

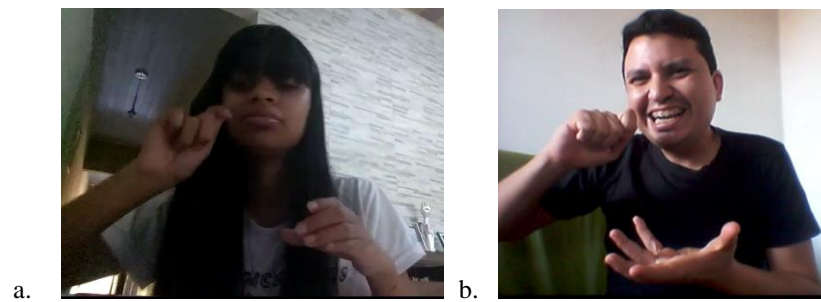
Constatamos que a sinalização do objeto MAÇÃ e do verbo complexo COMER-MAÇÃ são parametricamente parecidas. Contudo, analisamos que há uma diferença na dinâmica do MOV entre esses dois sinais. O nome é articulado com uma dinâmica rápida e o verbo com um dinâmica relaxada, indicando a ação de comer algo.

Sustentamos essa hipótese a partir dos dados com o argumento CAFÉ, no qual verificamos essa mesma diferença na dinâmica do MOV entre os sinais do nome CAFÉ e do verbo complexo BEBER-CAFÉ, que serão demonstrando mais abaixo.

O teste 2 foi realizado com o argumento SALADA. Os três informantes sinalizaram o verbo comer incorporado pelo instrumento utilizado para realizar a ação, no caso em questão: garfo e colher.

A I1 e o I2 usaram a forma verbal incorporada de um argumento classificatório que indica ‘segurar um objeto com cabo’, como uma colher (109a) (109b).

**Figura (109)** – Sinalização do verbo COMER COM TALHER por I1 e por I2



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

De outra maneira, I3 sinalizou o verbo incorporado por um argumento classificatório que denota ‘objeto com garras’, como um garfo (110).

**Figura (110)** – Sinalização do verbo COMER COM TALHER por I3



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Destacamos nesse segundo teste que as ocorrências de IN se aproximam aos tipos de incorporação de classificadores instrumentais de Meir (1999), ou seja, funcionam como IN composta, uma vez que nenhum dos instrumentos é marcado separadamente na sentença e os sinalizantes I2 e I3 não se preocuparam em sinalizar o sinal referente à SALADA, talvez por inferirem o argumento por meio da imagem apresentada a eles. Para nós, isso mostra a tendência do verbo COMER de incorporar o instrumento utilizado para realizar a ação, quando associado a um objeto que não seja incorporável na língua.


O teste 3 foi realizado com o argumento BANANA. Em todos os informantes, esse argumento foi incorporado pelo verbo por meio de CM que representa a maneira de segurar a fruta e um MOV que indica a ação de comer a fruta. Todos os informantes marcaram no discurso primeiro o sinal de BANANA e depois o verbo com o argumento incorporado.

A I1 articula no início da sua sinalização uma construção da forma não incorporada do verbo comer com o argumento banana (111):

**Figura (111)** – Sinalização da forma não incorporada do verbo COMER por I1



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)



No final de sua sinalização ela marca o argumento incorporado ao verbo por meio da CM em  juntamente com o movimento em direção a boca (112).

**Figura (112)** – Sinalização do verbo COMER BANANA por I1

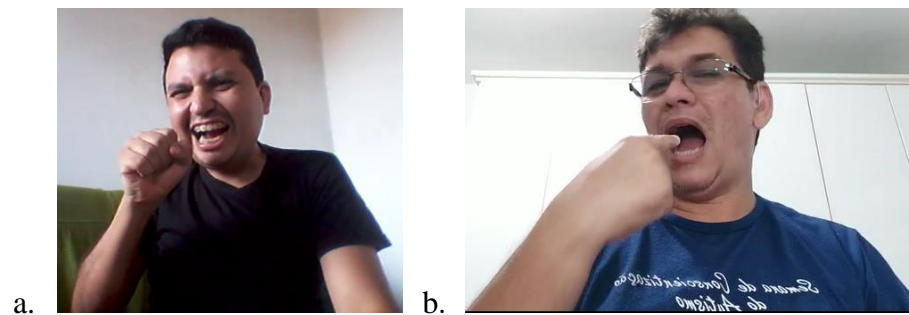


**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Esse dado confirma a ocorrência de incorporação no verbo COMER, uma vez que, num mesmo discurso, a forma incorporada (Figura 112) e a forma não incorporada (Figura 111) ocorrem na sinalização de I1. Dessa maneira, comprova-se que ambas podem ocorrer na língua, como argumenta Mithun (1984).

Os informantes I2 e I3 usam duas CM distintas para marcar a forma incorporada com o verbo COMER. O I2 utiliza a CM em  e o I3 usa a CM em . É interessante a variação na CM para marcar o verbo incorporado, pois cada um indica uma das categorias de Meir (1999) para os classificadores, em I2 (113a) temos uma forma classificatória que indica a maneira de segurar a fruta banana e em I3 (113b) temos uma forma que representa as características do formato da fruta.

**Figura (113)** – Sinalização do verbo COMER BANANA por I2 e por I3



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Nesse sentido, os dados com o argumento BANANA mostram o tipo de IN classificatória. O argumento é marcado separadamente na sentença e uma forma que faz referência a ele é incorporado ao verbo, funcionando de maneira classificatória.

Portanto, constatamos que o verbo simples COMER tem uma tendência pela IN classificatória. O nome incorporado seleciona os argumentos que podem ocupar a posição de objeto do verbo. Além disso, percebemos que, ao usarmos um argumento que não tende ser incorporado pelo verbo, esse incorpora o instrumento utilizado para realizar a ação.

(ii) Verbo BEBER

O verbo BEBER também apresenta uma forma genérica (114). Realizamos testes com três argumentos desse verbo, que são: CERVEJA, CAFÉ e CHÁ. Apresentamos agora como esse verbo se comportou em cada um desses argumentos na sinalização de nossos informantes.

**Figura (114)** – Sinal de BEBER em Libras

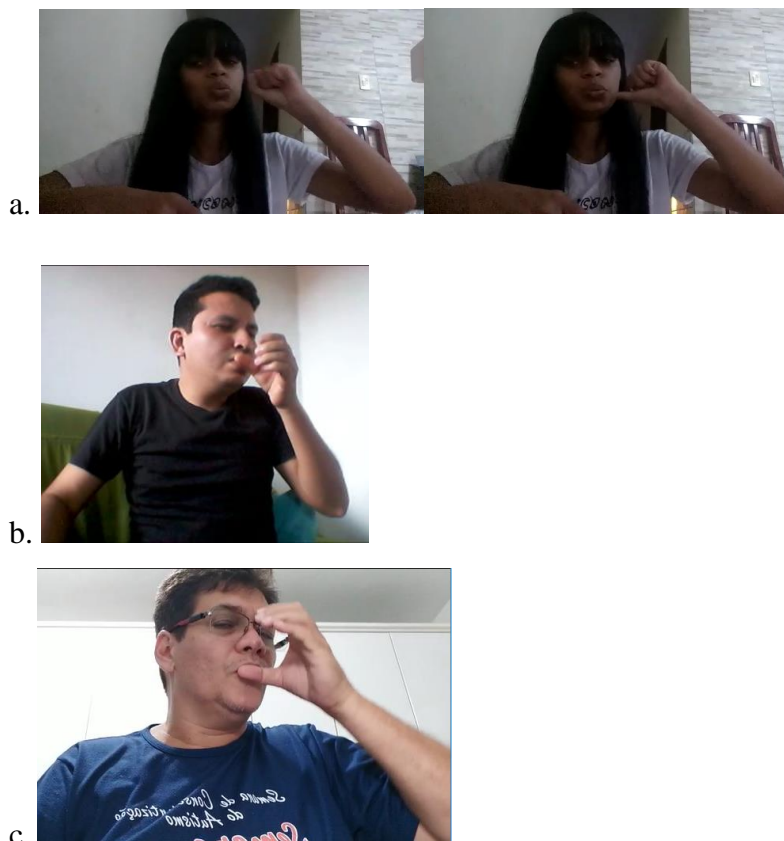


**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 395)




O teste 1 foi realizado com o argumento CERVEJA. Na sinalização dos três informantes, o verbo BEBER incorporou o instrumento utilizado para realizar a ação, o copo, apresentados em (115a), (115b) e (115c).

**Figura (115)** – Sinalização do verbo BEBER COM COPO pelos informantes



**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 395)

A sinalização do três informantes foi parecida quanto à incorporação do instrumento. Em todos, o sinal do referente CERVEJA é realizado anteriormente ao verbo complexo e o movimento da forma verbal genérica em (114) é mantida, sendo somente marcada a CM referente a forma de segurar o instrumento.

O teste 2 foi realizado com o argumento CAFÉ. Constatamos nos três informantes a sinalização do instrumento incorporado ao verbo por meio da CM em , que indica a maneira de segurar a xícara.

A sinalização de II referente ao sinal de CAFÉ aparece em seu discurso de formas parametricamente variadas, mas em todas observamos que há uma similaridade na CM que indicam a maneira dicionarizada de realizar o sinal, como demonstrado em (116).

**Figura (116)** – Sinal de CAFÉ ou BEBER CAFÉ em Libras



**Fonte:** Capovilla *et al.* (2017, p. 504)

Analisamos que esse fato ocorre por conta de, em um primeiro momento a I1 marcou que falaria sobre CAFÉ, conforme visualizado em (117).

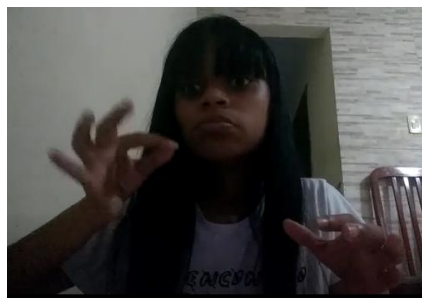
**Figura (117)** - Sinalização do sinal de CAFÉ por I1



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Essa marcação inicial do referente principal faz com que em seu discurso, esse elemento tenha variações que irão indicar algumas ações realizadas com o CAFÉ pelo agente do discurso. Dessa maneira, a própria forma incorporada foi realizada com apenas uma das mãos, indicando a ação de segurar uma xícara e levá-la a boca (118).

**Figura (118)** - Sinalização de uma variante do sinal de CAFÉ por I1



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Os informantes I2 e I3 sinalizaram suas sentenças de maneira bem parecida. Em ambos, o sinal do argumento CAFÉ é realizado antes da IN e a sinalização do referente CAFÉ e o verbo incorporado BEBER-CAFÉ diferem somente no movimento, sendo que,

CAFÉ apresenta um movimento curto, repetido e mais próximo da boca e BEBER-CAFÉ mostra um movimento lento que parte da região próxima à mão passiva e vai em direção a boca. As formas verbais incorporadas são apresentadas em (119a) e (119b).

**Figura (119)** - Sinalização do verbo BEBER COM XÍCARA pelos informantes I2 e I3

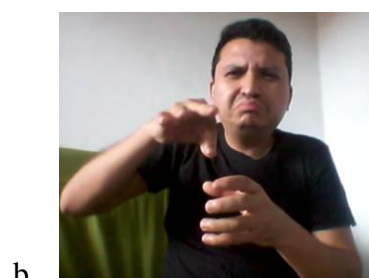
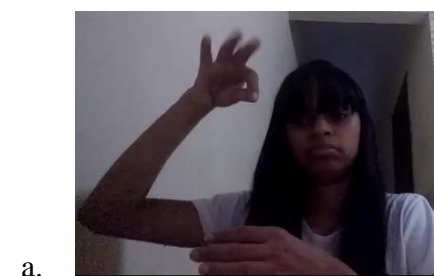


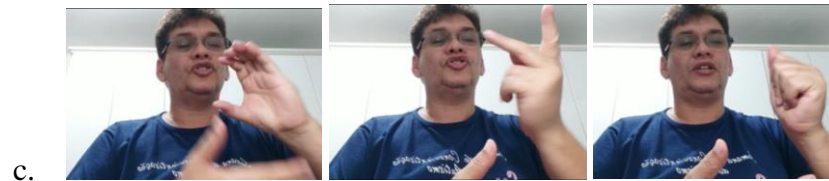
**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Dessa maneira, constatamos neste teste que o verbo BEBER teve uma tendência em incorporar o instrumento. Temos, dessa forma, o tipo de IN classificatória. Contudo, é importante ressaltar que, em alguns contextos, a IN pode funcionar como verbo intransitivo, IN composta, como em: EU BEBER-CL:segurar-xícara ('eu bebo o café').

O teste 3 foi realizado com o argumento CHÁ. Na sinalização de I1 e de I2 um sinal específico para chá é marcado na sentença, como demonstrado em (120a) e (120b) e na sinalização de I3, o objeto é marcado por meio da datilologia referente ao termo 'chá' em português (Figura 120c). Nos três informantes, o objeto CHÁ ocorre anterior ao verbo complexo.

**Figura (120)** – Sinal de CHÁ realizado pelos informantes

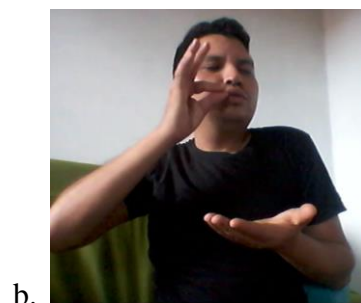
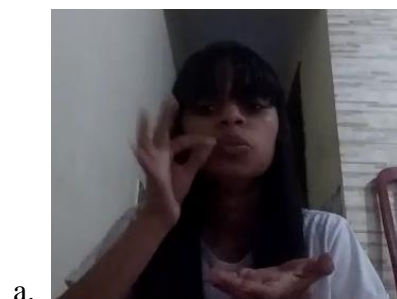




**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Constatamos que a forma incorporada se assemelha à forma incorporada do teste com o argumento CAFÉ. Analisamos que esse fato ocorre justamente por termos a incorporação do instrumento e, em ambos os casos, o instrumento é o mesmo, uma xícara. As formas incorporadas são apresentadas nas figuras (121).

**Figura (121)** - Sinalização do verbo BEBER COM XÍCARA pelos informantes



**Fonte:** elaborado pelo autor (2019)

Entretanto, observamos que a sentença ‘EU BEBER-CL:segurar-xícara’ indica ‘beber café’ e não ‘beber chá’, a não ser em um contexto muito específico em que o assunto seja o chá. Analisamos que esse fato ocorre pela similaridade dos sinais CAFÉ

e da forma incorporada BEBER-CAFÉ, sendo interpretado na maioria dos contextos, em que não temos a marcação explícita do referente, como ‘beber café’.

Então, podemos refletir com os dados de incorporação do verbo BEBER que a tendência desse verbo é incorporar o instrumento utilizado para realizar a ação verbal e o tipo de IN predominante nos dados foi a IN classificatória.

Destarte, temos que nos verbos simples há a prevalência da IN classificatória, que se comportará de forma parecida aos tipos de incorporação dos verbos manuais, ou seja, temos para esses verbos dois tipos de IN classificatória: (i) o verbo incorpora o argumento objeto, mas a valência verbal é satisfeita por um outro argumento que tem relação com o nome incorporado ao verbo e (ii) o verbo incorpora o adjunto e a posição de objeto continua sendo mantida, entretanto, o adjunto incorporado funciona de forma classificatória para a escolha do objeto a satisfazer a valência verbal.

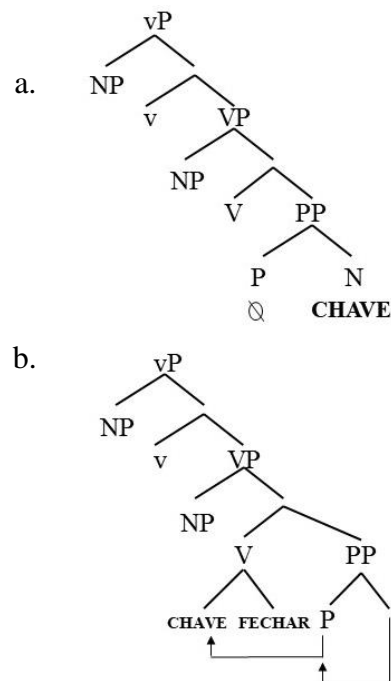
### 7.2.3 Perspectiva sintática da incorporação nominal do adjunto

Para explicarmos a possibilidade de o verbo incorporar o adjunto da frase, ou seja, o instrumento da ação verbal, iremos nos pautar na perspectiva sintática para demonstrar o movimento realizado pelo adjunto para a posição do verbo.

Sabemos que as frases com verbos manuais apresentam uma sentença do tipo SOV (QUADROS; KARNOPP, 2004). Nesse sentido, considerando a análise sintática de IN na Libras feita por Lourenço e Silva (2015), descreveremos o comportamento sintático do verbo FECHAR com o argumento CHAVE, apresentado em nossos dados.

Consideremos a sentença (Figura 100a): ‘EU BAÚ FECHAR-COM-CHAVE’. Nesse exemplo, analisamos que a incorporação ocorre a partir de um movimento sintático da posição de adjunto para a posição do verbo. Contudo, como argumentado por Lourenço e Silva (2015), o verbo manual FECHAR necessita do material fonológico do adjunto CHAVE para se realizar como verbo pleno. Demonstramos esse movimento abaixo.

**Figura (122)** – Movimento sintático do adjunto CHAVE para a posição verbal



**Fonte:** Lourenço e Silva (2015, p. 1721, adaptado)

Dessa maneira, analisamos que as construções com verbos simples em IN também apresentam a ordem SOV. Com isso, realizam o mesmo movimento sintático demonstrado na figura (122). Contudo, o verbo não necessita do material fonológico do adjunto para sua realização plena, uma vez que os verbos simples apresentam uma termo genérico, como COMER e BEBER.

Portanto, argumentamos que a causa da estruturação da sentença ser do tipo SOV se dá não somente por haver na sentença um verbo manual, como afirma Quadros (1999), mas observamos também que quando há IN na sentença, esta tende a se estruturar na ordem SOV. Esses argumentos são justificados pelo comportamento das sentenças com verbos simples em IN se organizarem dessa maneira.

Quanto ao processo de IN apresentado neste tópico, podemos concluir que os verbos da Libras apresentam uma tendência em incorporar instrumentos e argumentos que ocupam a posição de adjunto e objeto, respectivamente. De modo geral, os instrumentos que tendem a ser incorporados são os de uso habitual (talheres, copo, xícara, tesoura, cortador, escova, chave e tampa) e os objetos que tendem à incorporação são as

frutas (maçã e banana), partes do corpo (cabelo, unha e dente) e materiais de casa (porta e janela).

Dito isso, com as descrições feitas neste capítulo, podemos constatar a produtividade dos processos de derivação e de IN Libras. Nossa pesquisa descreveu alguns tipos novos de derivação, principalmente marcados pelo parâmetro MOV. Além disso, tendo em vista que as pesquisas em IN na Libras são pouquíssimas, acreditamos que os dados e discussões apresentadas neste capítulo podem contribuir para fomentar essa área de estudos da Morfologia dentro das LS.

## **CAPÍTULO 8:**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o presente trabalho podemos constatar a relevância de estudos descritivos das LS. As pesquisas sobre esses aspectos favorecem para que possamos evidenciar elementos novos da gramática da Libras e assim difundir essa língua nos mais diversos espaços, principalmente no campo educacional e científico.

Com nossa análise, podemos demonstrar a produtividade dos processos de formação de sinais de derivação e de IN na Libras, apresentando que características paramétricas evidenciam essa produtividade.

No que diz respeito aos tipos de processos derivativos identificados na Libras, nossa pesquisa descreveu a produtividade do parâmetro MOV adicionado infixalmente à base, formando derivações do tipo direcional do MOV, dinâmica do MOV e reduplicação do MOV.

Demonstramos também a produtividade do morfema-base TEXTO para a criação de diversos sinais relacionados a textos escritos.

Além disso, descrevemos dois marcadores de negação sufixais que são afixados à base: pronação do antebraço e marcador -NADA. Por fim, apresentamos o marcador agentivo CL:PESSOA.

Observamos que os marcadores -NADA e CL:PESSOA não se mostraram regulares na Libras, mas os descrevemos como possíveis morfemas em processo de gramaticalização.

A partir dessas reflexões, argumentamos que a afirmação de Johnston (2006), de que os afixos encontrados nas LS são todos sufixos, não se confirma a partir de nossas análises. Uma vez que os afixos descritos em nossos dados, na sua maioria, são infixos. Essa propriedade da Libras se justifica pelo fato dessa língua, como as demais LS, ser uma língua em modalidade visual-gestual que prioriza a simultaneidade na articulação dos sinais.



Quanto à funcionalidade do processo de IN na Libras, descrevemos dois grupos de verbos que incorporam seus argumentos, são eles: verbos manuais e verbos simples. Concluimos que ambos os grupos de verbos apresentam as IN composta e classificatória. Além disso, constatamos nos verbos manuais, casos de dupla incorporação, na qual tanto objeto quanto adjunto foram incorporados pelo verbo.

Por fim, podemos concluir que os verbos da Libras apresentam uma tendência em incorporar argumentos que ocupam a posição de adjunto e objeto. Meir (1999) afirma que há uma tendência de os verbos incorporarem os instrumentos da ação verbal, isso se confirmou em nossos dados, tanto para os verbos manuais quanto para os verbos simples. De modo geral, os instrumentos que tendem a ser incorporados são os de uso habitual.

Nesse sentido, percebemos a relevância dessa pesquisa em contribuir para a descrição desses dois processos morfológicos na Libras. Identificamos categorias novas de derivação na Libras, marcadas principalmente pela produtividade do parâmetro MOV. Na IN, trouxemos algumas reflexões e descrições para esse processo morfológico na Libras a partir de nossas análises sobre os verbos manuais e os verbos simples. Além disso, os diferentes olhares para a IN na Libras mostram a complexidade desse processo de formação de sinais.

De Sena (2017) afirma que o processo de IN nas línguas ocorre de diferentes maneiras, fazendo com que esse fenômeno linguístico seja enquadrado em um processo maior e mais geral. Dessa maneira, Mithun (1984) o classifica como um processo de formação de palavras e Baker (1988) o explica a partir de um movimento sintático.

Contudo, apoiamo-nos em De Sena (2017) para refletimos sobre algumas problemáticas em ambas explicações sobre esse processo. Quanto à hipótese lexicalista, percebemos que alguns casos de IN classificatória apresentam um desafio para essa abordagem, pois a forma não incorporada parece ser o adjunto do núcleo de um sintagma nominal, o que reforçaria a hipótese de um movimento sintático no qual o núcleo de um sintagma nominal se incorpora ao verbo. Na hipótese sintática, o desafio é explicar a assimetria lexical na incorporação dos termos de partes do corpo e frutas em processo de ascensão do possuidor, tendo em vista que essa assimetria lexical é comum em processos de composição de palavras.

As discussões sobre a natureza do processo de IN parecem não chegar a um consenso. O que, de alguma forma, fortalece ainda mais a visão morfossintática para a explicação de alguns fenômenos da língua.

Entretanto, saindo dessa dicotomia, pesquisas semânticas têm surgido para explicar o fenômeno da IN. No trabalho de Farkas e Swart (2003 apud DE SENA, 2017), os autores não se preocupam com a distinção entre Morfologia e Sintaxe, para eles o importante é a “transparência do discurso”. Os pesquisadores afirmam que a classificação dos nomes incorporados dependerá de fatores, como a língua em questão, o número morfológico do nome incorporado e o tipo de anáfora examinada, ou seja, considera questões morfológicas, sintáticas e semânticas.

Dessa maneira, apesar de não considerarmos a abordagem semântica em nossa pesquisa, pretendemos em trabalhos futuros olhar para um conjunto maior de dados da Libras para entendermos o fenômeno da IN com maior profundidade. Além disso, é importante ressaltar que a explicação dos fenômenos linguísticos não precisa estar presa a apenas uma abordagem, mas que, em alguns casos, como demonstramos em nosso trabalho, duas hipóteses podem se complementar na explicação desses fenômenos.

Tendo em vista que para chegar a esses resultados percorremos um processo metodológico usando, principalmente, o sistema SW, percebemos que essa escrita se mostrou bastante eficaz para os nossos objetivos. Com isso, pretendemos que outras pesquisas descritivas de LS possam fazer uso dessa ferramenta, pois ela é uma boa estratégia para realizar a comutação morfológica dos sinais.

Muito mais do que apenas contribuir para os estudos descritivos das LS, objetivamos trazer informações novas para as reflexões descritivas das línguas naturais. Apesar de LS e LO serem realizadas em modalidades diferentes, há aspectos que são compartilhados por ambas as modalidades. Nesse sentido, entendemos que alguns dos conceitos cristalizados sobre as línguas naturais, precisam ser revistos para englobar línguas em modalidade visual-gestual.

Portanto, esperamos corroborar para o avanço dos estudos descritivos da Libras, favorecendo assim o advento de mais materiais consistentes que tratem sobre essas questões. Somado a isso, desejamos que esse estudo possa contribuir no processo de inclusão do surdo e de sua língua na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARONOFF, M; FUDEMAN, K. **What is morphology?**. 2º Ed. Willey-Blackwell, 2011.

ARONOFF, M. MEIR, I. SANDLER, W. **The paradox of sign language morphology**. Language (Baltim), 2005. p. 301-344.

ARONOFF, M. MEIR, I. PADDEN, C. SANDLER. Classifier complexes and morphology in two sign languages. In EMMOREY, K. (ed.). **Perspectives on Classifiers Constructions in Sign Languages**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 53-84.

BAKER, M. **Incorporation: A theory of grammatical function changing**. Ph.D. dissertation. University of Chicago, 1988.

BAKER, A. PFAU, R. Constituents and word classes. In BAKER, A. BOGAERD, B. V. PFAU, R. SCHERMER, T. **The linguistics of sign language: an introduction**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016. Cap. 5. p. 93-115.

BAKER, A. BOGAERD, B. V. PFAU, R. SCHERMER, T. **The linguistics of sign language: an introduction**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016.

BARRETO, M. BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistérios**. 2º ed. rev. Salvador, v. 1: Libras escrita, 2015.

BASILIO, M. **Em torno da palavra como unidade lexical: Palavras e composições**. Veredas, revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora, 2000. v. 4, n. 2, p. 9 a 18.

BATTISON, Robbin. Analysing Signs. In: VALLI, Clayton; LUCCAS, Ceil; MULROONEY, Kristin J. **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. 4ª ed. Washington, Dc: Clerc Books, 2005. Cap. 6, p. 193-212.

BLOOMFIELD, L. **Language**. London: George Allen e Unwin, 1933.

BOOIJ, G. Compounding. In: \_\_\_\_\_. **An introduction to linguistic morphology**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 75-95.

BOOIJ, G. Inflection. In: \_\_\_\_\_. **An introduction to linguistic morphology**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 99-124.

BYBEE, J. L. **Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form**. Amsterdam: Benjamins, 1985.

CAPOVILLA, Fernando César. RAPHAEL, Walkiria Duarte. TEMOTEO, Janice Gonçalves. MARTINS, Antonielle Cantarelli (2017). **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo.

COUTO, R. C. T. **Aprendendo Língua de Sinais**. Belém, 2007.

DE SENA, D. F. L. **Aspectos semânticos e morfossintáticos da incorporação nominal**. 2017. Dissertação (mestrado). São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2017.

DINIZ, Heloise Gripp. (2010). **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis-SC.

FABB, Nigel. Compounding. In: ANDREW, S. ZWICKY, A. M. (org.). **The Handbook of Morphology**. Blackwell Publishing, 2001. Blackwell Reference Disponível em: [http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631226949\\_chunk\\_g97806312269496](http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631226949_chunk_g97806312269496) Acesso em 10 de dezembro 2018.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da LSB: uma proposta lexicográfica**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2009.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In QUADROS, Ronice Muller de. STUMPF, Marianne Rossi. LEITE, Tarcísio de Arantes, (orgs.). **Série de estudos de língua de sinais**. V.I. Florianópolis: Insular, 2013.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. In: **ETD - Educação Temática Digital**. 2, pp. 200-217, 2006. URN: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-101710>.

FENLON, J. CORMIER, K. BRENTARI, D. (in press). The phonology of sign languages. In S. J. Hannahs & A. Bosch (Eds.), **The Routledge Handbook of Phonological Theory: Routledge**.

FERREIRA, G. A. **Um estudo sobre os verbos manuais da língua de sinais brasileira**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. [reimpre.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995 [2010].

FERREIRA-BRITO, L. **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB**. Espaço informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, v. 1, p.20-43, 1990.

FERREIRA-BRITO, L. Língua Brasileira de Sinais – Libras. In FERREIRA-BRITO, L. et al. (org.). **Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais**. Secretaria de Educação Especial. V III - série Atualidades Pedagógicas, n. 4. Brasília: SEESP, 1997. p. 19-61.

GERDTS, D. B. Incorporation In SPENCER, A. ARNOLD, M. Z. (org.). **The Handbook of Morphology**. Blackwell Publishing, 2001. Disponível em [http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631226949\\_chunk\\_g97806312269497](http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631226949_chunk_g97806312269497). Acesso em 10 Dezembro 2018

- JOHNSTON, T. **Sign Language: Morphology**. Sidney: Macquarie University, 2006.
- KLIMA, E. S. BELUGGI, U. **The signs of languages**. Cabridge, MA: Harvard University Press, 1979.
- KOOIJ, E. V. CRASBORN, O. Phonology. In BAKER, A. BOGAERD, B. V. PFAU, R. SCHERMER, T. **The linguistics of sign language: na introduction**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016. Cap. 11, p. 251-278.
- LOURENÇO, G. SILVA, G. M. **Verbos manuais em libras: uma análise sob a perspectiva da incorporação** In: Congresso Internacional da ABRALIN, n. 9, 2015, Belém, PA. Anais [...]. Belém: ABRALIN, PPGL. UFPA, 2015. p. 1716-1727.
- MARINHO, M. L. **Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras.
- MEIR, R. P. Verb classifier as noun incorporation in Israeli Sign Language In. BOOIJ, G. MARLE, J. V. **Yearbook of Morphology**. Dordrecht, NLD: Kluwer Academic Publishers, 1999.
- MEIR, R. P. Why Different? why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. In MEIER, R. P; CORMIER, K. A; QUINTO POZOS, D. **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- MITHUN, M. The evolution of noun incorporation. **Language** v.60.4, p. 847 - 894. Washington: Linguistic Society of America, 1984.
- MITHUN, M. Morphology: what's in a word? In: GENETTI, C. **How languages work: an introduction to language and linguistic**. Cambridge University Press, 2014. P. 71-99.
- PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- PETTER, M. M. T. (2014). Morfologia. In FIORIN, José Luiz, (org.). **Introdução à linguística II: princípios de análise**. 5º ed., 2º reimpressão. São Paulo: contexto, 2014.
- PFAU, R. Morphology. In BAKER, A. BOGAERD, B. V. PFAU, R. SCHERMER, T. **The linguistics of sign language: an introduction**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016. Cap. 9. p. 197-228.
- QUADROS, R. M. **Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.168-178, jun. 2006.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **Um capítulo da história do *Sign Writing*** [online]. Disponível em: < <http://www.signwriting.org/archive/docs1/sw0065-BR-Historia-SW.pdf> >. Acesso em 10 de julho de 2018.

QUADROS, R. M. **Phrase structure of Brazilian sign language**. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M. KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. LEITE, T. A. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, M. R. QUADROS, R. M. LEITE, T. A. **Estudos da língua brasileira de sinais**. V.II. Florianópolis: Insular. 2014.

ROCHA, S. **O INES e a educação de surdos no Brasil**. Vol. 01, 2ª edição (DEZ/2008). Rio de Janeiro: INES, 2008.

ROSEN, S. T. Two Types of Noun Incorporation: A Lexical Analysis. **Language**. nº 65, p. 294-317, 1989.

SALLES, H. M. M. L. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SANDALO, M. F. S. Morfologia. In MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Ana Cristina, (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Volume 1, 9ª ed. ver. São Paulo: Cortez, 2012.

SANDLER, W. **The Phonological Organization of Sign Languages**. Lang Linguist Compass. 2012 March 1; 6(3): 162–182.

SANDLER, W. The Phonology of Movement in Sign Language. In OOSTENDORP, M. V. EWEN, C. J. HUME, E. RICE, K. **The Blackwell Companion to Phonology**. Wiley –Blackwell. 2011. Vol. 5, cap. 24, p. 577-603.

SANDLER, W. LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and Linguistic universals**. New York-EUA: Cambridge University Press. 2006. p. 344-350.

SANDLER, W. **The Challenge of sign language phonology**. Annu. Rev. Linguistic. 2017.3: 43-63. Disponível em: [www.annualreview.org](http://www.annualreview.org) Acesso em: 25 ago 2018.

SANTOS, P. C. SOUZA, R. S. Fonologia In FIORIN, José Luiz, (org.). **Introdução à linguística II: princípios de análise**. 5ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2014. Cap. 2, p. 33-58.

SCHERMER, T. Lexicon. In BAKER, Anne. BOGAERD, Beppie Van Den. PFAU, Rolando. SCHERMER, Trude. **The Linguistic Of Sign Language: an introduction**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. **História da educação de surdos**. UFSC: licenciatura em letras libras na modalidade a distância, 2009.

STUMPF, M. **Aprendizagem De Escrita De Língua De Sinais Pelo Sistema SignWriting: Línguas De Sinais No Papel E No Computador**. Porto Alegre: Ufrgs, 2005. Tese (Doutorado Em Informática Na Educação), Pós-Graduação Em Informática Na Educação, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, 2005.

STUMPF, M. O estado da arte da escrita de língua de sinais pelo sistema *Sign Writing*: uma meta-análise. In: BIDARRA, J. MARTINS, T. A. SEIDE, M. S. (Org.). **Entre a Libras e o Português: desafios face ao bilinguismo**. Cascavel, PR: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016.

SUPALLA, T. NEWPORT, E. (1978). How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in american sign language. In: SIPLE, P. (ed.). **Understanding language**.

WRIGLEY, Oliver. **Política da surdez**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.


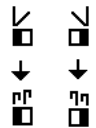






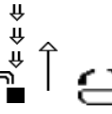

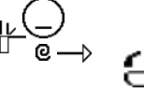




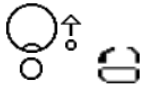
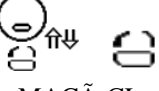
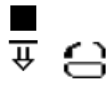
XAVIER, A. N. NEVES, S. L. G. **Descrição de Aspectos Morfológicos da Libras**. Revista Sinalizar, v.1, n.2, p. 130-151, jul./dez. 2016.

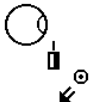


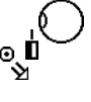









## **APÊNDICE**







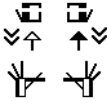









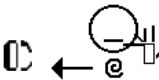
APÊNDICE A - Transcrição dos vídeos dos informantes da pesquisa:







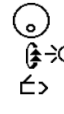

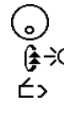
(i) verbo COMER com o argumento MAÇÃ

INFORMANTE 1		
 VER  PERCEBER  O-QUE?  COMPRAR  PAGAR  aPEGAR- CL:alimento-redondo	 INDEXa  LAVAR-AS-MÃOS  ANDAR-CL:pessoa- COM-aCL:segurar- alimento-redondo  COMER-aCL: alimento-redondo  DELICIOSO-aCL: segurar- alimento- redondo  INDEXa	 POSSÍVEL  FELIZ  INDEXa  BOM-aCL: segurar- alimento- redondo  aMAÇÃ-CL: segurar- alimento- redondo  SIM-aCL: segurar- alimento-redondo
<p>“[A mulher] Percebeu que tinha uma fruta a venda, resolveu comprar. Lavou as mãos e começou a caminhar com a fruta nas mãos. Depois comeu, estava deliciosa. Ficou feliz. Essa fruta é boa. Era maçã sim”</p>		




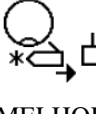










INFORMANTE 2	INFORMANTE 3	
 <p>MULHER</p>  <p>MAÇÃ</p>  <p>COMER-CL:alimento-redondo</p> <p>'A mulher come a maçã'</p>	 <p>MULHERa</p>  <p>INDEXa</p>  <p>MUITO</p>  <p>FELIZ</p>  <p>PEGAR-CL:alimento-redondo</p>	 <p>bCOMER-CL:alimento-redondo</p>  <p>INDEXb</p>  <p>M-A-Ç-Ã</p>  <p>INDEXb</p>  <p>bCOMER-CL:alimento-redondo</p> <p>'A mulher come a maçã, muito feliz'</p>

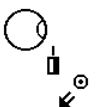




(ii) verbo COMER com o argumento SALADA

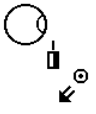
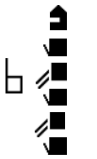
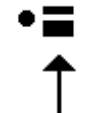



INFORMANTE 1		
 <p>FAZER</p>  <p>PREPARAR</p>  <p>VASILHAa</p>  <p>O-QUÊ?</p>  <p>TUDO</p>	 <p>OLHE</p>  <p>CORTAR-EM-RODELAS</p>  <p>PREPARAR</p>  <p>MISTURAR</p>  <p>MEXER</p>	 <p>COLOCAR-AZEITE</p>  <p>VASILHAa</p>  <p>INDEXa</p>  <p>COMER-COM-TALHER</p>  <p>DELICIOSO</p>
<p>'Em uma vasilha coloque tudo, veja, coloque verduras em rodela, mexa, coloque azeite e depois coma essa salada deliciosa'</p>		

INFORMANTE 2	INFORMANTE 3	
 CRIANÇA  VASILHA  COLOCAR-GARFO  COMER-COM-TALHER	 MENINO  COMER-COM-TALHER	 COMER-COM-GARFO  SORRISO  COMER-COM-GARFO
'A criança comeu com garfo [a salada]' 	'O menino comeu com garfo [a salada]' 	


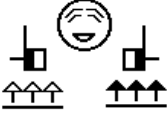







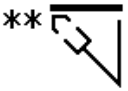

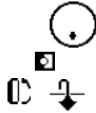



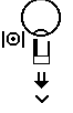
(iii) verbo comer com o argumento BANANA

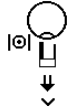
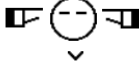











INFORMANTE 1		
 BANANA  COMER  DIARIAMENTE  MELHOR  EU	 ANDAR-PESSOA  VER  PEGAR  aSEGURAR-CL: alimento-grosso  INDEXa	 O-QUÊ?  DESCASCAR-CL: alimento-grosso  INDEXa  COMER-CL: alimento-grosso
'É bom comer banana diariamente. Estava caminhando quando vi uma banana, a descasquei e depois comi' 		





























INFORMANTE 2	
 MULHER	 BANANA
 AMARELO	 COMER- CL:segurar- comida-grossa
 CABELO	
'A mulher loira comeu a banana'	

INFORMANTE 3	
 MULHER	 B-A-N-A-N-A
 PEGAR	 INDEXa
 aBANANA	 COMER- BANANA
'A mulher pega a banana e come'	





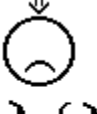


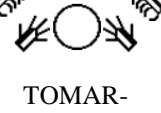





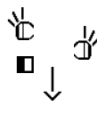

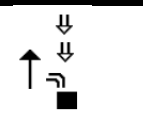



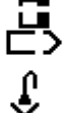





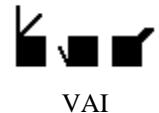








(iv) verbo BEBER com o argumento CERVEJA

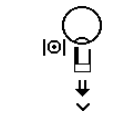

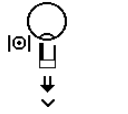

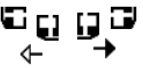



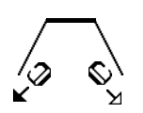

INFORMANTE 1		
 GARRAFA	 DIVERSÃO	 TIRAR-TAMPA
 TIRAR-TAMPA	 DANÇAR	 COLOCAR-CL:colocar líquido de um recipiente em outro
 VAMOS	 DANÇAR	 CL:mexer-objeto-cilindrico
 AMIGO	 COMPRAR	 BEBER
 OUVINTE	 PEGAR-CL:segurar-objeto-comprido	 PORRE
 HOMEM		
<p>‘Abro uma garrafa de cerveja e convido os amigos ouvinte para se divertir e dançar. Compro outra cerveja, coloco no copo e bebo. Depois fico porre’</p>		

INFORMANTE 2	
 ↓ HOMEM  ↓ OLHOS FECHADOS  ↓ INDEXa  ↓ CERVEJAa	   ↓ ESPUMAR   ↓ INDEXa   ↓ GELADO   ↓ BEBER-COM-COPO
'O homem, de olhos fechados, bebe uma cerveja gelada espumando'	









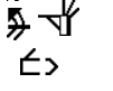


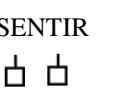
INFORMANTE 3	
   ↓ DERRAMAR   ↓ INDEXa   ↓ GELADO   ↓ BEBER-COM-COPO	               ↓ C-E-R-V-E-J-A   ↓ CERVEJA   ↓ BEBER-COM-COPO
'Beber uma cerveja gelada espumando'	

(v) Verbo BEBER com o argumento CAFÉ

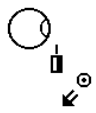










INFORMANTE 1					
 IPESSOA  DORMIR  ACORDAR  SENTIR  CANSADO  SONO	 CALMA  TOMAR-BANHO  ARRUMAR  GRAVATA  PRETO  OBJETIVO	 EU  CAFÉ  COMPRAR <hr/>  CL: pessoa-andar  DIRIGIR-CARRO  CHAMAR	 FALAR  AJUDE-ME  FALAR  O-QUE?  CAFÉ  PEDIR <hr/>	 EU  VAI  ANOTAR <hr/>  ENTREGAR-CAFÉ <hr/>  O-QUE?  BEBER-CAFÉ <hr/>  SENTIR	 FORTE  LIGADO  BEM
<p>“Ao acordar me sinto cansado e sonolento, mas tomo um banho, me arrumo e coloco uma gravata preta. Decido que comprarei um café. Vou no meu carro, dirigindo... Chego no estabelecimento e peço um café, - me veja um café, o atendente – ok, vou anotar. Ele me entrega o café e eu o tomo. Sinto que minhas forças ficam renovadas, fico mais ligados me sentindo melhor”</p>					

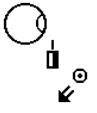




INFORMANTE 2		INFORMANTE 3	
			
HOMEM	INDEXa	HOMEM	CAFÉ
			
	CAFÉ	PEGAR	CAFÉ
			BEBER-CAFÉ
PALETÓ	BEBER-CAFÉ	‘O homem bebe o café’	
‘O homem de paletó bebe o café’			

(vi) Verbo BEBER com o argumento CHÁ

INFORMANTE 1		
		
COMER	INSUPORTAVÉL	FOGO
		
SENTIR	NÃO-ADIANTA	TOMAR-CHÁ
		
FORTE	MAS	SENTIR
		
DOR	CHÁ	BEM
<p>“Comer algo que possa fazer você se sentir mal, com uma dor insuportável que não passa. Mas, se tomar um chá quente, se sentirá melhor”</p>		



INFORMANTE 2		
		
MULHER	INDEXa ** 7□	CHÁ
		
aBEBER- CL:segurar- xicara	VIDRO	CL:segurar-alça
		
COPOS	INDEXa	BEBER- CL:segurar- xicara
		
INDEXa	PARECE	
‘A mulher toma chá na xícara’		

INFORMANTE 3	
	
MULHER	C-H-Á
	
PEGAR	BEBER-CHÁ
	
CHÁ	
‘A mulher bebe o chá’	